Silva Pinto

Ao Correr do Pello

AO CORRER DO PELLO

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/aocorrerdopello100silv

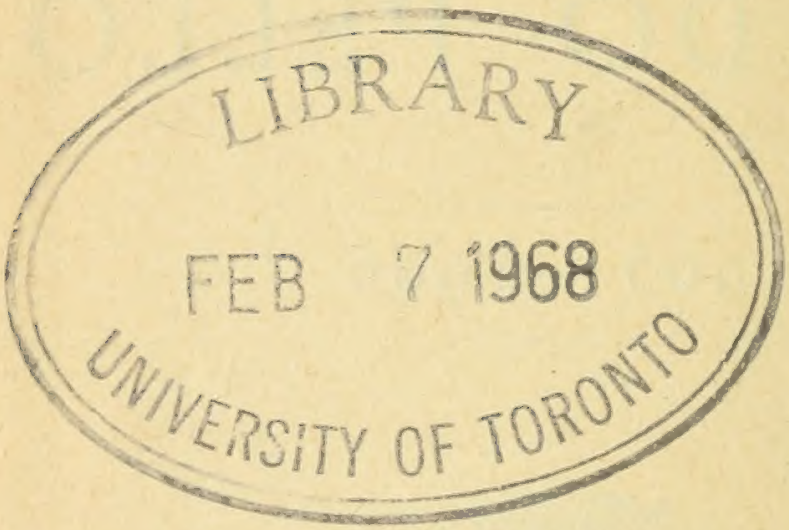
SILVA PINTO

AO CORRER DO PELLO

1905 — 1906

1906
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
E OFFICINAS TYPOGRAPHICA E DE ENCADERNAÇÃO
Movidas a electricidade
Rua Augusta — 44 a 54
LISBOA

PQ
9261
S55C64



1906
OFFICINAS TYPOGRAPHICA E DE ENCADERNAÇÃO
Movidas a electricidade
DA
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
Rua Augusta, 44, 46 e 48, 1.º andar
LISBOA

A

CAMILLO CASTELLO BRANCO

— Mestre! Até já!

1906.

Silva Pinto.

PREFACIO

E' este o meu derradeiro livro publicado *emquanto eu estou vivo.* Irei preparando materiaes para *O Meu ultimo livro*—destinado a publicação posthuma. Não importa este projecto a ideia de fugir, estando morto, a graves responsabilidades: para mim já não ha na vida responsabilidades graves. Deriva-se o meu plano de uma tendencia á *concentração do espirito:* o meu livro posthumo será uma compilação de paginas escolhidas com serenidade: um despontar de arestas do trabalho *à la diable:* meditações para todos, e para o critico—revelações.

Ignoro se as quinze mil paginas por mim escriptas desabarão sobre o trabalhador, á falta de excellencia dos materiaes empregados na construcção do edificio. Talvez. Certo é que não esperei construir monumento imperecivel, ou sequer para uma posteridade de seis mezes. Trabalhei sempre, mais *para esquecer maguas* do que por differente motivo. Outros se embriagam para tal fim. Depois, em harmonia com o meu destino desgraçado e com um doloroso retrahimento moral, consequente, enveredei com a minha actividade pelo caminho do Protesto. Fui pelos pequenos, pelos opprimidos e pelos injustamente desprezados. Claro é que não aspirei a gratidões e que contei com os resentimentos.

Reparo agora que estou falando do Passado como se da Vida eu já sahira. Deploravel feição funérea, que me vem da infan-

cia! Disse eu, ha pouco, que talvez a minha *obra* me cobrisse, com os escombros da derrocada, logo depois da minha morte. Confesso que não sou indifferente a essa miseranda hypothese em perspectiva. Eu desejaria que alguma pagina minha sobrevivesse—pelo menos durante a vida dos raros corações bons que me amaram até ao ponto de me julgarem *util* n'este mundo...

1905 — 1906

I

29 de janeiro, 1905. — Tem sido, por vezes, annunciada a vinda a Portugal do escriptor francez Jules Claretie, afim de dar uma lição litteraria aos escriptores portuguezes, no theatro D. Amelia, de Lisboa. Tem-se malogrado a vinda, com grande desgosto do meu excellente Antonio Manoel, secretario da empreza d'aquelle theatro, o qual cavalheiro já fizera constar em gazetas a chegada de mais aquella *primeira actriz do mundo* — como elle chama a todas as creaturas que se destinam ao theatro D. Amelia — machos ou femeas, ou pelo contrario.

Tambem me tem custado a falta da projectada lição. Aprender até morrer; e aos que não conhecem perfeitamente o feitio litterario de mais aquella *primeira actriz do mundo*, não deixaria eu de offerecer, *ad hoc* traduzidas, as duas pa-

ginas que lhe consagrou Zola, no seu excellente estudo *Os romancistas contemporaneos*.

Ora, emquanto á rua do Thesouro Velho, em frente do chafariz, não chega aquelle phenomeno, com a sua lição á rapaziada, deixem-me dizer-lhes que, a proposito da admiravel Louise Michel, tem elle escripto coisas, que o *Popular* tem publicado, traduzindo-as, e que hontem assim terminavam:

«A *Virgem vermelha*, virgem nascida para ser mãe, como todas as mulheres, e soffrer como todas as mães.»

Peço ao excellente Antonio Manoel que leia o que eu vou escrevendo:

— Nem todas as mulheres são mães. Talvez o não seja a maior parte d'ellas.

— Nem todas as mães soffrem: para não sentirem as dores do parto, basta-lhes o chloral; para não soffrerem com as desgraças dos filhos, basta que elles sejam felizes.

... Que diz o meu caro Antonio Manoel? Para taes incongruencias já cá tinhamos... não digo — para não ferir os patétinhas.

Algo a proposito:

E' maravilhosa a exactidão pratica e diaria d'estas *conjecturas* do philosopho Tiberio:

—«Não vale a pena castigar offensas. A pratica da vida ensina que ao offendido, — quando não considere o offensor desprezivel por estupido ou por infame, — bastará *pôr-se á janella* e esperar os acontecimentos. Ha de vêr engalfinhados e sovados patifinhos e patifões, do que tomará nota. E ha de louvar a Providencia, que toma a seu cargo taes *liquidações*.»

E' bem pensado ou não é?

II

5 de fevereiro. — São 9 horas da manhã. Lanço mão do *Diario de Noticias* e deixo correr a vista pelos telegrammas *A familia real em Villa Viçosa*. Eis o que o diabo do correspondente telegrapha:

«*Villa Viçosa, 1, ás 8,45 m.* — O sr. D Carlos, o principe e a maior parte dos convidados fo-

ram hontem, logo de manhã, para a Tapada, almoçando no sitio do Marco da Lua.

«A rainha, de manhã, saiu a passear a cavallo, e almoçou no paço.

«*Villa Viçosa*, *1*, *ás 10,44 n.* — El-rei, os principes e os convidados foram para a Tapada todo o dia, almoçando no sitio do Marco da Lua.

«A rainha tambem foi almoçar á Tapada.

«*Villa Viçosa*, *2*. — El-rei esteve esta manhã na Tapada e sua magestade a rainha saiu a pé.

«Depois serviu-se o almoço.»

... Dianho de chronista! Tanto fez que me despertou o appetite! Vou-me ao bacalhau, que está cosido.

Emquanto me deixam comer.

Naco de historia patria contemporanea. E' do *Seculo* de hontem:

«O Estado, longe de exigir alguma coisa do muito a que tem direito, tem-se visto sempre na desesperada collisão de escancarar os seus cofres aos mais audaciosos exploradores. A' porta fechada, é que elles medram; á porta fechada, que tanto vale tratar pelas encruzilhadas, é que elles nos põem a faca aos peitos. *Exigir-se-lhe tudo o que é possivel* não passa de um sarcasmo infame, quando o sr. José Luciano sabe, como sabe toda a gente, que á porta fechada são elles que nos exigem a bolsa ou a vida!»

Assim é, com absoluta indifferença dos *80 a 90* %. E diz-me d'alli aquelle politico: — «Que será *de nós*, se o Burnay nos falta?»

Nós: — Elles!

Reportagem patusca. De um jornal de hontem:

«Nada ha, porém, que intimide os gatunos hespanhoes, peritos em taes trabalhos, e que,

em forjando um plano, por mais audacioso que seja, para haverem ás mãos uma duzia de contos de réis, hão de forçosamente realisal-o.»

Um gatuno portuguez, filado pela policia ao furtar doze vintens, lê aquillo e brada:

— «Roubam *forçosamente* os 12 contos? Vou naturalisar-me hespanhol!»

E vae. E assim se dissolvem as sociedades!

Telegrapham do paiz què foi dos Boers:

«Em Johannesburgo foi lançada a ideia de se abrir uma subscripção nacional, para se offerecer ao rei Eduardo o diamante ha dias encontrado nas minas do Rand e que é o maior que se conhece, valendo 300 milhões.»

Para o tal rei, hein? Pois, senhores, o commentario — para os subscriptores — prohibe a decencia publical-o.

E' pena.

Do *Popular* :

«O quarteto da denuncia sahiu hontem assim. O *Mundo* continua com as aggressões ao sr. Luciano de Castro, sem coisa nova.»

Talvez quizesse remendo novo em panno velho!

III

27 de fevereiro. — Vejo publicado que o sr. ministro das obras publicas foi hontem procurado por uma commissão delegada da Associação dos Vendedores de vinhos a retalho, que lhe entregou uma representação, pedindo que a fiscalisação dos generos alimenticios vá até aos vendedores por grosso, não se limitando aos vendedores a retalho, pois o que actualmente se pratica tem dado origem á injustiça de serem julgados e condemnados por falsificação alguns pequenos vendedores, quando elles apenas venderam ao publico os generos como os receberam dos seus fornecedores.

Algo de justiça apparece em tal representação: é no pedido para generalisar a vigilancia; mas tambem é certissimo que dos *vendedores a retalho* soffre horrores o pobre publico. E' no leite, no vinho, no azeite, no peixe, na fructa, na carne ensacada, etc., etc. Até mesmo ha uma classe — a dos azeiteiros — que rende muito, por contracto, a certa fiscalisação. Eu sei.

Accresce que os consumidores pobres teem de calar-se, ao descobrirem as ladroeiras e as falsificações, sob pena de se lhes acabar o *credito*. Pois não sabiam?

Ora aqui está *um assumpto* permanente!

Parece que o sr. ministro da fazenda vae tratar (diz o *Diario de Noticias)* de tornar supportavel a sorte dos desventurados amanuenses, no tocante aos vencimentos dos tristes.

Se assim o fizer, o sr. Espregueira conseguirá apagar um tanto a impressão que deixou a sua crueldade para com algumas dezenas de empregados do sello. Elles lembram-se.

Paris, *26*. — O *New-York-Herald*, edição de Paris, publica um artigo advogando a ideia, que diz ter por principal apologista o sr. marquez de Soveral, de transformar o Monte-Estoril n'um novo Monte-Carlo.

... Cartas na meza, ó Lusos!

Vejo impresso este pedaço de prosa, que eu não conhecia, de João de Deus:

«Crença, scepticismo e cinismo — o passado, o presente e o futuro da maior parte dos homens! a adolescencia, a virilidade e a decrepitude da alma! o sentimento, a intelligencia e a materia! a fé, a philosophia e a sensualidade! o coração, a cabeça e o corpo! a mulher, o homem e o tigre! a innocencia, a virtude e o crime! o ceo, a terra e o inferno!»

Bonito; mas Camillo Castello Branco resumiu: — *Coração*, *Cabeça e Estomago*.

Melhor.

IV

1 de março. — A chamada *questão dos Tabacos e dos Phosphoros* attingiu o ponto de aggressão pessoal em que a vulgar cortezia impede intervenção de quem não é para alli chamado. N'estas condições, é só para uma *applicação litteraria*, adiante realizada, que eu reproduzo as seguintes palavras de um orgão *regenerador* em Lisboa:

«O paiz não pode estar á mercê d'este espirito de feira que invadiu os negocios publicos. Não pode estar á mercê d'um homem doente, embora tenha para com elle todas as attenções pessoaes devidas á sua cathegoria e aos seus meritos passados; não póde deixar-se manietar por uma politica de saias, entregando a senhoras os negocios que devem ser dirigidos por ministros responsaveis; e sobretudo não póde, não deve tolerar que esses ministros, que eram homens do parlamento e da imprensa, luctadores das camaras, sejam tratados como bonecos de pau por um enfermo e pelas saias que o mandam e que

se intrometteram de vez na direcção de toda a politica e de todos os ministerios.

«Se os homens que estão no poder não pódem governar, não teem independencia, e se sujeitam a ser mandados d'esta maneira, se se não pejam do desprestigio que os attinge, reflictam ao menos no mal que causam ao paiz, e demittam-se, para que governe quem tenha a responsabilidade das suas acções e das suas palavras»

*

* *

Não discutirei se o paiz póde, ou não póde, estar á mercê de *espiritos de feira*. Tanto póde, que vae estando, ha um horror de annos, e não lhe vejo cara para mudar de vida. O que, porém, me desperta uma especial attenção é aquillo das *pessoas femininas de familia* a intervirem nos negocios publicos. Se me não falha a memoria, os regeneradores, nos aureos tempos de Fontes e Barjona de Freitas, não se livraram da accusação de ás *hetairas* e quejandas cavalônas haverem relaxado a coisa publica. O que era muito

peior e mais melindroso do que a acção de *pessoas de familia.*

E muito a proposito vem isto da *Brazileira de Prazins*, de Camillo Castello Branco. Representa-se n'uma eira do Alto Minho o *Medico fingido*, estando presente o Verissimo, intrujão que quer passar por D. Miguel I. O labroste que faz de *Mathilde* escorrega, arregaçam-se-lhe as saias e... não usava calcinhas. Foi o dia de juizo!

Fala Camillo Castello Branco:

«Começou a debandar o auditorio, em grande algazarra. Verissimo parecia esperar que o galã, o Rêlhas Junior, se despisse, para se retirar. O Gonçalves perguntava-lhe: — E que tal esteve a chalaça, senhor? Má mez pr'ó homem, que se mais tivesse mais punha ó léo, — e voltando-se para o abbade que, a pedido do Nunes, guardava respeitosa distancia: — O' sr. abbade! coisa assim não consta! Eu, se me succedesse uma d'aquellas, mettia a cabeça n'um folle.

«—São acasos, disse Verissimo com indulgencia. — Não se lembrou que estava vestido de senhora.

«O abbade ganhou animo, abeirou-se do Gonçalves, cumprimentando o outro ceremoniosamente, e disse:

«—O entremez não presta para nada. Se o homem não cahisse, ninguem se ria.

— Provavelmente... — assentiu o Verissimo, correspondendo á cortezia do Torquato Nunes, que parecia approximar-se mais acanhado.

— Estes casos de escorregar, accrescentou o desconhecido, acontecem nos primeiros theatros do mundo e até nas salas onde se dança; e de ordinario as senhoras que desastradamente cáem são verdadeiras senhoras. E' muito peor e mais melindroso.

«O abbade e o Nunes com muitos gestos affirmativos — que sim, que era muito peor, e mais melindroso, muito mais.»

*

* *

... Nos tempos aureos de Fontes e Barjona — *muito peor e mais melindroso, muito mais!* Não me digam que não!

Um dia d'estes, deu o *Popular* extranheza ao manifesto, a proposito da dispendiosa viagem de um general inspector, — viagem mais util e menos dispendiosa do que outras que nós sabemos e pagamos.

E disse o *Popular* que o general, com todo o seu estado maior, parecia ir inspeccionar os exercitos de Xerxes.

Allusão aos milhões de soldados d'aquelle sujeito; mas que se imagina que respondeu o *Jornal da Manhã* e orgão progressista?

«... Falla em Xerxes, no eminente general que tão brilhantemente dirigiu a retirada dos *dez mil*, faz quasi uma dissertação historica a proposito do caso e nada mais.»

Valha-me Deus com esta gente que nada estuda! Xerxes foi o rei da Persia, derrotado na batalha naval de Salamina pelo grego Themistocles. O homem que dirigiu a *retirada dos dez mil* foi Xenofonte, ainda hoje considerado, por tal feito e como historiador. Em retiradas militares, as mais famosas são a de Xenofonte, uns cinco seculos antes de Christo e a do general francez Moreau, sobre o Rheno, em 1799.

... Não lhe offereço do meio grosso, que é só para os velhos.

V

6 de março. — Abro *aquelle jornal* e vejo, na secção de coisas mundanas, noticias d'esta ordem :

«1.ª — Chegou hontem no *rapido*, do Porto, o nosso presado amigo conselheiro Athouguia.»

«2.ª — Está *guardando o leito*, com um ataque de rheumatismo, o sr. visconde de Maçãs Camoezas. Prompto restabelecimento é o que lhe desejamos.»

«3.ª — Falleceu a ex.ma sr.ª D. Felizarda Collaço, virtuosa mãe do sr. commendador Ephigenio Collaço. Contava 81 annos.«

Ora, a verdade é que, no 1.º caso, — o conselheiro Athouguia não tem amigos nem conhecidos na redacção. Até Bonifacio, ao copiar a noticia supra, resmungou: — «Quem será esta bêsta ?»

No 2.º caso, —o visconde *guarda o leito* e póde

guardal-o até que o leve o diabo. E' falso que lhe desejem prompto restabelecimento.

Até o Bonifacio supra, ao copiar a noticia, commentou :—«Bem me importa a mim que estejas doente! Esta é que é a pura da verdade!»

No caso 3.º,—commentou ainda o Bonifacio : —«Se a bruxa da velha não havia de ser virtuosa aos 81 annos! Aos 18 é que se queria saber o que ella foi!»

... Mas o Collaço, filho da velha, e o visconde que *guarda o leito*, e o recem-chegado Athouguia tomam aquillo a sério ; e é por isso que o satirico Bonifacio urra todas as noites, ao espojar-se no sórdidissimo leito:

—«Isto não é mundo ; é uma cavallariça!»

E'.

—

A commissão de Patronato aos presos resolveu nomear uma sub-commissão que elabore e entregue aos poderes publicos uma representação, pedindo que se tomem medidas efficazes para repressão da vadiagem de menores.

Tem cabeça a commissão. Medidas efficazes

para *reprimir* a vadiagem de menores ? E porque não para *reprimir* a fome e a miseria das familia dos rapazes ? E, de caminho, para *reprimir* a morte ?

Cebolorio ! Hei de vêr a representação.

VI

8 de março. — Aprenda Historia Patria o rico amor contribuinte ! Não se fique em burro !

Diz assim o *Popular* :

«Na verdade, será excellente poder conseguir-se que a companhia dos tabacos, a actual ou a futura, não fique com o direito de applicar ella propria as receitas dos tabacos ao pagamento dos coupons das respectivas obrigações. Mas, se não o podermos obter, não ficaremos com isso mais affrontados do que com os casos da companhia real, da de Moçambique, da do Nyassa, da de Mossamedes e não sabemos se de mais alguma.»

. . . O que ahi vae, manes do Portugal heroico! E quer dizer na sua o *Popular* que, se ha *via larga*, tanto faz que por ella *transitem* sustos de simples padreca como cataclismos de alto lá com elles!

E o Zé-contribuinte deshonrado sem dar por isso! E' unico.

Ao rei de Italia foi expedido, cá da Lisboa, o que vão vêr:

«La Royale Société d'Agriculture Portugaise, présentant ses respectueuses hommages á Sa Magesté Le Roi d'Italie, vient lui prier d'accepter ses enthousiastes felicitations pour sa genereuse et grande iniciative pour le developpement et amélioration de l'agriculture oniverselle.»

. . Lingua franceza com feijoada lusitana. E exporta se um tal prato, para nossa vergonha!

Pouca sorte!

Fala-me Tiberio de certa bondade que vem *no fim da vida*. O philosopho registra o facto e mais não diz. Ora eu lhe conto:

Conheço tres especies de Bondade, que chegam com a velhice. A primeira é uma expressão do desprezo; temos outra, que é a sensibilidade senil; finalmente, ha uma terceira, que é a impotencia para o mal; a falta de unhas e dentes.

Bondade pura só conheço — a que dura toda a vida do homem.

Ainda honram o planeta uns cavalheiros preoccupados em assumptos sociaes. Hoje me interpella um *patricio*, para o fim de saber:

—«Se é certo que a *instrucção* prejudica, em regra, os maus caracteres, ou as más indoles, ao passo que exerce influencia salutar sobre as indoles, ou os caracteres melhores. E porque?»

Tem a palavra Balzac:

—«Perguntam-me se é verdade, ou não, *o vinho* engordar uns individuos e emmagrecer outros. Eu digo: *o vinho* augmenta a nutrição dos homens gordos e aggrava a magreza dos magros.»

Naturalmente, se conclúe que *a instrucção* desenvolve os maus instinctos dos perversos e alevanta o moral dos bondosos.

Ficamos n'isto?

*

* *

... Bello foi eu não ter assumpto !

VII

12 de março. — Pergunta-me um bom homem — que vem a ser aquillo de Kionga. Vem a ser um documento de consideração que devemos á Allemanha. Eu lhe dou uma explicação do sr. Marianno de Carvalho, ha mais de um anno, no *Popular* :

«Quando a Allemanha *(para nos dar prova de consideração)* levantou a garra sobre Kionga, como sendo possessão do sultão de Zanzibar, em cujos direitos ella succedera, o gabinete regenerador recusou e resistiu. Afinal teve que ceder, porque a Allemanha lhe apresentou dois documentos irrecusaveis e foram : 1.º despacho, ou nota do marquez de Sá, reconhecendo Kion-

ga como pertença do sultão de Zanzibar; 2.º despacho ou nota de Barros Gomes, no mesmo sentido».

... Hoje, vamos celebrar e agradecer *o accordo* da Allemanha com aquelles nossos estadistas. Claro como agua limpa!

Já não teem conta os financeiros que estão chegando de Londres, de Paris. etc., — para nos accudirem.

Diabo! cheira a carne morta!

De Madrid envia chronicas ao *Diario de Noticias* uma senhora que assigna *Caiel*. Não nos trata bem, a nós, seus compatriotas; e o que nos vale é que não escreve bem.

A chronica de hoje não diz mal de nós; por isso, reproduzo, sem intuitos de vingança, as seguintes linhas:

«O céu quasi sempre joga o Entrudo com os nescios cá de baixo, regando desapiedadamente o «chiste» carnavalesco, que se espreguiça tresnoitado por essas ruas. Este anno, porém, houve, sim, muita semsaboria, mas chuva não houve. Contentou-se o céu com algumas rajadas de vento, que animam a situação, levantando impetuosas ondas de pó envolto em «serpentinas» e «confetti.»

... Se o céu joga o Entrudo com os *nescios cá de baixo*, quer dizer que ha nescios *lá em cima?* Ou não quer dizer coisa alguma ?

O céu a enviar a Madrid *rajadas de vento*, significa que os ventos vem do céu ? Estupenda descoberta !

E diz mal de nós.

VIII

14 de março. — Diz alli um jornal e não diz bem :

«O sr. governador civil de Lisboa attendeu

promptamente á reclamação que lhe fizemos, appellando para o seu caracter e zelo pelo serviço, para que pozesse cobro na jogatina desenfreada que se fazia em Lisboa, principalmente com o «quino», em espeluncas onde eram explorados os operarios e outras pessoas de poucos meios, causando assim a desgraça de muitas familias.

«S. ex.ª deu ordens apertadas á policia para reprimir activamente esse abuso. Applaudimos sinceramente o procedimento do sr. D. João de Alarcão.»

... Ora, ninguem desconhece, ainda mesmo abaixo da intelligencia do *Popular*, aquelle velho axioma — *Grande nau: grande tormenta.* Quero eu dizer, na minha, que os jogadores com meios de fortuna correm tantos perigos, pelo menos, como os jogadores pobres. Uns e outros arriscam-se a perder o seu e o alheio. Isto posto, nada justifica as providencias *exclusivas* contra o jogo dos pobres — a *não ser mais uma condescendencia com os ricos.*

Immoral condescendencia aos olhos dos po-

bres — mais uma vez afrontados pelo privilegio, e cruel condescendencia para com os ricos — a quem seria util uma repressão *geral!* Mas vão lá destruir as velhas manhas, os velhos processos nacionaes — de panninhos quentes para com os felizes da terra e de austera severidade para com os malditos da Fortuna!

A conclusão, no caso de hoje, é que a vigilancia cae a fundo sobre as batotas baratas, onde se desgraçam as familias. . desgraçadas; e á vontade ficam, mais uma vez, as batotas caras, onde se arruinam as familias ricas.

«Applaudimos sinceramente,» diz o outro. Valha-te o diabo, banaboia!

*

* *

Effectivamente, principiaram as rusgas ás batotas pobres; nas *outras* não se mexe, que teem espinhos.

Lembra-me isto que, em 1874, tendo eu ido para o Porto, era ahi o commissario geral de policia José de Souza Freire Bandeira de Mello.

Uma noite, entrei eu na Casa Havaneza e assisti ao seguinte episodio :

O commissario da policia apresentou uma nota de 20 mil réis, para pagar uns charutos. Não havia troco, e então o Bandeira de Mello, que tinha por dever perseguir o jogo, disse a um caixeiro da Havaneza :

— «Vá ali ao *Gremio,* á casa de jogo, e peça troco. Diga que é para mim.»

E fez-se.

Os duques de Connaught sempre arranjaram marido para uma das filhas. E' um neto do rei Oscar da Suecia.

Depois de tantas fadigas e despezas, não me parece grande pechincha aquelle bacalhau pequeno. Muito custa a um pae arrumar decentemente os filhos, nos obnoxios tempos que vão correndo !

Emfim, oxalá que, sendo poucochinho, seja de boa vontade !

.....

IX

16 de março. — O *Times* publica uma carta de Tolstoi, na qual o celebrado escriptor diz — que são detestaveis todas as formas de governo que se appoiam na força.

E vem com aquillo ao mercado ! Por isso o Gonçalves Vivas accrescenta, o que é um modo de emendar :

— «Detestaveis para os governados, bem entendido.»

Chucha, moscovita barbudo !

Participam de Paris que os Japonezes alistaram 60:000 Chinezes, estando, por isso, imminentes difficuldades internacionaes.

. . . Difficuldades para os Russos, os quaes apanharão dóse dobrada. A Europa tem velhas contas a pagar na China.

Um telegramma ingenuo, de Paris :

«Ignora-se onde se encontra o estado maior de Kuropatkine, cujo exercito se dissolveu por inteiro.»

Parece mal, mas em Portugal tem havido peior: — perderem-se as tropas nas manobras.

Deus nos livre de Japonezes pintados. Nem pensar nos outros !

Foram hontem julgados e condemnados, em Lisboa, Maria de Jesus, mulher dos seus 32 annos, e Henrique dos Santos Barroco, que conta o dobro da edade d'aquella, os quaes viviam ha muito na melhor harmonia, quando a primeira se lembrou de fugir de casa, furtando um cordão de ouro e levando na sua companhia o sobrinho do mesmo Barroco, um rapazote de 22 annos, de nome Antonio dos Santos Figueira, que habitava com elles na mesma casa e os ajudava no seu negocio de quinquilheiros ambulantes.»

Um jornal chama ao caso *Arrelias de faux-ménage.*

Está-se vendo muito peior na união que o padre abençoou. *Não é por ahi...*

Informa o *Diario de Noticias:*

«Resolveu-se hontem, em contrario do que na vespera fôra decidido, que a procissão de Passos não seja adiada, effectuando-se, portanto, na proxima sexta-feira.

Se acaso a chegada da rainha de Inglaterra coincidir com a passagem do prestito religioso, o desembarque de sua magestade será adiado para a manhã do dia immediato »

... Parece independencia nossa. E' força do beaterio.

X

17 *de março.* — Tambem o *Popular* se mostra estarrecido de admiração em frente do Guilherme que ahi vem. Diz o alludido jornal:

«Elle é dos soberanos actuaes aquelle que mais tem prendido as attenções do mundo pelo grande espirito militar, sagaz intelligencia, elevado criterio e largo horisonte de vistas, que o caracterisam. Artista notavel, architecto, engenheiro, maestro e compositor musical, homem moderno, detestando as convenções pueris e as formulas e preconceitos da Sociedade, é, acima de tudo, o prototypo do estadista e o modelo dos militares.»

... Como troça, é de alto lá com ella! O homemsinho é artista, homem de sciencia, estadista, militar, o diabo a quatro — *sem nada ter produzido.* Do forte impulso adquirido antes do reinado d'esse *inedito*, tem vivido a Allemanha e viverá, mercê do genio e do criterio dos Alle-

mães e *apezar* de *nada saber* e creio que de *nada valer* o imperador. Se me disserem que o rei de Portugal sabe de pintura e é versado em estudos oceanographicos, eu não contestarei coisa alguma, porque ha quadros de tal pintor e trabalhos impressos de tal estudioso. Mas do *outro*, que até graduam em modelo dos militares, sem elle nunca ter visto o fogo e sem uma campanha no seu reinado — a não ser as ridiculas expedições contra os *boxers* e contra os *herreros*, — accrescendo a figura patarata que ha annos fez, commandando uma carga de cavallaria em manobra, debaixo das vistas e da troça de lord Kitchener: — que pretendem *impingir* aos ingenuos, se não tratam de achincalhar o *heroe?!*

Falando-me da carnificina de que ha tempos foram victimas em Africa os nossos compatriotas, em expedição militar, dizia-me hontem um commerciante recem-chegado de Loanda e alli estabelecido:

—«Toda a gente sabe quem foram os principaes responsaveis e todos nutrem por elles em Africa os mesmos sentimentos. Falo do *mandante,* cá do Terreiro do Paço, e do *executante* em Africa. A verdade é que o Custodio Borja ainda fez ponderações cá por Lisboa, contra a imposição do tal Aguiar, mas de cá insistiu-se— e o resultado foi além do previsto.

«A impunidade é absoluta. Quem morreu, morreu. O tal Aguiar foi agora a Loanda receber os seus dinheiros e teve um affectuoso acolhimento do governador geral—o Ramada Curto, e lá voltou para a Huila, a prestar serviços...»

*

* *

Completo e pelos velhos moldes nacionaes. Aquillo do sinistro patusco ir buscar os dinheiros é que me faz lembrar de um episodio de fóra. Refiro-me á entrega de Metz pelo marechal Bazaine aos Allemães, em 1870. Narram os historiadores do feito — que, depois da *negociata*, o Bazaine só se demorou em Metz o

tempo preciso para receber os seus soldos atrazados. Como a pança do capitão portuguez se assimelha á do marechal de França! E' bem certo: — mau coração, bom estomago...

Adiante!

Do *Diario de Noticias*:

«Maria Antonia Alves é uma pobre mulher, residente na rua dos Cordoeiros, á Moeda, n.º 30, 1.º, casada com um humilde trabalhador.

«Esse casal tinha cinco filhos e vivia, como é de calcular, em mizerrimas circumstancias.

«Pois bem! A adversidade parece que se encarniça em perseguir os dois infelizes, pois a Maria Antonia deu á luz, no dia 8 do corrente, tres creanças do sexo feminino, ficando assim com oito filhos vivos!»

Guarde-me Deus de tratar por alto a miseria; mas em meio de tal infortunio pôr-se assim aquella gente *a multiplicar!* E logo tres filhos d'uma vez. Já é força de expressão!

Mais, do barbudo moscovita Tolstoi:

«*Paris, 11, ás 3,5 t.* — N'uma entrevista celebrada com um jornalista, Tolstoi manifestou a opinião de que, depois da quéda da Russia na Mandchuria, é inevitavel a queda do czarismo.»

Valha-te Deus, vélhote! Porventura, depois da choldra de Cuba, caíu alguma coisa em Hespanha?

Vejam isto:

S. Petersburgo, 11, 2,30 t. — A opinião geral é que a responsabilidade do desastre cabe inteiramente a Kuropatkine, que, depois de ter sido um pessimo ministro de guerra, foi no campo de batalha um inconcebivel general.»

Rica opinião geral, a arranjar bode expiatorio da infamia de uns e do rebaixamento dos outros: dos ursos brancos gordos e dos ursos magros!

XI

19 de março. — Outro? Agora é o *Diario de Noticias*. Elle fecha assim o seu principal artigo de hontem, ácerca do Guilherme allemão:

«E' complexa e fascinadora a individualidade de Kaiser. A sua presença tem o quer que seja de heroico. Filho e neto de heroes, a grandeza da sua alma consiste em ter resistido aos deslumbramentos da gloria militar que sem duvida seduzem o seu temperamento de soldado. A sua palavra ás vezes sôa como um clarim de guerra. A Europa estremece, e lembra-se que o cerebro do imperador pensa debaixo d'um capacete e o seu coração palpita por traz d'uma couraça.

«Mas couraça e capacete são ambos forjados, na laboriosa paz, em forjas allemãs.»

... E' antiga, entre nós, a especialidade de escrever muito, sem dizer coisa alguma. Revejam aquelle naco de prosa. Que se apura d'alli.

Aquelle Guilherme da Allemanha, considerado um homem notavel, sem nada ter feito, lembra os filhos bastardos, de pae incognito, que eram considerados nobres – pois que *podia ser que o fossem.* E' como se julgassem eloquente um sujeito sempre calado. *Que não diria elle se falasse?*

... Que não faria aquelle Guilherme, *se fizesse alguma coisa?!*

Noticias de S. Petersburgo informam que o Czar está abatidissimo.

O povo esfolado e assassinado, os soldados espatifados pelos Japonezes... e é o *urso branco* o abatido...

E a *tal noticia* sem chegar!

Mais da Russia:

«*Minsk,* 13. — Um desconhecido disparou, a noute passada, um tiro de revolver contra o commissario de policia, mas o tiro felizmente não

acertou. O malvado conseguiu fugir.—*(Havas)*.»

... Quem diabo auctorisa a tal Agencia Havas a chamar nomes ás pessoas? Naturalmente, o *malvado* era o commissario.

Que tal está a azemola!

De Paris communicam que falha a tentativa de um novo emprestimo russo.

Nem sabe a gente se deve rir, ou chorar... Passemos!

Informam as gazetas, cá de Lisboa:

«Em volta da Praça do Commercio ficaram hontem collocados os mastros para bandeiras e festões de verdura. No mesmo local trabalha-se activamente no calcetamento do pavimento que circumda a referida praça.

«Varios grupos de calceteiros andam tambem compondo as ruas do itinerario do cortejo.»

... Se não ha visitas, não se lava a cara. Grandes *kagados!*

A proposito de regias visitas e ostentação de poder e de grandezas régias, dizia hontem o mais apetitoso dos *pães de ló:*

—«Sim, senhores: é grande coisa o poder real; mas quando um padre minhoto nos mette *um susto,* não ha vontade de rei que possa reduzir a *via larga.* Sempre era *um susto*, regado com verdasco!»

E volta?—como se diz no Porto.

XII

20 de março. — Pode-se ler no *Popular* de 17 do corrente:

«Deve saír do prelo brevemente uma obra do sr. conde de Paçô Vieira, com o titulo *Caminhos de Ferro Portuguezes. (Subsidios para a*

sua historia). Pela auctoridade do nome que o assigna, esse livro deve ser trabalho sob muitos aspectos notavel.»

... E' o *Popular* o mesmissimo jornal que aconselhou o sr. Paçô Vieira, ministro das obras publicas, a *não fazer nada* — como sendo o melhor a fazer um tal ministro.

Mais :

Faz parte da redacção do *Popular* um deputado regenerador, que, particularmente lidou por desviar o sr. Paçô Vieira das condescendencias da *via larga.* E não insistiu officialmente, porque o sr. Paçô Vieira se declarou atafulhado com o susto, — susto de padre minhoto.

Os povos de Valença a Monsão e Melgaço, esses ficaram sem via larga, nem reduzida. O *Popular*, dado que não caçôe com a tropa, está ajudando o sr. Paçô Vieira a formar o pulo, a longo prazo, sobre o ministerio das obras publicas. E eu acho tudo logico, tudo harmonico,— emquanto Deus não manda fogo do ceu.

Referindo-se á desorganisação em que se encontra o exercito russo, o *Daily Express* diz que foi descoberto um importante desvio de fundos, a elle destinados, o qual teria sido praticado por um syndicato constituido por individuos da alta nobreza. Por esse motivo, a opinião agora defende Kuropatkine e condemna o czar e os gran-duques.

... Pelo visto, malvados e ladrões. E *a tal noticia* sem vir!

XIII

21 de março. — Elevando o espirito:

O considerado medico de Lisboa, dr. João Rodrigues dos Santos, soffria de uma doença de medulla, de que hontem falleceu. Vivia elle no popular e pobre bairro da Esperança, onde era adorado pelos pobres. Queiram ler isto, que hoje vejo publicado:

«Apontamos o seguinte facto occorrido poucos dias antes do fallecimento e quando o mallogrado medico já se encontrava n'um estado

melindroso. Cerca das duas horas da madrugada, uma pobre mulher implorava á porta do dr. Santos os seus soccorros obstectricios, pois o abalisado clinico tinha adquirido uma justificada fama de especialista em partos. A desolada mulher, que era mãe d'uma varina, supplicava com anciedade que lhe salvassem a filha, e o dr. Santos, apezar da hora adeantada e do seu grave estado, foi soccorrer a infeliz, conseguindo com grande esforço tirar a creança a ferros. Esta laboriosa operação, que demandou bastante esforço, fez com que o mallogrado medico ficasse extenuado e concorreu talvez para abreviar a sua existencia.»

Tambem Souza Martins, já atacado pela tuberculose, se levantava da cama, para ir, em noites invernosas, acudir a doentes pobres, a quem ainda tinha de dar esmola. Eu vi.

E tambem Camara Pestana, martyr da sciencia medica, era tão distincto pela bondade como pela intelligencia.

Comparem esses homens com os azevieiros egoistas, insignificantes e patifusos. E' bem cer-

to : — ou coração ou pança. Preferem esta os inferiores.

Dissera-se, entre nós, que uma esquadra franceza iria saudar em Tanger o *Carlos Magno da Fonseca Guinchas* — imperador allemão. Felizmente, temos este telegramma :

«*Paris*, *24* — O ministerio da marinha desmente o boato de que seja mandada uma esquadra franceza a Tanger».

A França ainda não está *de todo*.

Telegramma mysterioso :

«*Oitavos*, *24* — Navega para o norte uma esquadra sem bandeira, composta de 4 cruzadores, vinda do sul».

Deve ser a esquadra hespanhola, que bombar-

deou. New-York e metteu no fundo os navios dos Estados Unidos: — restos da *invencivel armada*, que ia devorando a Inglaterra.

Conhecemos.

Vem nos jornaes noticia desenvolvida de um furto de 3 contos de réis de joias, feito por um gallego á sua patrôa, — dono de um lupanar no Bairro Alto.

Meninas honestas perguntam á mamã:

— «Pois *aquellas mulheres* fazem fortuna? !»

E a moral ingleza responde:

— «Enriqueçam; honradamente, se puderem!»

Hurrah!

XIV

22 de março. — Ha tres dias, ao sahir da Casa de Correcção, em Caxias, cahi duas vezes, em resultado do meu esgotamento nervoso. Como, porém, eu tenho *muita vida*, — na opinião dos meus visinhos de Lisboa, que me conhecem ha 18 annos em mau preparo, — tratei de esquecer-

me das quedas, depois de umas cataplasmas de arnica. Esta noite, ao erguer-me da meza de trabalho, para a somneca, cahi novamente, de que resulta eu escrever-lhes da cama, — como o grande Camillo nos seus ultimos tempos.

Diabo de velhice antecipada! Porque, onde me não vêem, completarei no proximo 14 de abril apenas 57 primaveras.

*

* *

Não podendo passear pela casa, mando trazer para ao pé de mim uns livros que ha muito não releio e que são da minha mocidade. Entretenho-me, mato saudades e cumpro aquella indicação de Gustavo Planche:

«As naturezas, em geral, empobrecem facilmente, se não teem o cuidado de se opulentar e renovar-se pela reflexão.»

Aqui está um livro de bons versos, que em março de 1872 — ha 33 annos — me remetteu do Brazil um poeta portuense, então estudante na faculdade de direito, no Recife. Refiro-me a An-

tonio de Sousa Pinto; é o livro *Ideias e Sonhos*. Já muito antes, sob o pseudonimo de Victor Larra, o poeta publicára um trabalho intitulado *Eccos Democraticos*, de que tenho conhecimento, apenas, por um capitulo dos *Estros e Palcos*, de Luciano Cordeiro.

*

* *

Releio com muita saudade a obra de Antonio de Souza Pinto; e, a proposito dos desvellos que a uns taes merece a conservação dos *80 a 90* %, propicia a intrujices e infamias gordas, recortarei hoje estes bellos versos do livro:

O' vós a quem aterra a onda popular,
Mais que ao timido nauta as vagas do alto mar,
Amae esse gigante, ora terrivel, forte,
Ora martyr sublime, entregue á dôr, á morte,
Mas sempre generoso e sempre colossal
Na bondade e no amor, na lucta contra o mal!
Se acaso maldizeis no dia da vingança
No coração do povo a sêde da matança,
E' toda vossa a culpa, a vós vos condemnae:
Em vez de escravisar, as almas libertae!
Mandae o maná santo, esse orvalhar divino
A que chamaes mentira e o povo chama — ensino!

Chega-me do Algarve (de Faro) um livro de singular apparencia. Chama-se *Contos Funebres*, a brochura é negra, com emblemas funerarios, dourados. O auctor tem um nome digno de um personagem de Pöe. Chama-se Lyster Franco. O livro é dedicado — *á memoria da que se chamou Luiza Adelaide P. Lyster Franco.* Fez-me pensar na dedicatoria de Baudelaire, na primeira pagina das *Historias Extraordinarias,* por elle traduzidas de Edgar Pöe: — *E' dedicada esta traducção a Maria Clemm.* E no introito depara-se-me o nome do grande macabro que nos deu *As flores do Mal* e *Os Paraizos artificiaes.*

Por uma extravagancia do Acaso, havia momentos que eu lêra as seguintes palavras de um livro de V. Courdavaux, *Du Beau dans la Nature et dans l'Art:* — «Honni soit tout ce que veut surprendre par l'étrange et par le bizarre, au lieu de toucher par le naturel et par le vrai.»

Eu lêra isto, pouco antes, e ficára a meditar sobre o aprumo da Banalidade. E' evidente a intenção critica do Prudhomme: *étranges et bizarres* são as sondagens do Mysterioso. Eu lêra aquillo, revoltado, mas muito fatigado, e pedira

ao Acaso a apparição de uma pagina. Veio um livro. D'elle destaco estas preambulares observações — ao leitor :

«Se a transmutabilidade das coisas te complica com os nervos, se te horrorisa a idêa da Morte, se não a consideras ridente libertação da farça chamada Vida, se te incommoda o cheiro capitoso da cêra e irrita o brilho amarellado dos galões de caixão e o luzir metallico da lhama, se te causam pavor as faces lividas mas imperceptivelmente sorridentes dos defuntos, fecha este livro e preserva-te de pesadelos, não o lendo.

«Porém, se ligas tanta importancia á Vida como á Morte, tendo qualquer d'estas convenções pelo que realmente vale, abre-o e crê que sinceramente lamento só poder dar-te uma pallida ideia dos ignorados dramas de Além-Tumulo».

Robustece o nosso prosador os seus artigos de fé com a seguinte epigraphe de Baudelaire :

C'est la Mort qui console, hélas ! et qui fait vivre ;
C'est le but de la vie, et c'est le seul espoir.
Lui, comme un élixir, nous monte et nous énivre,
Et nous domne le cœur de marcher jusqu'au soir.»

A Morte é o Fim. Creio-o, após as minhas sondagens, e parece-me *util* e *humana* a propaganda de tal crença — libertadora de pavorosá obcessão. Util e humana.

A proposito : dizia-me, haverá duas horas, um moço politico *de futuro :*

— «Se eu pensasse no problema da Morte, não fazia coisa alguma.»

Respondi-lhe :

— E pensa que faz *alguma coisa ?!*

XV

28 de março. — E' a Allemanha — como todos sabem, menos *80 a 90* %, que tudo ignoram,— a uberrima e portentosa mãe da Reforma Religiosa e da Imprensa. Foi ella, a *Germania Mater*, quem ao mundo enviou Arminio, a Liberdade, — Kant, a Philosophia, — Keppler, a Astronomia, — Durer, uma Grande Arte, — Mozart, Beethoven e Meyerbeer, outra Grande Arte, — Gœthe, uma litteratura, — Kœrner e Ruckert, a formidavel Poesia de Combate, não para os editores, mas para os Patriotas combatentes ; — foi ella quem,

pela influencia do mestre-escola na sua marcha dominadora, vingou, ha pouco mais de 30 annos libertar o mundo moderno do ignaro militarismo francez.

Conhecem todos, menos *80 a 90* %, que desconhecem tudo, aquella admiravel pagina de Victor Hugo, no seu *William Shakspeare:*—«Que sombra esta Allemanha! E' a India do Occidente. Nenhuma formação mais colossal!...» Estão-se recordando?

Mas vejam, agora, o que todos podem ver no artigo principal do *Popular* de hontem:

—«E' grande a Allemanha; maior do que ella é o seu imperador.»

*

* *

Dizem-me que é um professor official o articulista. Professor de que? Ignora os factos, ou não sabe expôl-os, ou desconhece a *opportunidade* da exposição d'elles? E' porque se não ensina esta gente, que ha tres dias fervilham asnei-

ras pelas ruas de Lisboa, a proposito da Allemanha e de Guilherme II, — a torto e a direito, pró e a favor. E' porque na Allemanha e no Japão cuidaram na instrucção do povo e, antes d'isso, na instrucção e na educação do professorado, que ha 35 annos foi o imperio francez sepultado com ignominia e ha um anno para cá assistimos á ignobil agonia do imperio russo. Pois se a Allemanha até descobriu a polvora! A esta hora, julgava o professor-jornalista do *Popular* — que tinha sido o sr. Bernardo de Carvalho!

*
* *

—«E' grande a Allemanha; maior do que ella é o seu imperador». Seneca, falando de Cicero, diz esta coisa surprehendente:—«Cicero, o unico engenho que o povo romano possuiu igual á vastidão do imperio.» E todavia, não faltavam grandes homens á Historia Romana, dignos de alevantado louvor, desde Camillo e Mario e Sylla e Pompeu, até Julio Cesar. Mas só o prodigioso orador foi julgado pelo philosopho hespanhol,

perceptor de Nero, á altura da generosa hiperbole. Assim me permitto classificar os dizeres de Seneca; e em toda a Historia não nos apparece um grande homem á altura de uma grande nação.

Estava reservado a um jornal portuguez apresentar aos seus leitores, como individualidade superior á nação allemã — o imperador Guilherme II, distincto entre os allemães e os soberanos europeus *por nada ter feito.* Dizia-me, ha duas horas, um dos nossos verdadeiros homens de sciencia: — «O tal imperante faz alarde, a todo o momento, do seu patriotismo, e mais nada.» E' pouco.

*

* *

Deve ser discipulo d'aquelle professor uma espécie de rapaz que eu ouvi, ha dias, vociferar, estando elle á esquina de uma rua:—«Este Guilherme II, pelos modos, até deu cabo do Socialismo.» E eu supponho que, pelos modos, *tudo isto* acaba mal e não póde durar muito. A perversidade não diminue—e a estupidez augmenta.

XVI

29 de março. — A' hora em que ahi saír esta carta, já lá vae *sulcando os mares* o nosso amigo Guilherme II — *maior do que a Allemanha*, como lhe chama ali o professor. Mas não se foi sem deixar uma nota sinistra, capaz de arripiar os cabellos do *D. Anna amido e cuspo.*

Foi aquillo que na sociedade de Geographia disse o nosso amigo :

«Deixo-os, meus senhores, exprimindo novamente o meu vivo reconhecimento e ao mesmo tempo a esperança de que as possessões de Portugal em outros continentes, sob o sabio reinado do vosso augusto soberano e sob a intelligente direcção do vosso governo, continuarão no caminho do progresso e da civilisação e chegarão ao mesmo grau de prosperidade que o magnifico paiz onde tenho a felicidade de me encontrar n'este momento e ao qual a Divina Providencia visivelmente prodigalisou os seus beneficios».

... Deseja que isto assim continue. Longe vá o agouro!

O cidadão Jayme Arthur da Costa Pinto, o benemerito presidente da camara municipal de Cascaes, accusado da desgraça do municipio, já fôra apresentado ao rei da Inglaterra, como fogueteiro emerito, e abraçado por aquelle trocista. Agora apresenta-se na Casa Pia ao grandissimo Guilherme da Allemanha, afim de lhe offerecer vistas photographicas de Belem.

Não o abraçou o Guilherme, mas, sem attender ás *vistas* do nosso Jayme, lançou as suas para o homem e resmungou:

—«Naturalmente, não tem nada dentro.»

Tem.

Vae d'aqui para Tanger o nosso amigo — *maior do que a Allemanha.*

Diz um telegramma d'aquella cidade:

«O governo allemão seguirá de perto as nego-

ciações do convenio franco-inglez, referente a Marrocos ; — o Imperador, ha mais de um mez, fez saber ao governo francez o seu proposito de visitar esta cidade».

... Diz-me um politico notavel — que a Allemanha está *semeando ventos.*

Para ella !

«*Londres*, *28*, *m.* — Segundo annuncia um telegramma de S. Petersburgo ao «Standard», o imperador Guilherme telegraphou recentemente ao tzar, aconselhando-lhe a paz».

... O que não podes haver dá-o ao diabo pelo amor de Deus !

Bons *macacos amarellos !*

XVII

Referindo-se ao nosso grande amigo Guilherme — *maior do que a Allemanha*, segundo o professor do *Popular* — diz o *Diario de Noticias:*

«Guilherme II, conforme diz uma revista, não é unica e exclusivamente imperador, duque, principe, conde, soberano, general, almirante, bispo (summus episcopus), pintor, musico, auctor dramatico, regente de orchestra, etc., etc.; é tambem encadernador e com optima disposição para outros officios.

«Não é para admirar este facto, lembrando-nos de que já os seus antepassados tinham boa disposição para as artes e officios.»

... Não é uma razão para ser bom encadernador—haverem os antepassados do sujeito sido bons operarios. Aqui estou eu, filho e neto de operarios habeis — e sem habilidade, sequer, para brochar um folheto.

Desconfio, porém, que o nosso Guilherme é tão grande encadernador como cabo de guerra. A's ordens de Annibal não chegaria a anspeçada carthaginez, e na officina do sr. David, no largo de S. Carlos, em Lisboa, não passaria de um aprendiz.

Continúa o *Diario de Noticias* :

«Frederico II era bom musico e bom pintor. A Prussia inteira o considerou como o primeiro flautista do seu tempo; ainda hoje são muito apreciados os seus quadros no mundo da arte.»

... O Frederico II, vulgo *o grande Frederico*, não era tão grande militar como o amigo Guilherme (na opinião dos nossos *jornalistas)*, mas tocava flauta por modo que deixava os exercitos inimigos em estado lethargico. E' ver a batalha de Rosbach, — por exemplo.

Mais diz o *Diario de Noticias :*

«Seu avô, Guilherme I, era insigne em cantochão e aprendeu o officio de marceneiro, existindo d'elle alguns moveis no real castello de Bebelsberg, perto de Fotsdam, sua residencia favorita, — que ainda hoje são muito apreciados pelos apaixonados da Arte».

... Principalmente, com Bismarck e Moltke, Guilherme I realisava *cantochão* e *marcenaria*, que puzeram a Austria e a França ás portas da morte. Mas o professor do *Popular* acha que o

nosso amigo Guilherme II tem mais dotes de Napoleão I.

Mais do *Noticias*:

«D'onde se vê que as artes e officios não deslustraram pergaminhos de ninguem, nem podem deslustrar, porque não ha no mundo maior nobreza do que a do .. trabalho constante e prestimoso.»

... O que me espanta são as reticencias do *Noticias*. Parece que ainda tem suas duvidas. O que eu lhe digo — é que bom serralheiro foi Luiz XVI, — o que o não livrou de pagar com a cabeça as dividas da sua dynastia ao povo francez.

E a respeito do amigo Guilherme, —*maior do que a Allemanha* — temos conversado. Adeus!

XVIII

31 de março. — Uma alma caridosa remette-me, recortadas de um jornal do Porto, as seguintes linhas de uma carta de Camillo Castello Branco, escripta na cadeia da Relação em 1860:

«Estou a cahir n'uma atrophia completa de corpo e alma. Não é desanimação, é doença, a velhice extemporanea chamada pela desgraça...»

E o rico amor escreve ao lado d'isso, com lapis azul, como um juiz d'instrucção :

— «Veja-se n'esse espelho do mestre !»

Abro uma pasta que contém autographos *para conservar*, e releio o seguinte, recebido no dia 1 de janeiro do corrente anno, a proposito da offerta do meu ultimo livro publicado :

«Meu caro Silva Pinto. — Boas festas... Você estará muito doente do corpo, mas do espirito está são como um pêro.

«*Bulhão Pato*».

Deixe-me dizer-lhe agora o rico amor: Já em 1860, uns 30 annos antes da morte, Camillo Castello Branco se queixava da velhice extemporanea — atrophia da alma. Eu vim a conhecel-o de perto, uns vinte annos volvidos, em extraor-

dinaria pujança do seu espirito, — *da sua alma*. São, como uma canastrada de sanissimos pêros! Não posso vêr-me no tal espelho.

E não posso fazel-o, porque nunca, até hoje, eu proferi, ou escrevi, ácerca da minha parte espiritual, palavras de desalento, por convicção, — ou por uma ridente contradicção, como elle usava. Por ora, vou percebendo, excepto quando me faço desentendido. A atrophia do corpo é que não póde ser mais verdadeira.

Espero terminar serenamente, n'uma cadeira de braços, com almofadões e almofadinhas a aguentarem-me esta causticada materia, e com um grande dó dos que cá ficam na agitação gloriosa ou intrujona, ou tudo junto. Lamento não poder dar ao meu joven correspondente *(de Lisboa)* a satisfação de me vêr acabar em desespero. Se eu ia agora deplorar vêr-me livre *d'aquelle conselheiro!*

O nosso amigo Guilherme, *maior do que a Allemanha*, vê-se grego : isto é, ufana-se de per-

tencer á armada grega e em troca faz o reisito da Grecia almirante allemão. Bons patuscos !

N'um telegramma de Athenas, em 12 do corrente, vem noticia de um banquete real, durante o qual o rei brindou em allemão, agradecendo-lhe a visita e o tel-o nomeado almirante da esquadra germanica.

Guilherme II respondeu, tambem em allemão, agradecendo-lhe a brilhante recepção de que fôra objecto e dizendo ter grande honra em pertencer á armada grega, cujo passado foi tão brilhante e tão glorioso.

Tudo isto é nephelibatico. Positivo, importante, seria para o nosso amigo Guilherme pertencer á *armada ingleza*, dispondo d'ella para os seus sonhos de predominio maritimo. Querem ver que o moderno *Caligula* desconhece a historia romana ?! Soubesse-a elle, e teria presentes aquelles memoraveis dizeres de Sylla aos Gregos de Athenas, quando, no anno 86 antes de Christo, invadiu a Grecia, como conquistador. Falo da deputação que os Athenienses, cercados, enviaram a Sylla, para lhe narrarem e encarecerem os feitos da Grecia de Themistocles, etc. — «Fóra

d'aqui, forjadores de arengas! lhes bradou o Romano. Levem os discursos para as escolas; eu não vim cá para aprender a sua historia, mas para castigar rebeldes!»

... Assim, sim. O mais, que tal não seja, é desarranjo mental, ou intrujice, ou tudo junto.

XIX

4 de abril. — Se não conhecem, os meus tres leitores effectivos, a figura de Caligula, desenhada por Tacito, Juvenal e Suetonio, recommendo-lhes a *Historia dos imperadores romanos, desde Augusto até Constantino,* por Crévier. A 2.ª edição, que eu possuo, é de Paris, 1763, em 12 volumes. Do terceiro são consagradas 170 paginas áquelle successor immediato de Tiberio, — não fallo do philosopho, bem entendido.

Leiam o Crévier e fujam-me do Larousse, repositorio de conhecimentos historicos mais *perigosos* do que os romances do velho Dumas.

*

* *

Ora, havia dias que eu pensava em Caligula; mas, para falar do sujeito e de certo caso, esperei que sahisse de Portugal o nosso amigo Guilherme da Allemanha. O caso vem a ser o seguinte:

Haverá uns oito annos que eu encontrei, em Lisboa, um dos nossos mais illustres funccionarios, que regressava de Berlim. No decurso da palestra me disse elle que trouxera nas suas bagagens um exemplar de um opusculo dias antes publicado em Berlim e logo prohibido e perseguido. O folheto continha um retrato historico e intitulava-se *Caligula!*

D'este Cesar romano diz o já citado historiador Crévier, ao concluir o reinado de Tiberio:

—«Sahimos do reinado de um principe perverso por estudo e reflexão e vamos entrar no de um furioso.» E ao termo de cento e setenta paginas diz: «Por muito mau que seja um prin-

cipe, tem sempre partidarios quando, como Caligula, protege determinadas classes, distribuindo-lhes, com segundo sentido, favores á custa da collectividade. E foi assim que o tyranno e, depois, a sua memoria encontraram defensores á altura de um tal bemfeitor.»

Similhantes traços empregou o auctor do opusculo allemão, prohibido e perseguido, haverá uns oito annos, por ordem de Guilherme II, ao descrever um tyranno moderno, furioso, sem elevação mental e protector acerrimo de um militarismo e de um funccionalismo exhaustivos para a Allemanha e para a Europa — obrigadas a armamentos permanentes. Como que uma certa afinidade entre o *Caligula* de ha dezenove seculos e o de hoje se estabelecêra já em meu espirito. Certo foi que nunca mais eu esqueci o trabalho allemão, prohibido e perseguido por Guilherme II.

Caligula!

XX

5 d'abril. — De quando em quando, ha vinte e quatro horas, releio estas palavras do discurso da corôa:

«Pelo orçamento geral do Estado, que em breve vos será apresentado, vereis que os recursos actuaes bastam para attender ás despezas publicas e manter o equilibrio orçamental.»

Tanto não ousou o Carrilho, especialista em orçamentos patuscos. Mesmo assim, o chefe do estado deve sentir espasmos de larynge quando diz similhantes coisas. A não ser que elle dê a *tudo isto* a simples importancia merecida.

Estou-me recordando, a proposito de orçamentos, do seguinte caso: — Ponderava eu, um dia, como funccionario, a um ministro que o activo orçamental de certa instituição era ridiculo e cruel á força de inefficaz, e que só produzia aneurismas em quem tinha de administral-o. Respondeu-me:

—«E' um orçamento como quasi todos : o do Estado, o de v., o meu e o do maior numero dos individuos. E' a regra nacional. Equilibrar um orçamento portuguez, official, ou particular, chega a ser falta de patriotismo.»

Tal disse o ministro e disse bem. A meu ver, el-rei diz aquillo, mas não acredita em similhante coisa. Nem elle, nem eu, nem o leitor.

Aquelle Guilherme dos nossos peccados deita de fóra os braços da Allemanha. Agora em Tanger disse elle aos marroquinos—«que *(reproduzindo)* a Allemanha tratará dos seus negocios directamente com o sultão, e não permittirá que nenhuma potencia lhe sirva de intermediaria : o imperador considera inopportunas as reformas e, mais tarde fará conhecer ao Maghzen a sua opinião sobre questões de pormenores; e accrescentou que manifestára os seus intuitos ao encarregado dos negocios da França».

O francez ganhou em 1870 o costume de ou-

vir e calar ; mas, em Londres, a imprensa declara que a viagem do Guilherme a Tanger introduziu no *statu quo* europeu um elemento de discordia, que póde bem ser a faisca que incendeie um paiol de polvora.

Supponho que não será desagradavel aos amigos de Inglaterra ver *já, já, já* — como diria o Rozalino Candido — incendiar-se o paiol, antes que a Allemanha arranje esquadras. O que me parece é que veremos, breve, terriveis coisas.

XXI

6 de abril. — Participam de S. Petersburgo que está alli produzindo pessimo effeito a insistencia da França — em que a Russia deve pedir a paz.

Que taes estão os *ursos brancos:* levantem-se contra o alvitre dos crédores ! Amigos de borra e caloteiros incorrigiveis ! E defendi-os eu contra os *macacos amarellos !*

O *Memorial Diplomatique*, de França, refere-se largamente e com enthusiasmo ás recentes festas em Portugal. Apreciando-as, nota a unanimidade da imprensa portugueza nas enthusiasticas recepções feitas aos monarchas que ultimamente visitaram Lisboa.

E' mentira. Não houve tal unanimidade, e até houve *ceusura prévia*, contra a Lei, prevendo a hypothese de crueis verdades. E' *mentira*, mas é *diplomatico* : diplomatico mas *mentira* — como deve ser.

De Paris :

«Corre o boato de estar imminente uma nova triplice alliança entre a Italia, a França e a Inglaterra.»

Ganharia a França um alliado a quem não precisaria de *emprestar* dinheiro ; a Italia, que nada faz sósinha, ganharia os caídos, como sempre ; quanto a Inglaterra—teria a parte do leão, como costume.

De Camillo Castello Branco (*O que fazem mulheres*. cap. I):

—Nunca é feliz com um vestido de chita a mulher que tem amigas com vestidos de seda.

XXII

7 d'abril. — Em 1854. Tenho eu 6 annos.

Vem rompendo a manhã, fria como *via larga* em descampado — no inverno. Lá fóra, o homem do leite apregôa, a vacca muge, a minha creada,—que se levanta cedo, emquanto os outros dormem,— vae á porta da rua, comprar o leite. Eu imagino que frio vae lá por fóra, e aconchego-me na cama, chamando coisas deprimentes ao vaqueiro, á vacca e á creada.

Já lá vae meio seculo.

Elles estão livres, todos tres. Eu cá fiquei, e cá vou vivendo, arrastando-me, velho, pobre, doente, mais réles do que o vaqueiro, a vacca e a creada.

Que diabo vem a gente aqui fazer?

*
* *

Ainda agora, passeava eu na Patriarchal. Estava só no largo; o frio da noite afugentava todos — menos eu. Olhei para os cincoenta annos e tanto da minha vida. Que miseravel kaleidoscopo! Soffrimentos de creança, em casa e no collegio; amarguras de rapaz ao installarme na Vida; e que de episodios na installação! Que malandragem, de varios sexos e feitios! E, ainda agora, — pensava eu — que se acaba *tudo* quando morremos. E trabalhei tanto!

*
* *

Palavra de honra — que tudo acaba! Pois não fica alli o cadaver, a desfazer-se? O que? A alma? Pois o que eu beijei na mulher amada não foram os olhos e os seios? E não me succederam os vermes — tasquinhando?!

Qual crença! O que tu tens é medo.

Por mim não tenho medo — porque me sinto burlado e tyrannisado, com direito á revolta e a indemnisações. Mas nada peço, nada quero, nada espero, e, se affirmasse crenças na vida eterna, seria um parvo, ou um poltrão, ou um mystificador.

Falo sério. Ha tanto tempo, já, que me não rio! Pois a respeito de paciencia? Quando bérram as vaccas na rua, levo as mãos á testa, a vêr se tenho córnos... Nem isso!

XXIII

8 de abril. — E' tão raro eu encontrar n'estas regiões a que já me refiro, assumpto para bem-estar do espirito, que me apresso agora, em especial momento de satisfação, a reproduzir-lhes o seguinte. São palavras da rainha Alexandra a um jornalista que a entrevistou em Marselha:

—«Nos tempos difficeis que decorrem, nós — as rainhas — não podemos deixar de nos commover com a irritação, ás vezes natural, das massas populares. Educada na escola do rei

que é profundamente justo, procuro, com elle, prégar o amor e a caridade.»

E concluiu, dizendo : «Em volta das rainhas, tudo é ficticio. A arte e a natureza constituem a sua unica consolação.«

Se a rainha ingleza é, como supponho, tão sincera como intelligente, sempre lhes direi que mais uma vez boa arvore deu bom fructo. Aquella familia real da Dinamarca é de boa raça e de boa fama.

Muito contente a imprensa franceza, porque, ao ser cumprimentado pelo prefeito das Bouches du Rhone, o rei Eduardo manifestou-lhe o prazer que sentia por estar em França e por ter conversado *com o seu amigo Loubet.*

... Houve tempo em que era uma honra para os primeiros monarchas do mundo estarem nas boas graças do seu amigo *Napoleão I.* Até o nobilissimo imperadar da Austria se honrou em dar a filha ao *parvenu.* Depois...

Porca vida !

Pois que não influe na marcha da Civilisação declarar eu, abaixo assignado, que não posso vêr o *amigo Guilherme II*, assim o declaro, e com gaudio registro :

Que, antes de fallecer a rainha Victoria, ainda havia estadista inglez que se dava ares — com o *esplendido isolamento* da Inglaterra. Chega o rei Eduardo VII e, á meia volta, acaba o *isolamento* inglez, e ahi temos isolada a Allemanha — não explendidamente.

E como hoje acaba rapidamente a força dos fortes ! Muito vamos nós vêr !

O que *elles* sabem :

Uma que ha pouco ouvi, n'um carro electrico. Um *sujeito sério* lia um jornal. Interrompendo a leitura, dirigiu-se a outro *sujeito sério*, e ponderou :

— «Temos mais festas, já viu, sr. Anachoreta ! ? Agora diz que é para celebrar a morte de um judeu, Antonio José, que fazia versos e que

foi queimado pela Inquisição. Quem diabo seria o tal judeu Antonio José, ó sr. Anachoreta ?»

E o outro *homem sério*, com ar de protecção compadecida :

— «O Antonio José vinha a ser Judas Iscariotes. Percebeu ?»

... O que por ahi vae!

XXIV

10 de abril. — Fazia annos, em novembro, um dos nossos homens publicos, quando eu descobri (em 1903) uma carta vinda de uma povoação do norte do paiz, dirigida ao homem publico alludido e, pelos modos, extraviada pelo Acaso.

A carta diz assim :

— «Aqui e com o mais profundo respeito me congratulo com o anniversario natalicio de V. Ex.ª e que por muitos e muitissimos annos se repita tão auspicioso acontecimento, para honra, gloria e felicidade da nação inteira, pois V. Ex.ª é uma das primeiras notabilidades do mundo.

«Permitta V. Ex.ª que eu abrace o meu vene-

rando e prestigiosissimo chefe, de quem sempre fui e serei eterno admirador.»

... Se foi *sempre* e *sempre* será, não ha duvida em que está alli um *eterno* intrujão. Mas, se a vida é assim!

Em resumo o que penso do *caso* e do *sujeito:* Se eu tivesse um filho, muito amado, a viver em minha companhia, e elle se revelasse capaz de escrever aquella carta, *a não ser por troça*, eu cortaria relações com tal individuo. Fóra do commum lar domestico — *elle ou eu!*

Falei-lhes ha pouco do judeu Antonio José, o desventurado escriptor assassinado pela Inquisição, em Lisboa, em 19 de Outubro de 1739. A proposito lhes contei um caso de confusão com *Judas Iscariotes*. Agora lhes reproduzo da obra de Camillo Castello Branco — *O Judeu:*

I

Estes versos são da triste victima do Santo Officio:

Toda a mulher que não fôr
Inclinada ao matrimonio,
Ha de leval-a o demonio,
Se não a lezar amor :
Trate logo de depôr
Seu tyranno desdenhar ;
Porém, se não abrandar
Seu rigor, deve escolher :
Ou casar por não morrer,
Ou morrer por não casar.

II

Mas á suspeita de que bem póde ser alegre o poeta, diz sua mulher em carta familiar :

«Não te persuadas tu, Sara, que o meu Antonio tem genio folgazão. Não fazes idéa das tristissimas horas que o afastam da convivencia da familia ! Fecha-se no seu quarto, encosta a face

ás mãos, e fica-se n'um torpor de que só eu consigo acordal-o com muitas caricias. Já uma vez me disse que tinha presentimento de grandes infortunios. D'outra vez, pediu licença ao pae para sahir de Portugal, embora tivesse de grangear a sua subsistencia no estangeiro, exercitando algum baixo officio. Mas (cousa singular!) tudo que escreve é alegre! Diz elle que nas horas de maior tristeza tira da imaginacão as scenas mais engraçadas das comedias que tem já tecidas para lá para o futuro as aperfeiçoar. O pae grita-lhe que estude direito canonico, e elle o que faz é lêr e reler um grosso livro que elle chama o seu Plauto, e outro chamado Gil Vicente...»

*

* *

Bom é evitar que o povo haja — *elle tambem* —de confundir o escriptor martyr com Judas.

XXV

11 de abril. — Correu estes dias em Lisboa que um advogado aqui muito conhecido, e muito estimavel, se suicidára. Elle tinha desapparecido, dias antes. E á hypothese da morte voluntaria ouvi eu accrescentar :

— «Por falta de recursos não podia ser. Não lhe faltavam amigos.»

Não me tranquillizaram estes dizeres, e eu já explico as minhas duvidas. Hontem, porém, soube-se que o supposto suicida está doente em casa de uma pessoa de familia, na provincia. Melhor é isso.

E' que, *em regra*, espera-se que um homem afflicto se mate — para se lhe acudir. E, então a seguinte phrase acompanha a morte do sujeito :

— «E quem podia adivinhar ? !»

Em regra, canalhas ! Que em excepções adoraveis tenho eu visto coisas sobre-humanas. Se tenho visto !...

Do Pacifico vem estas coisas bellicosas, em telegramma :

«*Singapura, 9 ás 8, t* — Eram 2 horas e meia da tarde quando fôram avistados 47 navios russos a sete milhas ao largo. O fumo era visivel a algumas milhas porque queimavam hulha gordurosa. A sua marcha era de oito milhas por hora e offereciam um espectaculo imponente.

«A esquadra desappareceu no horisonte, pelas 5 horas da tarde. E' possivel que se dê uma batalha naval nas visinhanças de Singapura.»

Li isto e fiquei-me a scismar... a scismar. Foi no salão de visitas de um hotel, esperando que *alguem* viesse da meza do almoço. *Alguem* chegou subitamente, olhou para o meu jornal, viu-me ainda a marcar com a unha o telegramma, e disse-me :

—«Então esses malvados não acabam de derramar sangue ? !

— Emquanto houver idiotas que o te[illegible]m á disposição...»

Ella poz-me as adoraveis mãos nos meus hombros e concluiu:

—«Como vocês, ha tantos seculos, teem tomado *isto* a serio!...»

E' assim, adoravel loira!

Porque eu, ha tempos, aqui reproduzisse aquillo de Balzac: — «O vinho augmenta a nutrição dos gordos e aggrava a magreza dos magros», — escreve-me *um leitor effectivo*:

—«Julgo assim explicado o insolente orgulho de tantos pobres e o covarde aviltamento de outros.»

Julga bem. A pobreza irrita os nervos dos pobres que são nervosos e acovarda os que são alforrecas. E a fortuna foge dos dois *grupos*: do primeiro, porque *tem medo d'elles*, e do segundo — *porque tem nojo*.

XXVI

12 de abril. — Pela classe dos sapateiros foi pedida protecção ao governo, contra a decadencia da industria:

Entre diversos artigos de peditorio, figura este:

— «Que acabe o ensino do officio de sapateiro nos asylos, cadeias, etc.»

Acode naturalmente perguntar:

— E porque ha de continuar o ensino de outros officios? E os rapazes das Casas de Correcção e os maiores das prisões poderiam aprender a *malandros*, para protecção official aos sapateiros e quejandos reclamantes.

Os congressos penitenciarios, mais os individuos que se dão a estudos da especialidade, devem aproveitar aquelle subsidio dos *mestres*. Mas, emquanto a coirama está de môlho, pergunta a minha curiosidade:

— Porque é que os sapateiros faltam, em regra, á sua palavra, quando se trata de servir os freguezes? E' porque a industria está em deca-

dencia, ou porque á *segunda feira* floresce em pagodeira, sem vergonha do mundo ?

Vá lá uma tomba no criterio, seus patuscos !

E, sem sahirmos dos coiros :

Berlim, 10, ás 11, 12, n. — (Retardado) — Alguns jornaes d'esta cidade dão curso ao boato de que o czar enlouqueceu, impressionado com os ultimos acontecimentos.

Enlouqueceu — não. E' que está a fazer-se tolo — *o urso branco.*

E a *tal noticia* sem vir !

XXVII

16 de abril. — Os meus leitores effectivos hão de estar certos do caso da princeza Luiza, mulher do principe real, hoje rei da Saxonia.

Amigou-se ella com um pintor Giron, infamando o marido, os filhos e a posição social. E

foi-se á pandega, até que falleceu o sogro, e o marido foi a rei.

Deu suas voltas a adultera — para matar saudades dos filhos, que viviam com o pae. Sacudida do paço, por justa ordem do rei, a amiga do pintor não deixou de ser victoriada pela multidão (tóma!) e deu-se a viver com o titulo de *condessa de Montignoso*. A lei auctorisava-a a conservar uma filha em seu poder.

Mas, com falta de recursos para viver *como quem é*, a Luiza do pintor... vejam este telegramma:

«*Berlim, 13, á 1,40 tarde.* — A condessa de Montignoso resolveu entregar sua filha ao rei de Saxe, mediante 60 mil marcos.»

Terminou por vender a filha. Não lhe faltava mais nada á *montinhosa* senhora! E no alto, na abundancia, no meio da consideração social! Croia!

Stœssel condemnado á morte, como um Ba-

zaine, *por unanimidade*, pela má defeza de Porto-Arthur...

E os *outros* vivos e frescos — e a fazerem-se tolos...

E a *tal noticia* sem vir!

Toda a gente viu este telegramma da Havas, nos jornaes de hoje:

«*Londres*, 15. — Camara dos Communs. — Tendo sido interrogado sobre a possibilidade de um accôrdo internacional, para a reducção dos armamentos navaes, o snr. Arthur Balfour, 1.º ministro, respondeu que as forças navaes de Inglaterra são necessarias á sua existencia e que são puramente defensivas».

... Era eu consul da Liberia em Lisboa, ha 15 para 20 annos, quando tive ensejo de notar que na mensagem annual do presidente do Congresso apparecia todos os annos infallivelmente: — «O governo estudará a conveniencia de cha-

mar o elemento branco á administração do Estado.» E nunca o chamou; é que julgou improcedente a *conveniencia*.

E' como a Inglaterra recusando desarmar-se. E' tão interessante o instincto de defeza d'um bicho de conta como o d'um rhinoceronte.

XXVIII

18 de abril. — As ridentissimas chalaças de que tem sido alvo o sr. Pereira de Miranda despertam no meu espirito a recordação de um dito historico, de ha poucos annos. Foi logo depois da desastrosa guerra da China com o Japão. Um diplomata chinez, homem notavel, cujo nome não me occorre com exactidão, visitava um arsenal francez, quando o tarimbeiro inspector do arsenal lhe disse com toda a cortezia franceza :

— «Deploravel campanha a da China com os Japonezes !»

E o diplomata, com ar de candura :

— «Todas as nações teem o seu Sédan !»

... Todas as situações politicas teem o seu *Pequito !*

Um «diz-se» do *Mundo* :

— «Que o sr. Beirão foi indicado para a pasta do reino, mas não acceitou, limitando-se a indicar o sr. Vicente Monteiro».

O qual Vicente indicou *Faz milhões*.
O qual *Milhões* indicará o *Gomes*....

Nóto anceios perfidos por vêr no ministerio o sr. *D. João d'Alarcão*.
Estão mortos por lhe chamar aquella coisa!

Isto é Historia :
Em 1887, pertencia eu ao partido da Esquerda Dimnastica, unico em que me filiei, até hoje, quando um dia me occorreu dizer a Barjona de Freitas :
— Suspeita-se de que V. se entende ou se entenderá com o Lopo Vaz.
E Barjona, exaltando-se, contra o seu cosume :

— Pensar n'isso é já indecoroso!

Decorrem 8 dias; saio do centro, desconfiado. Mais 8 dias, passo pela rua Formosa e vejo á porta do Lopo Vaz — o Barjona, no seu trem. Encarámo-nos, e elle teve a habilidade de córar...

Tenho visto tudo.

Nas gazetas:

Londres, 15. — O governo inglez será interpellado sobre as facilidades que concedeu á esquadra russa para que se aprovisionasse á sua passagem pelo canal de Suez.

«Segundo parece, alguns deputados teem a intenção de perguntar-lhe porque não concedeu a Inglaterra as mesmas facilidades á Hespanha durante a guerra com os Estados Unidos.»

... E' simples a resposta: o governo inglez pretendeu evitar que a Hespanha, a das *invenciveis armadas*, gastasse mais dinheiro — em provisões — para os peixes.

E' d'amigos.

XXIX

19 de abril — Estão com sorte os povos do Alto Minho. Agora vejo eu, entre as noticias officiaes de hoje:

«Deu entrada no ministerio das obras publicas uma representação da camara municipal de Valença, pedindo a construcção da estrada de Valença, por Gaufen, á Senhora de Faro.

«Sobre o assumpto conferenciou hontem com o senhor conselheiro Eduardo José Coelho o deputado sr. dr. Luiz José Dias.»

Não descança este apostolo da *via larga* com *sustos* de arromba, borrifados com verdasco, em beneficiar aquella região bemaventurada. E não o recompensa, como deve, a Divina Providencia, fazendo-o *leader* da maioria, como elle ardentemente deseja, sendo o mais potente especialista em metter sustos!

Certo é que os povos do Minho, ingratos como homens, berram que o apostolo da *via larga* não passa de conferencias, de promessas e lérias, e suspeitam que o *projecto inicial* está

abafadinho, á espera de ministro assustadiço. Então, pelos modos, sairá a publico e á *via larga* o autentico e pavoroso susto, borrifado com verdasco,—e com capa de asperges.

Eu, na galeria, e bem de alto, não *os* perco de vista. Olé !

Vejo impresso que um professor do lyceu de Lisboa, a proposito do suicidio recente de um pobre estudante, dissera a outro alumno, que deu uma lição fraca: —Vá agora matar-se, ande!»

Se houvesse quem olhasse por isto e pudesse castigar á altura, o professor supra devêra ser expulso do lyceu, com orelhas de burro e carapuça de papelão, como *estupido* e *feroz*.

Assim, viverá em paz, — até que o diabo o leve.

XXX

20 de abril. — Dizia me em arredados tempos um politico então progressista, mais tarde ministro regenerador e hoje um desilludido :

— «Este José Luciano tem, pelo menos, uma qualidade excellente: é um liberal acerrimo, incapaz de transigir contra os principios liberaes.»

Eu não considerava aquillo, em absoluto, uma excellente qualidade. Ser *liberal*, apenas, lembra-me aquillo do jornal *Independente*. A Liberdade tem sido, por vezes, uma fórmula de mistificação : por *ella*, por exemplo, se bateram nossos paes — para cahirmos *n'isto*.

Valeu a pena...

*

* *

Mas, emfim, não me revoltei contra a hypothese de ser um liberal acerrimo o sr. José Luciano de Castro, pois que m'o affirmava um dos homens mais sinceros, honestos e illustrados da politica portugueza, — um dos publicistas mais notaveis d'este paiz. Tomei nota, para os meus *Apontamentos historicos*, e pensei n'outro assumpto.

Annos decorridos, vae o meu espirito fixar-se, irresistivelmente, nos dizeres do meu illustre informador. E' quando vejo no ar a hypothese

estonteante de um ministro do reino chamado *D. João d'Alarcão*, n'um ministerio presidido pelo sr. José Luciano de Castro — e proposto esse sacristão saloio, inimigo tão feroz como inconsciente da Liberdade, pelas combinações do sr. José Luciano e dos seus intimos. Infelizmente, as conveniencias politicas das diversas parcialidades embargam a publicação do que a esta hora todos sabem e dizem entre nós. Vá lá o simples registro — para os meus leitores em effectividade.

*
* *

Todos sabem e alto o affirmam — que o ministro actual odiado da morte pela côrte dos Navegantes é o sr. José d'Alpoim. E tão profundamente odiado que não teria ido a ministro, d'esta vez, ou já o teriam alijado, se não fosse pelos taes singularmente presentido. Supponho que o sr. José d'Alpoim não foi dos ultimos a reconhecer a situação. Porque o odeiam de morte, é que se inventa para a pasta do reino um *D. João d'Alarcão*; porque o presentem tanto quanto

o odeiam, é que não vae para aquella pasta o melifluo sr. Villaça, *aquelle que não diz que não.*

Fingiu-se a dupla chamada — dos srs. Villaça e Beirão — para o logar do sr. Pereira de Miranda, mas em termos inacceitaveis. Que seria do auctor dos convites, se um dos convidados acceitasse? Assim, com a chamada de *D. João VII*... podem tomar os seus bilhetes!

XXXI

23 de abril. — Afinal, — como o outro começava, — lá entrou para as obras publicas *D. João VII... e coisas*, e o sr. Eduardo José Coelho lá se prestou á sabichona combinação, para afastar do reino o sr. Alpoim, de quem ha medo, e o sr. Villaça — que principalmente é arrumado, porque prevalece o tal medo inspirado pelo sr. Alpoim. Que pessoalmente e politicamente o sr. Villaça diz sempre que *sim* resolvido ao *não*. Estaria, pois, na conta. Mas o pavor...

A solução faz rir a toda a gente, e o tempero *D. João VII* é de morrer! Um homem como o dr. José Frederico Laranjo, intelligencia, cara-

cter e dedicação partidaria a valer, é preterido por aquelle typo singular de absoluta e proverbial incapacidade. São estas monstruosidades que desnorteiam e pervertem o sentimento, explicando as pretensões mais audaciosas. Se até o reverendo Luiz José Dias já se enfeita, e com certa rasão, para ministro ! Alguem o ouviu hontem, bradar na sacristia de Santa Catharina:

—«Chegou ao seu termo a tua maldade, ó filha de Sião !»

E' das *Lamentações de Jeremias*, cap. IV, versiculo 22. E mais berrava o padre :

—«Mas a Besta foi presa e com elle o falso profeta.»

E' do *Apocalypse*, cap. XIX, vers. 20. Mas quem será aquella *filha*, mais aquella *besta*, mais aquelle falso *profeta*, nos ambiciosos sonhos do faceto Reverendo ? !

*

* *

Parece discordancia a apparente differença

que se nota entre as duas seguintes noticias, e, todavia, uma completa a outra:

Diz o *Seculo*:

«Não exageramos, dizendo que a resolução da crise e especialmente a entrada do sr. D. João de Alarcão no ministerio teem causado um verdadeiro espanto. A muitissimos deputados e pares progressistas ouvimos dizer tornar-se indispensavel um movimento de resistencia contra o dominio egoista de um velho invalido que teima em arredar das cadeiras de ministro e das cadeiras de par os homens de maior valor do partido progressista.

«O novo ministro das obras publicas foi anteposto a homens já experientes, como os srs. Augusto José da Cunha, Dias Costa e Ressano Garcia e preteriu nem mais nem menos que os srs. Laranjo, Arthur Montenegro, João Pinto dos Santos...»

Agora o *Popular*:

«A nomeação do sr. D. João d'Alarcão foi bem acceite.»

Foi, com unhas e dentes, mas sem miolos. E assim se completam as duas noticias.

XXXII

25 de abril. — Não faltam sujeitos que se deem ares de preteridos por *D. João VII*, não valendo, aliás, mais do que um tal sacristão saloio os supra alludidos insignificantes. Mas, emfim, a ambição grutesca tem-se vulgarisado, mercê funesta da *elevação* dos patétinhas, dos intrujõesinhos e de mais repugnantes figuras. Em regra, um mancebo com tanto de incapacidade, como de sabugice, como de estanho na cara, mette-se na *politica*. E por alli trepa e escouceia e esvurma impavidamente sandices — e governa-se.

Que pode ser, pois, uma *politica* servida e sugada por similhantes piolhosos d'alma e de entendimento ?!

E' certo que sempre existiram entre nós taes servidores da *politica* ; mas não trepavam, nem

tinham ambições desaforadas. Ha trinta annos, por exemplo, vi barafustar e distinguir-se no Porto o *Kagaçal*. Pois bem, nunca passou de um pobre diabo com influencia em Ramalde, Hoje seria ministro — como os seus émulos em capacidade e manhas.

Fóra da corrente *ministerial*, mas dominando, agitando, influindo e *protegendo*, em elevados logares, ou impudicamente encostados aos que esses logares occupam, por ahi se rebolam e saracoteiam uns mariolões cortejados pelos dependentes, que os olham com nojo pelas costas. A esses triumphantes enxovedos parecia referir-se, ha dias, n'uma festa de aldeia, um prégador indignado contra *o que por ahi vae*, torcendo astuciosamente a intenção dos seguintes dizeres do *Apocalypse* e berrando-os ao auditorio assombrado :

—«Vi quatro animaes cheios de olhos, por diante e por detraz.»

E' do capitulo IV, versiculo 6. Bem mettido !

*

* *

Mas longe ia eu dar, do simples registro das indignações dos preteridos. A ouvir os mais insignificantes, *D. João VII* é ainda mais curto de intelligencia do que um microcefalo e mais ridiculo beato do que um sacristão saloio. E assim deprimem o extraordinario ministro, no intuito de lhe cavalgarem o renome. E' um abuso de iniquidade. Com os seus ares e feitios, bicudos e molles, de inquisidor desmiolado, foi *D. João VII* quem inventou e formulou, ha tempos, esta sentença para meditar n'uma alcofa :

—«Quem zomba dos mortos acaba, cedo ou tarde, por lhes fazer companhia.»

Foi elle.

XXXIII

26 de abril. — Um dia d'estes fui-me á Casa Pia e ali encontrei casualmente um filho de Eduardo de Barros Lobo. Aos que desconhecem

ou esqueceram *Beldemonio* dou parabens—pela quietação indiscutivel dos seus *espiritos* bem-aventurados: reproducções de Mar Morto, Deus permitta que sem Gomorrhas, nem Sodomas! Eu não esqueci o primoroso prosador, nem o accuzado sceptico, que um dia eu vi chorar pelas minhas dôres, quando tantissimos crentes dariam ao diabo as almas hypothecadas — para gozarem a noticia das minhas afflicções.

Disse-me um funccionario da Casa Pia — o mais competente informador — que o filho de Barros Lobo é um alumno distincto d'aquella casa, pela sua intelligente applicação e pelas excellencias do seu caracter. Eu vi-lhe os olhos humedecidos quando lhe disse — ao filho de Barros Lobo — o meu nome e lhe fallei do pae — que muito o amou e de quem elle conserva — creança quando o perdeu—uma recordação vaga.

Já não creio muito que os paes vejam, d'outro mundo, os filhos na travessia d'este planeta. Em regra, seria um abuso de crueldade do Creador. Mas, em casos como o de hoje, deploro que um pobre pae, muito intelligente e muito desventurado, não possa contemplar a marcha do filho

por um bom caminho. Reservo todas as minhas felicitações para a virtuosa mãe do excellente rapaz, — a viuva de Barros Lobo.

Um dia d'estes — hão de lembrar-se — deram jornaes a noticia de eu haver gravemente adoecido. Custou-me a descobrir as origens e as causas da noticia mentirosa de um informador canalha.

Foi isto : — Quem deu a noticia, de um ministerio, perguntava no mesmo dia, a um funccionario superior do mesmo ministerio, *quanto deixava em vencimento* o meu emprego. Ignoro se o tratante julgava suggestionar-me até ao ponto de eu morrer *de susto*.

Outro canalha. Ha dias recebi uma carta cheia de denuncias parvas e infames contra a Casa de Correcção. Declarava-me o denunciante — que obstara á publicação de taes coisas em um jornal de Lisboa. Averiguei que o jornal repellira o pedido de coadjuvação do idiota, e n'uma local o convidara a dirigir-se a mim. Quer dizer ;

não podendo aggravar-me, o sujeito apresentava-se-me como um bemfeitor!

Direi, para completar, que o sujeito é um dos mil patifes prejudicados pela installação da Casa de Correcção em Caxias. E' um dos mil ratos expulsos do queijo.

*

* *

... Só a pau, hein?!

XXXIV

27 de abril.—Um *diz-se* do *Mundo*.

Vale um poema:

«Que os progressistas dizem que não teem força para evitar a censura prévia sobre *O Progresso*, tendo o governo baldadamente procurado pôr termo ao abuso.»

E' o famoso *arlequim* muito apreciado nas tascas de Paris. E' um pastellão composto de carne, de peixe, de queijo, de doces e até de fructas;

mas o das tascas vem das casas ricas : são sobejos ; e o que ahi vemos compõe-se de generos frescos. Para todos os paladares e para todas as cogitações. Cheira bem e féde, — confórme as pituitarias !

Aqui temos nós um assumpto grave e urgentissimo :

«Na séde da Associação de Classe dos Pedreiros em Portugal, realisou-se hontem, pelas 8 horas da noite, uma importante reunião de delegados de diversas associações adherentes ao grande movimento de protestos iniciados pela classe dos pedreiros contra a carestia dos generos alimenticios, especialmente do pão.

Ficou resolvido fazer conferencias ácerca do assumpto e publicar-se um manifesto, convidando o povo a uma grande reunião ou comicio, para esse fim. Será préviamente convocada uma nova reunião de delegados de todas as collectividades adherentes.»

Pode-se já concluir — que ninguem fará caso das reclamações e que o proprio povo se deixará d'isso, — preferindo *morrer de frio a trabalhar para aquecer.*

Olhem para isto. E' do *Diario de Noticias* de hontem :

«Uma desorientada

«Custodia Liberata da Silva, quando hontem seguia sob prisão para o governo civil, tentou suicidar-se.»

E adiante :

Tentativa de suicidio

«Attentou hontem contra a existencia o sr. conde d'Avilez, que recolheu a um quarto particular do hospital, onde ficou em tratamento, sendo o seu estado bastante grave.»

Desconheço as razões, sem duvida muito dolorosas, que levaram os dois individuos á tentativa de morte voluntaria; mas o repugnante é o tratamento que cada um d'elles recebe no noticiario da folha. A creada de servir é a *Custodia — uma desorientada;* o titular não é desorientado: é *o sr. conde*; não tentou *suicidar-se* (feia palavra!): attentou contra a existencia (bonito eufemismo!) e a gravidade do seu estado é digna da attenção de todos.

Mas, se o mundo é assim!

XXXV

28 de abril. — O burguez do predio dos azulejos, milionario meu visinho, homem apparentemente pacifico, dos que levam sempre e parecem destinados, pelo menos, a apanhar sustos, tem hoje andado n'uma roda viva de petulancias. Descompoz os creados, mais os vendilhões e ameaçou de pancadas uns e outros. O extraordinario dos casos levou a visinhança a falar em Rilhafolles (hospital de doidos) como obrigatorio recurso. Afinal, o meu excitado visinho lera

n'um jornal a hypothese de uma guerra franco-allemã e sentira-se com pruridos bellicosos. Está elle já saboreando a leitura de noticias como esta :

«A batalha durou tres dias, ficando mortos 60 mil homens.»

Será o aperitivo diario para o almoço do homem. E a proposito já hoje ouvi o seguinte :

—«D'esta vez a Allemanha chucha.

—«Hum ! D'esta vez a França paga o resto.

—«E a Inglaterra ?

—«Como sempre, é o *tertius gaudet*.

Talvez esteja certo.

O «New-York Herald, edição de Paris, publica :

«O governo portuguez está enfraquecido, e um governo fraco não pode fazer passar o negocio dos Tabacos, contra o qual existe indignação publica ; as pressões de banqueiros francezes, que tiveram exito no Bosforo, podem não ter o mesmo resultado n'outra parte.»

O mesmo jornal annuncia um gabinete Soveral. Não parece certo.

XXXVI

30 de abril. — N'um livro meu, *Alma humana* ha um anno publicado, lê-se a pag. 137 :

«A proposito, vem a menção de um *caso* que eu não percebo. E' de não haver já sido ministro um dos homens de mais talento, mais instrucção e mais probidade da politica do paiz e vulto considerado do partido progressista — o dr. José Frederico Laranjo. Um homem que pouco admirava os outros, Camillo Castello Branco, fallava-me do dr. Laranjo com extremos de consideração ; mas Camillo era tão *politico* como eu. Tambem não percebia.»

Eu nunca, até hoje, troquei alguma palavra com o sr. dr. José Frederico Laranjo. Mas não é d'isso que se trata ; é da observação que ha poucas horas me fazia *um politico* ácerca de referencias minhas, ha dias publicadas, no sentido

das que acíma transcrevi. Disse-me o homem:

—«Meu caro senhor, é facil de perceber o que v. não percebe. O Laranjo não tem *feitio*; não tem a *linha*.»

Quer dizer: — aquelle honrado caracter e esclarecido espirito não tem o *feitio* dos sevandijas politiqueiros a todo o serviço de quem manda e paga; não é, nem foi um intrigante, um declamador sem miólos, um creado de compras, um Ganymedes, um symbolo de desvergonha e maus costumes. E' um homem, honra da sua especie, e, portanto, apenas d'alto olhado pelos *outros*. Não tem a *linha*. Já percebo.

XXXVII

1 de maio. — Porque um ministro esteja evidentemente, a esta hora, entre a espada e a parede: por um lado os seus apregoados principios liberaes e o seu respeito á lei e as suas ordens a um funccionario seu subordinado — que não saia da legalidade; — por outro lado, o funccio-

nario a violar a lei, a desobedecer ao ministro, — não falta quem diga a *Sua Excellencia* :

—«Saia, se não póde governar honradamente!»

E eu lembro me d'aquelle paiz pratico e triumphante, onde os paes dizem ao filho, no dia em que o mandam tratar da vida :

— «Arranja dinheiro, honradamente se puderes.»

Honradamente é um adverbio de cortezia e de condescendencia dos praticos para com o Romantismo. Não é indispensavel, nem preciso, nem mesmo de provada utilidade — que, no arranjo da vida, *honradamente* se proceda. Se puder ser, sem inconveniente de peso, que aos caturras, á vélhada, aos maduros, se preste essa homenagem, — se ella nada custa, — vá lá : conceda-se a pitada — de caixa mal aberta. Mas, se do adverbio póde sahir ligeiro estorvo, sombra de preoccupação, — o *honradamente* que vá para e diabo !

O ministro, que eu ainda supponho caturra, talvez saia. *Eugenio Rougou* ficaria, para ouvir da catitissima Soledade :

—«*Vous êtes joliment fort, vous !*»
Com a respectiva beijoca.

Do *Diario de Noticias :*

«São terminantemente desmentidos nas regiões officiaes os boatos de difficuldades politicas, hontem mais acentuadamente espalhados.»

Torna-se claro que ha difficuldades. O innocente vae se tornando... patusco!

XXXVIII

7 de maio. — Um homem de genio, assim da força de *D. João VII*, é sem duvida o novo inspector da policia administrativa — um ex secretario do sr. Pereira de Miranda, cujo nome não

fixei, nem é preciso. Principiou elle por desenvolver a censura dramatica — a começar na feira d'Alcantara. A uma peça a entrar em scena em um dos theatros da feira oppoz elle um terrivel embargo: fez substituir os *policias*, que n'ella entravam, pelos *guardas nocturnos*. E' maravilhoso!

Em tempos, constando ao ministro do reino, Rodrigo da Fonseca, — que em certa revista theatral entraria o marechal Saldanha, chamou o emprezario e disse-lhe: — «Meu caro senhor, o marechal Saldanha é susceptivel e vae maguar-se muito. Tire-o da revista, senão prohibo-lh'a. Mas não quero o seu prejuizo: tire o marechal e metta-me lá a mim, no logar d'elle.»

E assim se fez.

Mas o precedente claudica. O Rodrigo era um cynico e indifferente a exibição scenica da sua figura; mas os *guardas nocturnos*, instituição que muito melhor serviço tem prestado do que os *policias*, poderão maguar-se, porque os põem em fóco, em logar dos outros. E' um abuso e uma sandice, — como o devido respeito. Mas, cresça o monte!

XXXIX

11 de maio. — Préviamente declaro que me regosijou este incidente da commissão de fazenda. Ainda bem o movimento; o peior de tudo seria a immobilidade. Mas não me despeço, de annotar o que ahi vae:

«Ao snr. Ovidio de Alpoim lembrou o snr. José Luciano que elle era irmão d'um seu collega e por isso lhe devia toda a lealdade. O snr. Ovidio replicou com energia, dizendo que ali era apenas deputado da nação, e que só tinha a dar satisfações á sua consciencia. E parecia impossivel que fallasse o snr. José Luciano pela fórma por que se lhe dirigira—o snr. José Luciano que tem um irmão que tem votado tanta vez contra elle, sem que o partido por isso lhe peça satisfações.»

Não me parece certo. O snr. Ovidio poderia apenas dizer ao snr. José Luciano: — «V. Ex.ª está caçoando?» Seria exacto e até profundo.

«O snr. Ovidio accrescentou que tinha a sua consciencia lavada, nunca o tendo sujado o dinheiro de companhias. Reclamava o concurso para honra do proprio partido progressista, para que não se pudesse dizer, como se diz, que a Companhia dos Tabacos conseguira o seu contracto á força de dinheiro.

«O snr. Luiz José Dias tambem fallou em termos firmes e seguros.»

O snr. Ovidio foi deshumano para com toda a *humanidade da sua patria* (como dizia o maluco Jayme de Belem, já fallecido), que se suja com dinheiro das Companhias, com inveja de outra parte da supra-citada *humanidade*. O snr. Ovidio foi Tacito e Juvenal!

Quanto ao rev. Luiz José Dias, falaria em termos firmes e seguros, mas não metteu susto ao snr. José Luciano — velho macacão couraçado contra sustos e appendices. A outra porta! Pela *via larga!* Ahi é que a firmeza gruda!

... Mas rejubilei com a actividade da commissão.

*

* *

Embora sejam nullos os resultados praticos, — nullos ou coisa assim. Já conhecem a solução: côrtes para agosto. E a proposito diz o *Mundo:*

«O plano do governo é, naturalmente, pedir, sobre o adiamento, a dissolução.

«Mas porque não pediu já a dissolução?

«Por um motivo muito simples.

«O chefe do ministerio reserva este tempo para corromper os amigos do ex-ministro da justiça.

«E a confiança na venalidade dos correligionarios é tanta no paço dos Navegantes que ha ali grandes esperanças de que nem a dissolução chegue a ser necessaria, por n'este meio tempo se converterem á fé do snr. José Luciano todos os dissidentes de hoje »

.. Deve estar certo. E que não estivesse: lá diz hoje o *Popular:*—«Parece que o adiamento,

se não bastar, não será o ultimo acto politico, mas parece que será bastante.»

Chucha!

XL

14 de maio. — Toda a gente pôde hontem vêr, em Lisboa, no *Diario de Noticias*, a seguinte delicia:

«O snr. presidente do conselho deu ordem para que não sejam publicados no *Diario do Governo* quaesquer decretos, sem s. ex.ª os vêr previamente.

«Esta ordem é extensiva a todos os ministerios.»

A obnoxia medida, a principio adoptada contra o snr. Alpoim, tornou-se extensiva a todos os ministros. E' para *cohonestar*: diz um collega meu. Bello expediente: para *cohonestar* uma desfeita ao que se ia embora, desfeiteia-se os que ficam! Elles, de bom comer, vão ficando.

Eu já vi caso parecido, em que o papel do snr.

José Luciano era desempenhado por outro liberal de chupeta : o snr. Dias Ferreira. Foi assim:

Tinham jantado, no Braganza, elle, ao tempo presidente do conselho, Oliveira Martins, ministro da fazenda, e não sei quem mais. Duas horas depois de terminado o jantar, ouvi eu ao snr. Dias Ferreira :

— «Quero despedir o meu ministro da fazenda, e não sei quem devo chamar. Não me convém quem pense : para pensar cá estou eu».

E aquelle José Dias despediu *o seu ministro*— Oliveira Martins... E' certo que no ministerio d'hoje não ha superiores, como o auctor do *Portugal Contemporaneo;* mas, emfim, ha lá homens de relativo valor, — a não ser *D. João VII*, que nada vale, relativa e absolutamente.

Adiante !

Discorda *O Popular* da censura prévia aos jornaes e dá preferencia ao systema de trancar-

lhes as portas, logo que elles aggridam as instituições, chamem o povo á revolta, etc.

Ora, se ha coisa de 27 annos, o ministro Fontes houvesse trancado as portas do jornal onde a campanha da *Albarda real senhor!* minava o respeito do povo pelo rei e pelas instituições, não teria por ali furado o mineiro — até ao logar de defensor official das *coisas* e da *pessoa* supra, nem viria hoje receitar tyrannias por atacado.

Este mundo está cada vez mais retorcido!

Parece uma simples correspondencia dos *saloios*; é um documento da época. Vem no *Diario de Noticias*:

«*Loures*, *11*. — Hontem o snr. administrador Seabra Pereira, a pedido do proprietario de Bucellas, Francisco Rafael Pinto Pessoa, prendeu 7 chefes de familia do logar da Bemposta da mesma freguezia, por causa de elles quererem serventia publica por uma propriedade que o queixoso ha pouco comprou ao sr. Miguel Ma-

ria Semedo, notario do hospital de S. José. Aquella serventia tem mais de 100 annos e não ha outra, a não ser a distancia de 3 kilometros no mesmo logar para o Beição, logar proximo.

«Dizem todos os proprietarios que é injusta a prisão. O snr. administrador parece que os vae mandar soltar hoje, por vêr que os pobres homens teem rasão.»

... Tudo á altura! O zé-administrador prende, porque lh'o pede o zé-proprietario; o zé-povinho encolhe-se; o zé-administrador solta a canalha, por dó, e o zé-correspondente applaude com os pés de cima.

E' certo que dar sopapos no zé-proprietario poderia dar com o auctor d'elles nas malhas da *lei de 13 de fevereiro*. O melhor é dormir, para não dar em doido.

XLI

15 de maio. — Tem de ser de transcripção ou pouco mais, para elucidar os meus amigos de Cerva e de Mondim, a minha proza de hoje. E, entre nós, tambem eu me vou elucidando.

Vejam isto, do *Correio da Noite*, de 13 do corrente:

«O contrato dos tabacos foi, evidentemente, o pretexto para um rompimento, desde muito pensado. O proprio snr. conselheiro José d'Alpoim, segundo as nossas informações, no conselho de ministros de segunda-feira, logo em seguida á reunião da Commissão de Fazenda, onde a dissidencia se manifestou, muito claramente demonstrou tratar-se de uma crise politica.—S. ex.ª disse que se defendia, havia mezes, por julgar arriscada e periclitante a sua situação, como ministro».

*

* *

Muita attenção para isto, que é do *Popular* de 14:

«Foi em face dos acontecimentos, flagrantes de realidade e que a ninguem podiam deixar duvidas, que o snr. presidente do conselho, que é ao mesmo tempo chefe de um governo e chefe

de um grande partido,—onde a sua auctoridade e indiscutivel preponderancia lhe vem de uma larga e honrosa folha de serviços, — procedeu como devia proceder. Assim o exigia a disciplina e homogeneidade do partido progressista. Não foi s. ex.ª quem provocou a situação. Pelo contrario. Empregou os melhores e os mais nobres esforços para evital-a. Mas desde que ella se declarou nitida na sua triste realidade, o seu dever era providenciar. Foi o que fez.»

... *Onde a sua auctoridade e indiscutivel preponderancia lhe vem de uma larga e honrosa folha de serviços*: é o *Popular* quem assim fala do snr. José Luciano de Castro.

E certo é que os *velhos* assim hão de vencer, porque não ha *novos* capazes d'estas audacias superfinas!

XLII

17 de maio. — A um jornal de Lisboa escreve-se:

«*Monsão, 11, T.*—O assumpto de todas as con-

versas é a fórma altamente nobre como o deputado d'este circulo, sr. dr. Luiz José Dias, procedeu na questão do contracto dos tabacos.

«Corre com toda a insistencia que o actual administrador será substituido pelo abastado proprietario sr. João Evangelista de Sá, que é intimo amigo do sr. José Luciano de Castro e segue a sua politica, segundo por vezes já o tem declarado.

«A dissidencia no partido progressista é o assumpto de todas as conversas.

«Egualmente se diz que será substituido o administrador de Melgaço.»

Lembra-me ter eu visto n'um theatro do Porto, ha mais de vinte annos, *os reiseiros de Ramalde.* Era o espectaculo burlesco de uns brutos que faziam de Herodes e outros malandrões, por occasião da Festa dos Reis. A' scena vinha um dos *actores* communicar ao Herodes — que nascêra o Messias, e o alarve berrava, agitando um guarda chuva vermelho :

—«Oh, com mel diabos ! Qu'agora é que lá se me esbandalha a reinadura !»

Pois é verdade: a *reinadura* do *nobre* Luiz José Dias está acabada, e a *via larga* para sempre entupida. Pois que! Julgavam que era só metter sustos e appendices nos assustadiços?!

Do *Diario de Noticias* de hontem:

«Não tem fundamento o boato de que o sr. presidente do conselho esteja trabalhando na reforma da camara dos pares e resolvesse solicitar de el-rei a dissolução da camara dos deputados.

«Por ora, não se trata de uma nem de outra cousa.»

Por ora! E' de vêr como as noticias d'aquelle jornal teem um especial cunho de ingenuidade. *Por ora!*

O padre Luiz José Dias não se limitou, no decurso da sua historia politica, a metter um susto de escacha nos assustadiços, nem em empenhar a sua palavra d'honra, tambem borrifada com

verdasco, em alargar a *via* dos Monsanenses. Ha mais : concorreu, em noticias, ao logar de *leader* progressista na camara dos deputados, mais á pasta das obras publicas; metteu-se na resistencia da commissão de fazenda e influiu para que pintassem *Santa Coca* de Monsão.

Afinal, tem o susto recolhido ; não alarga a *via*, nem dá conta de si aos Monsanenses; é considerado *o nobre politico* em telegrammas de piteireiros ; é alijado e marcado pelo sr. José Luciano ; fica sem reinadura no Alto Minho, a meditar n'uma alcofa; e nem *Santa Coca* lhe fica!

«E foi assim que «o Senhor quebrantou na ira do seu furor todo o poder de Israel!» Isto é das *Lamentações de Jeremias*, cap. II, versiculo 3.

Chucha !

XLIII

18 de maio.—Acordei esta manhã tolhido pelo rheumatismo.– «Cresça o monte!» bradei, como em creança, brincando, ha 45 annos. Mas, como quer que o braço direito, mais a cabeça, me ficassem livres, dei-me a trabalhar, parodiando

quanto possivel o divino Henri Heine, cégo e paralitico.

Que a Desgraça não vale *uma de x*, se pensamos em que a Morte é certa e talvez ahi esteja proxima...

Telegrammas politicos :

«*Portalegre*, *16*, *T.* — Teem sido muito commentados os factos relativos á politica ministerial, especialmente á sahida do sr. conselheiro Alpoim do ministerio.»

Vae-se saindo Portalegre. Já parece a aldeia de D. Maria !

*

*

Outro :

«*Taboaço*, *16*, *T.* — A camara municipal, em sua sessão de hoje, resolveu felicitar telegraphicamente o sr. conselheiro Alpoim, chefe progressista local, pela sua attitude.»

Ora, ha de haver bastantes annos, fui-me ao Limoeiro. a visitar alli uns presos politicos, entre elles, por signal, o rigido republicano João de Menezes. Demorei-me alguns minutos no quarto d'este, e notei que os mil e um visitantes proferiam, cada um d'elles, a mesma palavra, ao avistarem os presos :

— «Parabens !»

Diziam ; safavam-se e iam para as hortas, ou para os toiros. Era um domingo. E os presos alli ficavam, — felicitados.

Vejam lá se se faz perseguir *a camara de Taboaço*... Ah, cães !

Sob o titulo de *Infamia*, publica o *Districto de Bragança :*

«Vimos de ter conhecimento de um facto indigno, altamente revoltante e que o adeantado da hora a que nos é contado não permitte verberar como a infamia o requer.

«Trata-se nem mais nem menos do que da venda ou abandono de uma creança de seis an-

nos a uns desconhecidos que ha dias appareceram em Bragança e que para ahi, n'uma casa qualquer, hão exhibido espectaculos baratos.

«E os auctores do deshumano proceder são os proprios paes da infeliz creança, um tal «Beira Alta» e sua mulher, que para se verem livres do filho, que nenhuma culpa tem de que no casal haja divergencias ácerca da sua legitimidade (e com o que aliás nada temos, nem nada faz para o caso), não hesitam entregal-o, «devidamente documentado», aos que o levariam por esse mundo em fóra, Deus sabe a que triste fim conduzido.

«Feito o «negocio», o pobre rapazito foi encerrado n'um quarto juntamente com alguns cães e outros animaes, e lá partiria hoje na companhia d'esses desconhecidos, se á vilania não se oppozesse a acção humanitaria do sr. Ignacio Vergueiro, que, tendo d'ella conhecimento, a participou ao digno chefe da policia civil, não descançando emquanto não viu o resgate da innocente victima.»

... Se o jornal de Bragança vivesse mais perto

da capital, não chamava a isso *infamia*, mas sim *variante*. E' que na boa sociedade não falta quem venda as filhas — e considerado inepto é, por muitos, quem não acha comprador.

XLIV

21 de maio. — No *Diario de Noticias*, de 16 do corrente:

«Na Penitenciaria. — Falleceram na Penitenciaria central de Lisboa os reclusos Manuel Pereira de Carvalho, casado, natural de Poyares, concelho de Pezo da Régoa, accusado de duplo homicidio voluntario, com pena de 8 annos de Penitenciaria e seguida para Africa com 20 annos — e João de Souza Madeira, solteiro, natural de S. Braz d'Alportel, Algarve, accusado de homicidio voluntario para roubar, com pena de oito annos de prisão cellular, e 20 de degredo para a Africa.

Ambos foram sepultados no cemiterio publico de Bemfica.»

Fez-me scismar isto.

*

* *

Resumindo : é o assassino Manuel Pereira de Carvalho e é o assassino ladrão João de Souza Madeira — libertados ambos da vida e ambos a *fazer tijolo*, no cemiterio.

Como dois homens de bem.

Como dois homens sérios.

Como dois imperadores.

Como o leitor e eu.

Como dois assassinos de *cem mil homens* cada um — em gloriosa guerra.

Como dois Gatunos considerados, condecorados e respeitados pelas gazetas — até na noticia dos jantares que elles dão.

*

* *

Pergunta-me o Onofre dos óculos—se eu quero dizer *que a morte tudo nivella;* não espera resposta, e accrescenta :

— «Pois sim, mas os homens sérios não foram para a Penitenciaria. Toda a gente os considerou e olhou por elles *(para elles !)*

«E os chamados assassinos de cem mil homens não deixaram de ser *grandes*.

«E os altos e gordos Gatunos viveram, pelo menos, invejados.»

Creio. Mas, entre nós : Farão os dois *melhor ou peior tijolo*, no cemiterio, do que outros mortos — considerados e venerados ?

XLV

23 de maio. — Perseguição á imprensa.

Do *Diario de Noticias* de hontem :

«O velho proloquio francez — «tu te fáches, donc, tu as tort» — tanto póde ser applicado áquelles que sistematicamente despropositam em improperios contra os mais innocentes actos de um governo, como aos governos que se desmandam em excessos contra aquelles que os aggridem de boa ou má fé. Com a aggravante para

os governos de que estes, por isso mesmo que exercem tão altas funcções, devem conservar-se em uma esfera superior a impetos de revindicta e dar o exemplo da serenidade mesmo quando em volta d'elles refervam os odios e as piaxões.»

Ha aqui muito... panno para mangas; mas subindo dos *factos* aos *principios*, vou reproduzir palavras de alguem que mais sabia e melhor dizia, ha cento e vinte annos, de que os mais sabedores e os que melhor se exprimem hoje sobre o assumpto.

Chamava-se Mirabeau esse homem. Do seu trabalho *Sur la liberté de la Presse* transcreverei as ultimas palavras. Se um dia eu dispuzer de força para *extraordinarios* e se não houver, por ahi, quem se me antecipe, heide traduzir a obra toda do extraordinario orador e publicista.

E' Mirabeau quem fala. Dirigia-se aos homens que em breve teriam de compôr os Estados Geraes :

«O' vós que dentro em pouco representareis a

França... tremei, se, á similhança dos reis, ou antes dos seus ministros, julgaes tudo saber, ou poder tudo ignorar desvergonhadamente, porque tudo podereis ordenar, sem responsabilidade! Obrigados a saber tudo, para sobre todas as cousas resolver, como sabereis o que se passa, se os homens mais esclarecidos julgam *comprometter-se* — falando? Que a primeira das nossas leis consagre por todo o sempre a *liberdade da imprensa*, a mais illimitada e inviolavel liberdade, — sem a qual jámais se conquistarão as outras, e que o nosso exemplo imprima o ferrête do desprezo publico na fronte dos ignorantes que temerem os abusos d'essa liberdade!»

*

* *

Alguns annos depois, a irmã de Mirabeau enviava-lhe um exemplar de um folheto difamatorio — contra elle. E Mirabeau escreveu-lhe:

— «Tens razão, isso é uma infamia; mas é a simples escorrencia maléfica de um bem que

compensa de tòdos os males possiveis. Não me digas que renuncie ao bem, por causa do mal; os que protestam contra a *liberdade de imprensa,* dando como pretexto os abusos, assimelham-se ao senado de Carthago, que por um insensato decreto, prohibiu aos carthaginezes que aprendessem a escrever e a falar a lingua grega, porque um traidor escrevera, em grego, a Dionisio de Siracusa, prevenindo-o de que um exercito carthaginez ia atacal o.»

*

* *

Tal escreveu Mirabeau, ha 120 annos; mas que sabem as *cabeças de burro*—120 annos depois?!

XLVI

24 de maio —Porque esta manhã, no comboio de Cascaes, encontrei o homem com quem ha annos se deu o seguinte facto, me lembrei hoje do homem, que nunca mais eu vira, e do facto, em que nunca mais pensara.

Os quaes — homem e facto — sómmam uma interessante variante ás *causas de morte voluntaria.*

Foi por 1877, ha dezoito annos, que o tal sujeito me disse, em viagem do Porto para Lisboa:

— «Aqui onde v. me vê, tenho *oito dias* de vida, — se não tiver menos, independente da minha vontade. Tenciono matar-me, com um tiro, no cemiterio dos Prazeres. Sempre lhe quero dizer porque. Não ha um *facto* determinante: ha isto:

«Recorrem ao suicidio homens *amargurados* por uma desgraça ou *atormentados* pelo infortunio sem treguas. Eu fujo á *monotonia da desventura.* Tenho uns quarenta annos de idade e não me lembro de um dia feliz. Vejo que a Providencia não tem mais que me dar — a não ser desgostos. E' monotono, é sensaborão, é aborrecido. Vou-me embora.»

Separámo-nos, sem que eu lhe objectasse coisa alguma. Objectar o que? Deus sabe de cada um... Deus sabe.

Dezoito annos volvidos, encontrei hontem o homem. Encarámo-nos, e eu perguntei-lhe :

— Está melhor ?

E elle :

— «Melhor não. Casei rico ; enviuvei. Estou livre de responsabilidades e de miseria. Não digo que seja melhor ; mas é *outra coisa*...»

(Tiberio extrae esta moralidade : — A gente quer sempre *outra coisa.*)

XLVII

30 de maio.—Porque lucto eu ? Porque morro eu ? Sei lá ! E' uma sinthese eloquente, que eu vejo a fechar hoje um artigo ácerca da situação moral dos Russos, na presente guerra O que me assombra é que não seja aquelle o estado moral de *todos* os que por esse mundo são mandados combater e morrer. Ainda ha heroes para o sacrificio e ainda ha crentes. Em que ?

Conheço, decerto, os meus autores; não ignoro, portanto, que é romantico e ridiculo o Sen-

timento,—a que chamam *sentimentalismo* aquelles praticos. E', pois, materia para riso abrir-se na Civilisação um parenthesis de espantoso morticinio e de desordem economica e social. Prático, humano e respeitavel é que os soluços de centenas de milhares de familias sejam abafados pelos brados de triumfo soltados pelos *altos* e *gordos*, que se não batem e que exploram a *chair à canon* e que recebem felicitações dos seus iguaes e dos *snobs* das camadas baixas. E ha tantos seculos que assim dura!

E creio que não terá fim, nem emenda. E é, justamente, a inalterabilidade de taes processos sociaes, atravez dos tempos, com permanente fracasso para os pensadores, rebaixados a utopistas, o que serve de base ao desenvolvimento do *descaro* nos nossos dias. Para reagir contra o enfraquecimento que brota das estereis luctas, contra a *victoria* dos sem escrupulos, contra o visivel esmagamento dos simples e dos sinceros, é preciso um reforço de amor proprio que torne um facto a *honra da firma*. E ao termo de sua vida tenho eu visto homens reconhecerem, — humilhados e desesperados — que não

chegaram a perceber coisa alguma, a não ser que viveram illudidos...

XLVIII

31 de maio. — O assumpto do dia continúa a ser a batalha naval entre os Russos e os Japonezes. Descendo nós ás minudencias, direi aos meus leitores effectivos que, relendo ha tres dias a *Débacle*, de Zola, se me impunham em cada pagina as afinidades entre a guerra actual e a franco-prussiana de 1870. Do lado da Allemanha, como do Japão, a ideia da *nacionalidade*, — inferior, é claro á da *humanidade*, mas fertil em abnegações, — a superioridade de *instrucção* geral e especial dos combatentes: o *renascimento* historico de um povo: Do lado da França, como hoje da Russia, a absoluta falta de um *ideal*, a relaxação de um povo *tyrannisado*, a medonha *ignorancia:* o apodrecimento de uma civilisação ignobil. Não havia, como hoje não póde haver, sombra de uma duvida.

E se duvidas teem existido agora, até hoje, é

porque a alma do Japão e a alma da Russia não eram bem conhecidas. *Mea culpa!*

E não ha mais que discutir, em materia de desfecho. O que o futuro nos rezerva, em surprezas, no tocante ás potencias que applaudiram os Japonezes e que já para elles olham com inquietação, vem talvez tão proximo que não perco a esperança de chegar a vel o, — por bem pouco que eu *aqui* me demore.

Ha tambem o futuro da Russia. O sentimento de humanidade não permittirá que a triste agglomeração se furte ao interesse dos humanos. Se ali podem caber e enraizar-se a Liberdade e a Instrucção, podemos contar com um grande povo. Se a grutesca monstruosidade do *imperio russo* subsiste, nada temos com o sovado estafermo.

XLIX

27 de maio.—Nos annuncios do *Diario de Noticias* vejo o seguinte *documento historico:*

«*2:000$000* — Individuo com algumas habilitações litterarias, deseja um emprego garantido

em Lisboa, que renda 90$000 réis mensaes pelo menos, gratificando com a quantia acima. Tambem se acceita de 60$000 para cima »

Pede muito. Não haverá falta de vontade, nem de disposição para servil-o; o que não ha é posta de 90$000 réis mensaes para adventicios. Uma vez me disse Barjona de Freitas: — «A um ratão que ha dias me pediu um emprego de 100 mil réis por mez, respondi: — «Atraz d'isso ando eu, para mim proprio.»

Outro. Vem tambem no *Diario de Noticias* e diz assim, mais modestamente:

«Gratifica-se com o que se combinar a quem indique um emprego que renda 50 a 60$000 réis mensaes, guarda-se segredo; carta ao n.º 131.»

... Este *grande segredo* lembra-me o *grande susto* do padreca minhoto de Santa Coca, — o que elle mettia nas *vias largas*, em dias de ventura. Será tambem o *grande segredo* borrifado com verdasco, como o *grande susto?* Se assim

é, eu só direi ao pretendente — que teria apanhado, se viesse mais cedo.

——

Outro documento historico — para rir. E' um extracto da sessão de hontem, da camara municipal de Lisboa :

«Questão das carnes. — Sendo muitas as reclamações que se tem suscitado sobre o modo como é cumprido o contracto para o fornecimento de carne na capital, resolveu a camara que o seu advogado-syndico, tomando conhecimento do assumpto, apresente o seu parecer, a fim de habilitar a mesma camara, se houver fundamento, a propor acção judicial para compellir, nos termos da lei civil, o arrematante a cumprir rigorosamente o contracto, ou para este ser rescindido, se para isso houver razões legaes.»

Quer dizer: Não faltará tempo para os felizardos, que a pobre opinião publica aponta, rebentarem da fartura de caldos gordos e para acaba-

rem seus tristes dias os famintos consumidores de uma carne que parece raspa de córnos.

Com licença!

L

28 de maio.—O snr. Hintze, de Paris para Lisboa:

«*Paris, 26, ás 8,28, m* — Cheguei bem, com excellente viagem. Muito grato a todos os amigos que ahi em Lisboa e nas estações do Entroncamento, Coimbra, Celorico, Guarda e Villar Formoso me penhoraram com demonstrações de estima. A todos, reconhecida lembrança.

«Estou Hotel Campbell, Avenida Friedland.— *Hintze Ribeiro*».

Supponho que as referencias do snr. Hintze á maioria dos taes amigos são tão ardentes.. como devem sel-o, pois que elle já tem edade para conhecer a especie.

Um que não teria *hoje* demonstrações taes, em sua honra, se viajasse: *o snr. Alpoim.*

Abre assim um artigo do *Seculo*, ácerca das chamadas *carnes* em Lisboa :

«Os abusos commettidos pela empreza arrematante do abastecimento de carnes á cidade de Lisboa contra a lavoura, rasgando e inutilisando os contractos feitos, são taes que a reacção no Alemtejo ameaça agora tomar proporções serias.»

E' o que não succede em Lisboa, porque já não ha força para protestar. A população come a tal *carne* que parece raspa de *córnos*, mas a sustancia comem-n'a os *outros*.

Do *Popular* :

«O Mercado Central dos Productos Agricolas está agora a fazer obra tão util como a da illustre commissão da invencivel armada. Diverte se o mercado a calcular se é preciso milho no districto da Horta e quanto. Ora quem sabe e calcula isso é o snr. Silveira das Botas. Quando lhe

fez conta exportou milho, declarando ter sido por engano, pois queria exportar trigo, e o governo consentiu-lh'o. Agora, o governo consentirá que se importe milho na Horta e quanto o snr. Silveira das Botas quizer, porque assim lhe faz conta.»

«Em logar de estarmos com estas embrulhadas todas, não seria mais simples e facil decretar que a Horta é do snr. Silveira das Botas, em quanto os progressistas governarem, assim como o Arsenal de Marinha foi do snr. Croneau em quanto elle muito bem quiz e entendeu? Ao menos, ganhava se em simplicidade e franqueza.»

. . Isto é para rir. Para chorar temos os miseraveis presos e causticados, porque quizeram passar para dentro de Lisboa dois decilitros de alcool, ou de azeite.

Retorcido chifre — este mundo!

LI

2 de junho. — Estava eu lendo, para distrair-me, a Historia de França, de Amadeu Gabourd, obra de 1858, em 20 volumes rechonchudos, escriptos com fé monarchica e religiosa e, o que não é vulgar em taes escriptores, com certa independencia de critica. A contas com o reinado de Henrique IV (no tomo XI) acabava eu de lêr: — «Ao entrar em Paris, como successor de Henrique III, e depois do cerco, o rei, tendo subido ao palacio, chegou a uma janella, para vêr desfilar os hespanhoes, que haviam auxiliado, contra elle, os sitiados; e como aquelles soldados, em retirada, o cortejassem respeitosamente, Henrique IV, saudou-os, com a sua costumada cortezia e bradou-lhes, risonho: — «Recommendem-me muito a seu amo. Boa viagem e não voltem cá!»

Foi ao lêr este episodio que se me deparou a noticia telegrafica de um attentado em Paris, contra o reisito hespanhol. Ainda bem que não atingiram o rapaz! Mas Henrique IV foi mais

cortez com os hespanhoes do seu tempo: — «Boa viagem e não voltem cá!»

A França nem já dispõe de cortezia!

*

* *

Havia dias que o *muchacho* demonstrava sustos,—o que é sempre funesto aos que se julgam ameaçados. Era eu collegial, teria uns 10 annos, quando a caminho da escola, ao sair de casa, via deitado na rua um certo cão, que dormitava—indifferente aos transeuntes. Pois senhores, o meu susto era tal que eu principiava a enxotar o cão e a fugir d'elle, até o accordar e excital-o e fazel-o correr atraz de mim!

Não lhes falo de outro *assustadiço*, porque teria de lhes falar do obnoxio levita do Alto Minho, o furado banaboia de Santa Cóca.

De Camillo Castello Branco :

«Ha homens que tornam infame quem lhes perdôa.»

Está certo.

LII

5 de junho. — Na Associação dos Engenheiros Civis Portuguezes, hontem reunida, o sr. Fernando de Souza desenvolveu as vantagens de encurtar o trajecto da linha do Algarve a Lisboa.

As gazetas o noticiam. O sr. Fernando de Sousa dirá se não ha ainda maiores vantagens em *alargar as vias*, no Alto Minho, em serviço dos assustadiços e dos que mettem sustos.

De Washington, em 3 :

«Roosevelt, em uma conversação com o conde Cassini, embaixador da Russia em Washing-

ton, disse que se as condições do Japão são de um apuro tão rigoroso como se diz, a Russia teria vantagem mantendo indefinidamente a guerra porque assim teria probabilidades de triumphar em terra.»

E' que o Americano vê no horizonte o que quer que seja — que torna *razoavel* o enfraquecimento do Japão. Chamem-lhe tolo!

S. Petersburgo, 3. — Os jornaes continuam mostrando a necessidade da guerra a todo o transe, dizendo que a lucta é realmente entre a civilisação christã e a civilisação pagã.

... *Civilisação christã*... dos cossacos: tiro e chicotada no povo!

Seja louvado Nosso Senhor Jesus Christo!

Do erudito snr. Souza Viterbo, no *Diario de Noticias* :

«Ter-se-ha perdido completamente esta edição, ou poderão os bibliophilos nutrir a esperança de que venha a apparecer qualquer dia algum exemplar inesperado ?»

... Se ha *esperança*, não póde ser *inesperado* o exemplar que apparecer.

Pitadeêmo'-nos !

LIII

7 de junho. — Graves nadas :

E' ácerca da separação das Egrejas e do Estado, em França :

«*Roma, 4 de junho*. — O Papa conferenciou com o cardeal Merry del Val e os principaes membros do Sacro Collegio, aos quaes declarou que não o surprehendeu a votação da separação das egrejas e do Estado pela camara dos deputados da França, mas está seguro de que

Deus dará força á egreja para atravessar esta crise. — (H.)»

... Deus — e o padre do Minho, com o tremendo *susto* abeberado em verdasco!

LIV

8 de junho.— Deixem-me aqui reproduzir uma breve noticia para elucidar os patriotas e os contribuintes. E' de hontem, do *Seculo*, e diz assim:

«A canhoneira *Patria*, que ha tempo se acha em Loanda procedendo a reparações nos condensadores e bombas de circulação, a fim de poder empreender viagem para o Brazil, entrou ali na doka fluctuante.

«Pelo commandante da divisão naval foi nomeada uma commissão de officiaes para examinar o estado do casco, verificando essa commissão a existencia de corrosões nas cravações das chapas, pelo que tiveram de ser substituidos alguns rebites, como já antes do navio sair de Lis-

boa se fez, no dique do Arsenal da Marinha, pelas mesmas causas.

«Além d'isto, em virtude da opinião da citada commissão, foi preciso collocar um remendo de meio metro, approximadamente, n'uma chapa do fundo que apresentava a sua espessura reduzida a ponto de se recear que em breve abrisse algum furo, não se collocando uma chapa inteira, nova, devido ás difficuldades que tal trabalho offerecia n'aquelle porto.»

... Victimas dos nossos maiores e das suas armadas! estaes bem vingadas, pobres gentes d'Asia e d'Africa! E nem só vos vinga a nossa miseria; é tambem um ridiculo que faz chorar as pedras!

A que nós descemos — e desceremos!

Contam jornaes que uma commissão de carteiros de Lisboa procurou hontem o sr director geral dos correios e telegrafos, afim de pedir a s. ex.ª que faça com que lhes sejam immediata-

mente pagos os vencimentos de maio ultimo, que ainda não lhes foram satisfeitos, o que lhes causa muito transtorno.

Para consolar esses esfalfados e famintos servidores do Estado, referem tambem as gazetas — que foi á ultima assignatura real um decreto elevando a 3 contos de réis o vencimento do sr. arcebispo de Calcedonia, commissario da Bulla.

O arcebispado de Calcedonia faz rir, mas os 8 contos para o masmarro fazem chorar... os contribuintes!

LV

9 de junho. — A respeito das *carnes* que Lisboa róe como poderia roer raspa de *córnos* e e ás quaes os *outros* sugam as particulas alimenticias, publíca no *Diario de Noticias* de hontem honradas e sensatas considerações o sr. D. Luiz de Castro. Certo é que hão de entrar por um ouvido e sair por outro dos sugadores supra, uns de cara estanhada e pança cheia; mas vá lá o registro — para a Historia!

Em plena sessão da camara municipal de Lis-

boa dissera o sr. Sabino de Souza o que nos seguintes termos reproduz o sr. D. Luiz de Castro:

«Toda a camara sabe que elle, orador, hoje, como sempre, vê com magua, e até com indignação, o modo como tem sido executado o contracto de abastecimento de carnes á cidade.»

Fala o sr. D. Luiz de Castro:

«Mostra depois o sr. Sabino de Souza como o regimen actual favorece os cofres municipaes e o consumidor e como favoreceria a execução de gado bovino do paiz se «*por ser illudida a sua execução*» não se tivesse transformado em elemento de ruina para a agricultura.

«N'outra passagem disse: «... tanto elle como os seus demais collegas sabem que *de longa data se impõe a rescisão do contracto* »

«Esta affirmativa é que baralha por completo as ideias do publico! Todos os vereadores ha muito tempo teem conhecimento das tropelias da 2.ª repartição e do arrematante, de tal ordem

que impunham a rescisão, mas os resultados são taes quaes adviriam do conhecimento de uma execução perfeita e honesta da lei; premeiam-se aquellas entidades, incitam-se a praticar, a aperfeiçoar os mesmos processos condemnaveis, defende-se por todas as fórmas os interesses do arrematante, tapam-se os ouvidos aos clamores do publico, sacrifica-se a economia do reino.

«Mas o orador vae mais longe, acrescentando adiante : «*se na sua alçada absoluta e exclusiva estivesse o resolver sobre o caso, nem mais um dia, a partir do mez de agosto do anno passado. estaria o abastecimento das carnes nas mãos de quem está.*»

«Conjugando esta desassombrada declaração com as passagens que tenho transcripto, fica-se sabendo o que já se desconfiava e vem a ser que *é muito consciente de todas as irregularidades e de todos os escandalos* praticados dentro da camara e na empreza arrematante, que a vereação da primeira cidade do reino os tem consentido e até incitado.

«Em que posição fica a edilidade lisboeta depois d'estas revelações verdadeiramente sensa-

cionaes de um dos seus membros, confirmando todas as suspeitas do publico e desmentindo categoricamente o que a commissão delegada das associações agricolas ouviu, em resposta aos seus protestos, na camara municipal de Lisboa ?»

*

* *

N'esta complexa mixordia, em que são aggravados torpissimamente os lavradores e a cidade de Lisboa, em proveito de uma agremiação de patuscos, tem derramado luz que farte o sr. D. Luiz de Castro, que é um elevado espirito e um homem de bem. A proposito me diz agora um politico :

« — Mas não será ministro das obras publicas, apesar de regenerador. Apostar em como volta o Paçô ! ?»

E eu pégo na *Voz Publica* de 15 de dezembro de 1904. Diz assim :

«Vejo no *Seculo* referencia ao boato de terem baixado officios graves do ministerio das obras publicas ao director da 1.ª direcção de obras publicas do districto de Lisboa. E' a proposito da famosa acquisição dos famosissimos fogões monumentaes do amigo Foz, por *25 contos de réis*, — para aquecer a *via larga*.

Como é sabido, o Tribunal de Contas recusou o seu *visto* no escandaloso contracto, e o snr. Eduardo José Coelho, o actual ministro das obras publicas, acatou aquella resolução; mas o *melhor da passagem* é a seguinte informação do alludido jornal:

— O contracto foi realisado em 18 de outubro ultimo, *exactamente no dia em que o chefe do governo regenerador declarou nas camaras estar demissionario!!! Já el-rei encarregara o sr. Jose Luciano de formar gabinete!!!*

Mais:

O parecer da commissão nomeada pelo sr. *Paçô Vieira*, para avaliar os fogões do amigo Foz, só foi dado no domingo 16 de outubro, -- quando todos falavam da queda do governo regenerador, — dando entrada no ministerio das

obras publicas no dia seguinte, quando já se estava organisando o gabinete progressista. *Foi n'esse dia que o mesmo ministro, Paçô Vieira, autorisou a celebração do contracto!!!*

E é o director da 1.ª direcção das obras publicas quem recebe os officios graves. Não percebo. Mas, se houvesse *lei de responsabilidade ministerial*, a sério cumprida, aonde iriam parar ministros como aquelle?

E ha de ser deputado, como *representante do povo* e fiscal dos actos do governo, o snr. Paçô Vieira. E será eleito por favor do governo...

A'parte do Tiberio:

— «E voltará a ser ministro.»

Creio em todo o incrivel.

*

* *

Cá o temos deputado — *e pelo Porto.*

Considero crivel *o resto.*

N'um brinde do rei de Inglaterra, ante-hontem, ao reisito hespanhol :

«— Muitos annos decorreram depois que um soberano hespanhol desembarcou em nossas costas.»

Referia-se ao Affonso XII, pae do actual reisito. Mas ha facto historico mais importante, para os Inglezes recordarem hoje.

Quero eu referir-me a um rei de Hespanha— a valer — Filippe II, que muito lidou por ir *ás costas* da Inglaterra. Se lá não chegou a *invencivel armada*, agradeçam-n'o os *piratas* á Divina Providencia dos mesmos !

Descendo :

Vejo n'um jornal de Lisboa :

«*Snr. redactor.*—Como o assumpto agora é só de vinhos, e v. disse ha poucos dias que não se podia vender vinho em Lisboa a 70 réis, participo-lhe que no dia 14 do corrente foi arrematado

para a Ordem Terceira de S. Francisco da Cidade vinho a... 60 réis o litro!!!

E o que diz v a isto?»

Pois que o assumpto agora é só de vinhos (para os borrachões, agora e sempre), eu cá, modelo de temperança, responderia, sendo interpellado: — Esse vinho é tão preto que é impossivel que não seja branco.

E se pertencesse á ordem de S. Francisco, agradeceria, com gestos do mesmo santo, á respectiva administração. Tóma! *Pois então cumié?*

LVI

10 de junho.—Como é notorio, casou-se antehontem em Berlim o principe herdeiro presumptivo de Guilherme II, imperador allemão, rei da Prussia e Faz Tudo — que nada faz.

O *Zé contribuinte* portuguez não poderá dizer que nada tem com o facto. Tem muito. E' elle quem paga as despezas da viagem do infante D. Affonso a Berlim, sob pretexto de assistir ás bodas.

Uma viagem, que não nos dá proveito, nem gloria. Pagamos, é claro, e pagamos por quem mesquinha figura faz, e não mais póde fazer, por esse mundo. Nem dotes de espirito, nem instrucção : coisissima nenhuma !

Mas, a proposito do casamento, vem hoje em gazetas :

«A benção nupcial ao kronprinz e á duqueza Cecilia foi lançada pelo pastor Dryander.

«O thema da allocução, escolhido pelo proprio imperador Guilherme, foi o versiculo 16.º do primeiro capitulo de *Ruth*.»

Alguem me pergunta — que vem a ser o versiculo 16.º do primeiro capitulo de Ruth. Não é a mim que corre dever de explicar, mas eu digo:

Pégue-se na Biblia Sagrada ; procure-se, no Velho Testamento, o livro de Ruth. Na edição de 1802, da traducção de Antonio Pereira de Figueiredo, segundo a Vulgata Latina, vem logo, após os *Juizes*, a pag. 166. Cá está no capitulo I o versiculo 16.º, que diz assim :

— «A qual lhe respondeu *(é Ruth quem responde a Noemi :)* — Não te ponhas contra mim, obrigando-me a deixar-te e a ir-me : porque para onde quer que tu fôres irei eu: e onde quer que tu ficares ficarei eu tambem. O teu Povo será o meu Povo, e o teu Deus será o meu Deus.»

. . . Tal escolheu o imperial Faz Tudo — que nada faz. E' bem achado, e nunca o infante D. Aflonso será capaz de percebel-o. Nunca !

Ora, Deus nos acuda. Vejam isto :

«*Paris, 26, ás 2 40 t.*—Telegrapham de Washington que os tres cruzadores russos fundeados em Manilla, não podendo sahir do porto, no praso de 24 horas, que lhes foi marcado, em virtude de se encontrarem sériamente avariados receberam ordem do governo americano de desarmarem immediatamente.»

. . . Para que serve tal severidade ? Os navios russos armados não fazem mal a ninguem !

Um dia d'estes, foi espancado um carteiro pelo snr. Pimentel Pinto, ex-ministro da guerra, auxiliado pelo filho.

O carteiro apanhou e queixou-se. Tomou conta do caso o juiz Veiga.

Corre que o snr. Pimentel Pinto, do conselho de Estado, par do reino, ministro de estado honorario e general de cavallaria, vae para Timor, em virtude de a lei de 13 de fevereiro reconhecer acratas nos *que dão* tapona. Nos *que levam* ella o dirá, para consolo dos *que levam* ou *apanham*.

LVII

11 de junho. — Uma curiosa noticia para os amadores do genero, — como eu:

«Consta que vae ser feito ministro da mari-

nha nos Estados-Unidos o sr. Carlos José Bonaparte, neto de Jeronymo Bonaparte, que foi rei de Westphalia.

«O rei Jeronymo casou aos 19 annos, sendo guarda-marinha, com miss Paterson, americana de Baltimore. Este casamento foi annulado por Napoleão, em 1805. A sr.ª Paterson, que tinha tido um filho, retirou se para Baltimore, onde esse filho casou em 1829.

«D'este casamento procede Carlos Bonaparte, que nasceu em 1851. Tem sido advogado muito distincto e popular em Baltimore e até já foi inculcado para presidente da Republica.»

Tal diz a noticia.

E ahi teriamos nós um Bonaparte que não brindaria a Historia com um *18 brumaire*, como o outro, que liquidou em Waterloo, nem com um *2 de dezembro*, como o que chafurdou em Sédan.

Pois que os Estados-Unidos não são a França.

Vejam isto, nos jornaes :

«*Paris*, *8*. — O sr. conselheiro Hintze Ribeiro assistiu hontem á representação da peça «Ventre dorés» no Odéon e almoçou hoje com o principe de Monaco.»

Pois eu cá, se o *Bucha* (do Arco do Bandeira) me convidasse para almoçar, não o participava ás gazetas.

(O *Bucha* teve uma batota n'aquella rua.)

Mais uma ?

«*Londres*, *8*, *ás 8,45 n* —Nos centros politicos e diplomaticos assegura-se que está assente o casamento de Affonso XIII com a princeza Patricia, filha dos duques de Connaught.»

Pobres paes ! Bem se afadigam com as filhas!

LVIII

13 de junho. — Santo Antonio. Irresistivelmente é um dia de festa para os de Lisboa. Uns gozam a patuscada de hoje; outros as recordações de arredados tempos.

São os rapazes e são os velhos. Só não gozam umas bestiagas que não tem mocidade e que não terão velhice.

Usam-se muito agora...

Interessante coisa: na Casa de Correcção de Lisboa, ha uns tres annos, dei-me a contar os *Antonios* — entre Pessoal e Reclusos.

Havia lá cento e vinte e cinco individuos; entre elles *oitenta e dois Antonios*.

A começar por mim.

Pueril? Pois sim. O que não é *pueril* está sahindo *pulha*.

Adiante!

Uma pagina de Historia... nacional. Vem n'uma gazeta:

«Um vinicultor tem a innocencia de aconselhar aos seus collegas que se liguem, para manter os preços dos vinhos. Isso ligam elles! De que tratam é de se esfaquearem uns aos outros, se podem; benza-os Deus.

«Em Lisboa, por exemplo, vendia-se correntemente ás mercearias excellente queijo de ovelha, de Azeitão, a 500 réis o kilo. Pois já houve dois eximios lavradores que se lembraram de andar por ahi a offerecer a 440 réis. O consumidor paga o mesmo, o merceeiro embolsa a differença e os lavradores dão aquella boa prova de confraternidade.

«O mesmo aconteceu com a venda dos espargos em Lisboa e succede n'outros casos semelhantes. Façam lá festa com taes mordomos.»

... Estou a vêl-os — os patriotas!

Por proposta do simpathico bispo de Bethsaida, foi elevado a 300$000 réis o ordenado dos quatro deputados pela Junta da Bulla da Cruza-

da, os quaes, assim como os tres contos que aquelle prelado recebe, são pagos pelo cofre da Bulla.

Commenta, e muito bem, um jornal :

«A coisa vae bem, porque ao mesmo tempo falta dinheiro para acudir aos seminarios, para concertar egrejas e para lhes fornecer paramentos capazes.»

Tambem é nacional — e patriotico.

LIX

15 de junho. — Não raras vezes me acontece receber eu consultas, de diversos pontos do paiz, ácerca de difficuldades da vida. Uma vez por outra envolve a consulta um pedido de soccorro; e eu deploro, pelo afflicto e por mim, não poder prestar valioso auxilio. D'outras vezes ha apenas um pedido de alvitre, de conselho:—«V., que tem soffrido tanto...»

Ante-hontem, dia de Santo Antonio, alegre

para os verdadeiros lisboetas, aqui chegou uma carta bem triste de um pobre rapaz do Minho. Simplesmente se esqueceu o signatario de ao menos me indicar a terra d'onde me escrevia e só pelo carimbo do correio posso conhecer o ponto de partida d'essa carta. Reconheço os topicos da desventura do meu correspondente: — má familia, — refractario, por azedume, a relações affectuosas, — surprezas de cada hora no espectaculo dos egoismos e dos descaramentos, — sem falar das proprias difficuldades da existencia. Reconheço a situação supra.

*

* *

Se a mocidade soubesse e a velhice pudesse, que seria do poder de Deus ? Seria nosso : dos homens. Mas tal não succederá, que Deus entende de equilibrio. Ora, eu perderia o meu tempo, se aos 57 annos de minha vida quizesse chamar os provaveis 23 annos do meu correspondente á acceitação d'estas considerações :

Em regra, o *homem* não é naturalmente anti-

pathico. Fez-se. Viu naufragios, vê naufragos; lida por evitar o perigo e tem fundamentalmente razão. Na maioria dos casos (admitto as excepções perversas), os egoismos e as tergiversações são impostas pela Necessidade ás limitadissimas forças do individuo. Deixe-me dar a palavra a um dos mais poderosos e originaes escriptores da França e tambem dos mais intransigentes — Jules Vallés. Diz elle no seu livro *Le Bachelier*, referindo-se a um homem que *desertara*, que abandonara a sua causa e os seus principios — de ambos:

«Ha talvez heroismo no procedimento d'elle! Esmagou o seu orgulho e abafou as suas ideias, para dar pão aos seus. Bem caro pão!»

*

* *

Aqui tem o meu correspondente assumpto para distrair-se, meditando; mas não esqueça que Jules Vallés teria a minha edade de hoje,

quando escreveu aquillo Uns velhos, que já não sentem, que já não choram...

Deve ser enternecidamente senil o que n'elles, ás vezes, parece lagrimas.

LX

19 de junho. — Esfalfam-se as almas candidas em louvar o presidente dos Estados Unidos, Roosevelt, porque esse chefe de estado anda n'um corropio, dos Russos para os Japonezes, a pedir paz, por amor da Humanidade. A Inglaterra e a Allemanha tambem cabriólam pela paz geral,—e dos tres ôdres de bondade e altruismo ninguem diria até, hoje, que ha dezeseis mezes assistem, com delicias de gran-patifes, ao enfraquecimento moral e material do imperio russo. Afinal estavamos em erro, consoante as almas candidas : a que *elles* aspiram, o Inglez, o Allemão e o Americano, é á santa paz e á dulcissima confraternidade entre Japonezes e Russos— e, ao mesmo tempo, á prosperidade *uns dos outros*.

Muito a sério:—Qual *d'elles* pagará, antes dos outros, a hypocrisia, a fereza, o egoismo e a covardia da sua politica?

Vale a pena viver, por curiosidade.

Corre impresso que o sr. Villaça, ministro dos Estrangeiros, ficou furioso, porque o ministro das Obras Publicas lhe riscou um protegido da lista dos novos empregados da fiscalisação dos generos alimenticios.

Duvido da furia do sr. Villaça. Sua Excellencia nunca se importou com o proximo — até ao ponto de o proteger a sério.

Lê-se em diversos jornaes de hontem:

«Em audiencia geral do 2.º districto, presidida pelo sr. dr. Miguel Horta e Costa, respondeu hontem e foi condemnado na pena de 18 mezes de prisão, com 4 de multa, o réu Antonio Frito

Garcia, de 23 annos de idade, que, no dia 22 de março ultimo, achando-se a servir como cosinheiro em casa de Florinda de Jesus Coutinho, proprietaria de um alcouce na travessa do Poço, 38, 2.º andar, aproveitou-se da sua ausencia e subtrahiu-lhe grande porção de joias com brilhantes, no valor de tres contos de réis.»

... E ficam inteiradas as raparigas pobres, com vontade de ser honestas, de que um mostrengo com figura de mulher, póde chegar, alugando carne putrida, a ter cosinheiro e joias no valor de tres contos. E está certo.

LXI

20 de junho.—Escrevem de Margaride, a terra dos apregoados pães de ló:

«Tres sujeitos do Porto costumavam vir d'aquella cidade em passeio até Margaride como quem vem apreciar de perto as delicias do pão de ló, que é especial na localidade. Apenas che-

gavam, os tres sujeitos dirigiam-se ao cemiterio e alli demoravam-se em animado colloquio com o coveiro. A frequencia de taes visitas intrigou alguns curiosos, que trataram habilmente de saber a que vinham e o que buscavam os estranhos visitantes. E o caso é que tudo se descobriu, quando foi visto um dos alludidos *touristes* sahir do cemiterio carregado com um sacco cheio d'ossos. Os tres eram agentes d'uma refinação d'assucar, do Porto, e vinham ao cemiterio de Margaride buscar ossadas, por minguado preço, —a materia prima que ao depois provavelmente regressava transformada em assucar para adoçar o celebrado pão de ló, especialidade da terra!

«Só da ultima remessa, levaram do cemiterio seis arrobas de ossos. Eis porque nunca era preciso alargar o cemiterio de Margaride, nem o seria, ainda mesmo na hypothese d'uma epidemia mortifera!»

Concordemos em que ha alli excesso de porcaria, mas não vale exaggerar os protestos contra as irreverencias. Ossos são ossos. Já lá dizia o Hamlet: — «Um rei gordo e um mendigo ma-

gro não são mais do que duas iguarias differentes; dois pratos, mas para a mesma meza; n'isto vem a dar tudo »

Mas *as reliquias dos nossos maiores* ! ? Já sei; pelo ordinario, são os que mais desprezaram ou augmentaram os soffrimentos dos vivos quem mais apregôa o *respeito pelos mortos*. Ricos patifes !

Contam-me agora a seguinte delicia do finado conselheiro Encravadissimo :

Governava elle Cabo Verde, quando teve noticia do que nas paredes das privadas d'uma secretaria appareceram obscenidades a lapis. Ordenou um inquerito, apurou os nomes dos deliquentes e sentenciou :

— «Castigados com 15 dias de prisão militar, por se haverem servido dos lapis da repartição.»

Perfeito, pois não é ?

XLII

3 de julho. — A' falta de mais grave assumpto, quero hoje dar um *signal de vida* a uma boa alma que, do Porto, se preoccupa no meu estado de saude, ou na falta d'ella, escrevendo-me de quando em quando e guardando um anonymo tão rigoroso para dizer coisas agradaveis como outros para me dirigirem injurias.

Dá-me conselhos de hygiene e outros — o meu estimavel correspondente, no intuito de alliviar-me e prolongar-me a vida. Ora, justamente, a noite passada tive occasião de lêr umas paginas do admiravel Daudet (é n'um seu romancinho *Rose et Ninette*) nas quaes um personagem da obra responde por mim — ao meu bondoso correspondente.

Diz assim:

«Signal de velhice. Sim de velhice. Vou nos meus quarenta e cinco, edade em que o homem physicamente já não vive das suas rendas e começa a atacar o seu capital de dias e de saude.

As forças já se não renovam; cada desgosto cava a sua ruga, cada emoção embota e distende a força nervosa. E' triste, mas o melhor da minha existencia passou, as minhas victorias já estão ganhas: isto acabou para mim, que vou no declinar das forças e da sorte, e sinto atraz de mim o tropel da mocidade, ferozmente apressada e gulosa. Ah! depressa, muito depressa se chega actualmente á Velhice!»

... Diz bem o personagem de Daudet, aos 45 annos d'idade. Que dirá elle se chegar, como eu, a estes abominaveis cincoenta e sete — uma eternidade!

Outra coisa. Informam de Londres que a policia de S. Petersburgo prendeu dois militares que, disfarçados em operarios, estavam collocando bombas explosivas no palacio de Inverno, onde se encontram reunidos os gran-duques.

Os quaes gran-duques, diz o telegramma de Londres, *ficaram impressionadissimos*.

Rasão tinham para isso os canalhas, ao verem-se protegidos pela Providencia Divina.

Tenho ideia vaga de lhes haver dito aqui o meu pensamento ácêrca do accôrdo anglo-francez. Tracto de verificar, e cá encontro em 18 de junho estes meus dizeres :

«Telegrafam de Tanger ao «Daily Chronicle» e ao «Morning Post» que o Maghzen pediu formalmente á França que obste ao restabelecimento do pretendente, pela Argelia.

Um telegramma expedido de Berlim ao «Eclair» confirma que está contractado o emprestimo al lemão, garantido pelas alfandegas marroquinas, e que o conde de Tattenbach obteve vantagens aduaneiras.

Ninguem dirá que está fazendo boa figura e que em bons lençoes está mettida — a França. Mas a sua alliada Inglaterra prende especialmente a attenção pela especialissima e prevista figura que faz no jogo. Ahi a teem a fazer ouvi-

dos de mercador pirata ás ameaças da Allemanha e a vêr quanto lhe renderá mais uma traição realizada e uns pontapés recebidos!»

*

* *

Creio que não restam duvidas ácerca da situação: a França a *meditar* n'uma alcofa e a Inglaterra a fazer-se desentendida, porque o *Caligula maluco* da Allemanha agitou mavorticamente o capacete e retorceu as guias da bigodeira!

Não quero sustentar, — estou farto de conjecturas imprudentes, — que a Allemanha, com a Russia esmagada, a França a *meditar* n'uma alcofa, e a Inglaterra a coçar-se na rabadilha, esteja de cima.

E d'ahi, talvez eu me engane...

LXIII

8 de julho. — Fazia-me hontem observar um meu visinho de cervejaria — que se está realisando entre nós a invasão de uma especie de *perigo amarello.* Coisa peior. Justamente, se produzia um facto demonstrativo, quando o meu visinho formulava a observação. Entravam na cervejaria um mulato, quasi negro, algo amacacado, e uma senhora nova, elegante e gentilissima. Pareciam marido e mulher, por palavras soltas, mas *senhor* e *escrava.* Fallavam em francez, — elle imperioso e desdenhosamente ; ella com submissão e cuidados E o meu visinho ponderou-me :

— «Quem tal diria no tempo de Toussaint Louverture ? !»

E accrescentou :

— «Todos os dias augmenta esta *invasão.* E' que você não tem notado. E' uma torrente de negros e anegriscados *dominando.* Parece a *revanche* do elemento de côr. Estou prevendo scenas de escravatura branca explorada pelos *ou-*

tros. E as victorias dos *amarellos* parecem-me de mau agouro e de fatal promessa do Destino.»

Reparo vagamente — que tem razão. Vamos retroceder aos macacos. Não é outro o fim da especie.

Bem feito!

Uma noticia litteraria, interessante por varios motivos E' de Candido de Figueiredo, no *Diario de Noticias*, de hontem:

«CINTRA PINTURESCA. — Na capa de um bello livro, que recebemos agora, encadernado em percalina, lê-se: *Antonio A. R. da Cunha*, CINTRA PINTURESCA.

«O capricho do encadernador póde induzir em erro o leitor que conheça pouco a bibliographia nacional.

«A verdade é que, em 1839, se publicou em Lisboa um interessante livro, *Cintra Pinturesca*, sem nome do auctor, mas que se sabe ser obra do visconde de Juromenha; e o sr. Antonio A. R. da Cunha, membro da Sociedade Litteraria

«Almeida Garrett,» teve a louvavel idêa de republicar a obra, intercalando-lhe algumas excellentes gravuras, e fazendo uma edição mais nitida que a primeira

«A obra do visconde de Juromenha merecia realmente este novo apparecimento, pelo que sinceramente louvamos o emprehendimento do sr. Antonio A. R. da Cunha »

... Está bonito. Nem lhe falta musica religiosa !

LXIV

13 de julho. — Duas noticias do *Popular* de hoje :

— «O sr. Luiz José Dias já se encontra em Monsão.

— «Partiu para o Porto o sr. conde de Paçò Vieira »

E' a attracção que o *susto* exerce sobre o *assustadiço*. Lembra os versos :

A pobre da avesinha
Viu luz; cahiu na luz

Que destinos!

Alguem chama imperiosamente a minha attenção para o facto de no *Popular* se haver dito, ha dias—«que devemos tudo á Inglaterra.»

Não reparei. E tambem decerto não reparou o articulista do *Popular* que o marquez de Pombal, em uma carta que ficou historica, disse á Inglaterra — exactamente o contrario.

Se houvesse reparado, decerto não viria desmentir Pombal, quando na imprensa está aberta uma justa subscripção para o monumento d'elle.

Noticia officiosa, de hontem:

«O ministerio do reino fixou em 1:000$000 rs. o maximo do imposto sobre os casinos estabelecidos no concelho da Figueira da Foz, podendo,

comtudo, a respectiva camara municipal lançar dentro d'elle taxas differentes.»

E' a batota a entrar com pés de lã. Ficam-lhe bem as delicadezas — n'este momento historico!

De quando em quando, recebo de um amigo, que tem a sua casa n'uma quinta a tres leguas de Lisboa, um cesto de fructa *para os meus meninos*. E' sempre uma dôr d'alma olhar para a guia amarella, da remessa pelo caminho de ferro, e confrontar o pezo da fructa, que ella indica, com o pezo accusado n'uma guia branca pela alfandega da Lisboa. O roubo é infallivel. Aquillo veio pelo caminho de ferro: não lhes digo mais nada — por hoje.

Não averigúo minudencias.

*

* *

Muito a proposito me lembro do que ha tempo me contava, uma tarde, á porta da livraria Ber-

trand, o medico da armada dr. Rodrigues Braga.

Foi isto assim :

— Haverá 40 annos, em 1865 a 66, vinha eu por aqui, todas as tardes, para vér o Alexandre Herculano. Um dia, estavam alli, junto ao balcão, uns cinco ou seis individuos, discutindo. O Herculano estava a uns quatro ou cinco passos, folheando um livro. Um dos sujeitos disse :

— «Todos os povos teem uma qualidade caracteristica : o Inglez é egoista, o Italiano traiçoeiro, o Francez é falso, o Hespanhol é fanfarrão...

— «E o Portuguez ? perguntou um dos do grupo.

— «Isso é alli com o Mestre, respondeu o observador, indicando Herculano.

Olhou o Mestre. Puchou por um lenço tabaqueiro, sacudiu-o antes de assoar-se, e disse em voz aspera e tom breve :

— «E' ladrão !»

Esta é de Camillo Castello Branco, nas *Scenas da Foz* : ... ..

«O homem, na minha opinião, é um *cabide* e mais nada. Ahi fica debique para os philosophos.»

E ficou assumpto para rancôr dos *cabides*, — principalmente dos de còrno!

LXV

14 de julho. — Dizia-me esta manhã um regenerador, no comboio de Cascaes:

— «O que eu lhe digo é que já não entendo esta choldra!»

— O termo é progressista, mas é exacto. Vá dizendo!

— «Creio que haverá dissolução.

— O' diabo! E os deputados republicanos?!

— «Historias! O Hintze, que podia montar tudo isto *(salvo seja!)* vae feito com o José Luciano. Você verá. De mãos dadas, continuarão a annular o João Franco e a suprimir os deputados republicanos. E tudo porque o fantasma do João Franco apavora o Hintze. E' como o José

Luciano, a contas com os Alpoins. Já você vê que a orientação dos dois chefes do *rotativismo* está a igual altura. Temos para peras !»

— Quem ?

— «Quem hade ser ? Os regeneradores puros. Pois quem havia de ser ? *O paiz?*

Talvez esteja errado...

Num estabelecimento do Chiado, comunicava ainda agora uma especie de Inglez :

— «Vae bonito no Monte Estoril. A batota é de tremer !

— Deixe vir os regeneradores, ponderou o dono da casa.

— «Sim ? ! E' por isso que lá estava uma noite d'estas o *Paçô Vieira !*

O dos *sustos !* O alvo do padre ! E deputado *pelo Porto !*

Principiam a reunir-se os de Lisboa, para tra-

tarem da questão de subsistencias. Vem a proposito isto de um Relatorio do medico Silva Carvalho :

«Cada habitante de Lisboa, incluindo as creanças, mesmo de mezes, paga em media mais de 7$000 réis por anno de impostos lançados sobre os generos alimenticios de primeira necessidade, isto só a avaliar pelas quantias cobradas pelas alfandegas, porque se fosse feita a conta de quanto estas quantias augmentam o preço da venda a retalho, assim como de quanto neste influem para o aggravar, as multiplas extorsões que o pequeno comercio soffre a titulo de contribuições industriaes, licenças ,impostos de sello e outras mil alcavalas, não seria exaggero avaliar em 15 ou 16 mil réis aquella verba. O que representa isso para as classes pobres, o que significa uma cidade ter a carne de peor qualidade a 360 réis cada kilo, quando por menos de 260 a podia ter limpa e de boa qualidade, se lhe fossem abertas as alfandegas, o que importa para a vida dos pobres e remediados pagar o peixe por mais de 25 % do que deveria ser, o que representa tudo

para a vida da população, não necessito eu de o dizer a uma assembleia de homens illustrados.»

. . Pondera-me a minha dona de casa:

— «O senhor hade lembrar-se de que ha dezoito annos, quando para aqui se mudou, fazia com *dez tostões* por dia o que hoje lhe custa *dois mil réis*. Isto é que é mathematico.

— É. E perfurante. E profundo!

LXVI

19 de julho.—Todos leram no *Seculo* de antehontem — que a Europa constitucional assiste horrorisada ao *que vae pela Russia* e sólta gritos de piedade, etc.

Bello seria, se assim fosse; mas a Europa está tão *indignada* como o S. Polycarpo de Flaubert. Ninguem se mexe.

E a proposito: Vi hoje uma carta que de S. Petersburgo escreve, a um amigo de Lisboa, um nosso compatriota,—escriptor e diplomata. Diz elle que as noticias aterradoras são outros tan-

tos maranhões das agencias telegraphicas e dos informadores de gazetas.

Supponho que algo haverá de mentirolas, nem de outro modo se explicaria a resistencia do governo russo. Aquelle povo soffre muito, mas é mystico e ignorantissimo: portanto, domavel.

Descontemos, pois, um tanto na historia dos horrores

Para a nossa Historia:

Informa um jornal da tarde:

«O caminho de ferro de Malange é construido por conta do governo, e o caminho de ferro do Ambaca, sua base, pertence a uma companhia particular. E' uma anomalia essa, que, por varias razões, não deve subsistir. Por outro lado, assim como Ambaca foi um *terminus* provisorio, assim o será, tambem, Malange. Depois de Malange, o caminho de ferro terá de ir a Cassange; e depois de Cassange não sabemos até onde irá nas suas funcções de *penetração*, não menos importantes que as do caminho de ferro do Lobito.

E' certo que se trabalha com relativa actividade no caminho de ferro de Malange; mas, dentro da capacidade restricta dos nossos recursos, esse caminhar é, necessariamente, muito vagaroso, e a méta distanceia-se para a vida de muitas gerações. Conviria caminhar mais depressa, facilitar combinações novas; e para isso a condição fundamental é arredar a complicação dos embaraços financeiros, em que o thesouro anda envolvido com a administração de Ambaca, embaraços que, por todos os motivos, conviria fazer desapparecer por meio d'uma solução definitiva, pois que, até sob o ponto de vista meramente monetario, a continuação do actual estado de coisas torna cada vez mais onerosos os encargos do thesouro e mais pesado o sacrificio inevitavel dos seus subsidios.»

Esclarece o *Popular* :

«Infelizmente o collega engana-se.

«Trabalhar-se-ha com *relativa actividade*, mas será em estragar dinheiro. Vão decorridos longos mezes desde o começo dos trabalhos, longos mezes correrão antes que tenhamos construido

30 kilometros, e o despendio é colossal. Nem se atrevem a publicar contas, por tal fórma são assustadoras. E agora grassa a ideia pindarica de comprar material circulante especial para a exploração separada dos famosos 30 kilometros, quando forem exploraveis.»

. . . Impunidade absoluta e fiscalisação á altura. Lembra aquillo de um politico regenerador, que me dizia ha pouco :

— «Já se me vae tornando preciso *governar* uma colonia!»

Governar é um medonho euphemismo.

Na estação central dos correios de Lisboa descobriu-se um roubo de cartas registadas, sendo hontem preso e levado para a esquadra da rua dos Capellistas um servente d'aquella estação, a quem foram aprehendidas 9 cartas.

Que de transtornos não causaria aquelle malandro! Mas o *jury de Lisboa* ha de arranjar circumstancias derimentes...

Um dia d'estes referi-me ao anniversario da morte de Manoel Cardia; em 1 de junho passado ao de Camillo Castello Branco; hoje 19 de julho é o de Cesario Verde. São, dos que morreram, os que mais amei.

Não reproduzo hoje as palavras que formam o meu prefacio ao *Livro de Cesario Verde*. Tantas vezes teem apparecido na imprensa jornalistica, de 19 annos até agora, que só podem desconhecel-as aquelles... que não valem a pena de nova reproducção.

Quizeram, por vezes, admiradores do meu querido morto, que eu me consagrasse á apreciação critica do extraordinario poeta. A esses pedi attenção para a seguinte nota que em 1886 inseri no final do *seu livro* Diz assim :

«No Prefacio registra-se a promessa de um estudo critico sobre a Obra de Cesario Verde. Essa obra, dispersa nas columnas do *Diario da Tarde*, do Porto, da *Renascença*, da *Revista de Coimbra*, da *Tribuna*, da *Illustração*, etc., não será discutida pelo auctor d'estas linhas. Não é hoje discutida, nem o será jámais. Sobeja-lhe,

ao auctor da promessa, em enternecimento e amargura, quanto lhe falta em serenidade; — ficam auctorisados a dizer quanto lhe falta em competencia.»

Muitos annos volvidos, a incompetencia acentua-se, e a amargura tambem. Só tenho olhos de admiração incondicional para a obra complexa do meu poeta: um mixto, correcto e severo, de puros sonhos e de pura critica.

A proposito: como se está morrendo agora — *rapidamente* e *completamente!* Ainda ha dias falleceu na Cortegana o grande parlamentar visconde de Chancelleiros. Lá o sepultaram os do sitio; de Lisboa ninguem foi ao funeral: nem os que o visitavam a miúde, para lhe captarem a protecção politica.

E no dia immediato ao da morte de Chancelleiros *parecia mal*, em Lisboa, fallar ainda d'aquelle velho.

Ás vezes, ainda oiço referencias a Oliveira

Martins e a Carlos Lobo d'Avila; mas, em regra, o *Carlos era superior ao outro.*

LXVII

20 de julho. — Disse Alphonse Karr que o encerramento das camaras em França faz nascer, por todo o mundo, vitellas de duas cabeças, meninos com um olho na testa e outros phenomenos grutescos. Queria dizer que o jornalismo francez, privado de assumpto, pela falta de casos parlamentares, trata de colher e de registrar maranhões e noticias de phantasia nos jornaes dos dois mundos. Não é mau recurso; mas ha outros, por egual imaginosos e de menos escrupulos.

Por exemplo, o expediente de um jornalista a valer — homem de vasta instrucção — fallecido ha poucos annos em Lisboa e commigo inimizado. Ouvi-lhe certa noite na redacção do seu jornal:

— Extrahir do Mal a Conveniencia é uma ajuda de custo menos má. Por exemplo, aquella

gazeta mais adiantada em informação do que a minha, deu noticia de haver-se suicidado o commerciante Fulano. Pessimo effeito produziria no publico o silencio do meu jornal. E então, vinte e quatro horas depois do outro, eu dou a noticia do suicidio, *augmentada* com a insinuação de que houve desastre financeiro, *segundo corre*, e desgostos domesticos, segundo consta.

— Mas isso é patifaria, hein ?

— É; mas a noticia, no meu jornal, sae *melhorada* com mais assumpto e informação.

— Mas ha o risco de desmentidos, o que não póde augmentar os creditos d'essa informação.

— Historias ! Em primeiro logar, os desmentidos enchem espaço, constituem assumpto; depois é raro que a maior parte do publico acceite modificações que *suavisem* uma noticia. Em regra, quer-se bem carregado e negro *o caso*, e deixar lá os protestantes !

*

* *

Era um homem instruido — e sério

LXVIII

23 de julho.— Trouxe-nos hontem a imprensa allemã a nota—de haver fallecido o eminente professor dr. Wilhelm Storck. Entre nós, incorrigiveis pedantes quizeram explorar aquelle nome illustre, a proposito de tal fallecimento, aproveitando o *deixar correr* da maioria dos nossos jornaes. Ora, a noticia portugueza deve *apenas* dizer isto, mas sem deixar de dizer *tudo* :

— No livro de Anthero do Quental, *Raios de extinta luz*, editado em 1892, em Lisboa, por Manoel Gomes, ha um estudo biografico por Theophilo Braga, no qual se lê :

«Nos *Sonetos*, Anthero transfigurara-se. O dr. Storck, que acabava de traduzir em bellos versos para a lingua allemã a obra completa de Camões, ao receber um exemplar dos *Sonetos* de Anthero, fez a alta consagração de os traduzir para essa lingua eminentemente philosophica. Para acompanhar a sua traducção, pediu o dr Storck a Anthero algumas notas biograficas ; em carta

de 14 de maio de 1887 escreveu o poeta uma especie de Autobiografia, que vem junto dos *Sonetos*. E' um documento importante, não pelos dados biograficos, que são vagos e exaggerados, mas pelo alcance psycologico.»

Quem não conhece os *Sonetos* de Anthero do Quental não tem que vêr nestes assumptos. Devo acrescentar que no livro *Raios de extinta luz*, vem reproduzida a Autobiografia de Anthero e nella os seguintes tragicos dizeres, — tragicos se demorarmos o pensamento no occorrido :

«Não sei se poderei realisar, como tenho desejo, a exposição dogmatica das minhas ideias filosoficas. Quizera concentrar nessa obra suprema toda a actividade dos annos que me restam a viver. Desconfio, porém, que não o conseguirei; a doença, que me ataca os centros nervosos, não me permitte esforço tão grande e tão aturado como fôra indispensavel para levar a cabo tão grande empreza. Morrerei, porém, com a satisfação de ter entrevisto a direcção definitiva do pensamento europeu, o Norte para onde

se inclina a divina bussola do espirito humano. Morrerei tambem, depois de uma vida moralmente tão agitada e dolorosa, na placidez de pensamentos tão irmãos das mais intimas aspirações da alma humana e, como diziam os antigos, na paz do Senhor! — Assim o espero.»

A carta de Anthero do Quental ao dr. W. Storck termina assim :

«Ao bom e amavel espirito que me introduz, a mim neophito, nesses grandes circulos do pensamento e do saber, tributo, além de muita simpathia, indelevel gratidão.»

Do alludido volume *Raios de extinta luz*, separo as seguintes indicações bibliograficas sobre a Obra poetica de Anthero :

«*Sonetos completos*. Publicados por J. P. de Oliveira Martins. Porto, Livraria Portuense de Lopes & C.ª—Editores, 1886. In-8.º pequeno; 48 pag. de introducção por Oliveira Martins, e 126 de texto.—Contém a colleção dos *Sonetos* da Bi-

bliotheca da Renascença, e todos os Sonetos dispersos pelas outras obras de Anthero, á excepção de 5 Sonetos desprezados... e do Soneto *Accusação* (Aos homens de sangue de Versailhes em 1871), que vem nas *Odes modernas*, a pag. 167...

«Segunda edição. Porto, 1891. Acrescentada com a tradução allemã do dr. Wilhelm Storck, e algumas versões italianas.»

*

* *

Isto é que importa dizer, a proposito da morte de W. Storck. E passem de largo os pedantes exploradores de cadaveres!

LXIX

24 de julho. — Duas noticias do *Popular* relativas á nossa marinha. Tem maritimo de casa:

1.ª

«Parece que foi afinal expedida ordem á fa-

mosa canhoneira «Patria» para ir de Loanda para o Brazil, começando a sua visita por Pernambuco. Estimaremos que não lhe aconteça transtorno.»

2.ª

«O cansado «Lidador» veiu a toque de caixa da costa do Algarve para Peniche, a fim de fiscalisar um vapor estrangeiro, empenhado em pescar lagostas. Afinal arribou a Cascaes, por encontrar nortada rija.

Adeus lagostas!»

Não se póde ser mais trocista, nem mais *patriota*.

Mas, está certo.

Temos, do mesmo jornal, uma noticia relativa ao Ultramar:

«Allega-se agora que tem havido irregularidades na cobrança do *mossoco* e outros negocios da fazenda publica, na capitania-mór de Mossu-

ril, provincia de Moçambique. Só o contrario admiraria.

... Admiraria — se fosse só em Moçambique.

E' para consolar os burguezes que embirram com o mau cheiro das cidades :

«Os montes de imundicies dos cantos dos becos, os carros de lama que de noite atravessam as ruas, os fetidos corrimentos da agua subterranea, que as calçadas occultam, sabeis que é ? É o prado em flôr, é a herva verdejante, é a salva, o tomilho e o serpão, são os animaes domesticos, é o odorifero feno, é o louro trigo, é o pão de vossas mezas, o sangue de vossas veias, é a saude, a alegria, a vida. Assim o quer esta creação mysteriosa que é a transformação sobre a terra. Mettei tudo isso no grande cadinho e delle sairá a abundancia. A alimentação dos campos faz a alimentação dos homens.»

... É de *Victor Hugo,* nos *Miseraveis.*

LXX

25 de julho. — Não se ganha para surprezas, e quem médra são os aneurismas. Aqui temos agora a Russia reclamando uma alliança com o Japão. Supponho que são apenas os governantes quem nutre similhante sentimento. E' enternecedor ! Antes da guerra, todos leram as referencias deprimentes do Czar *áquelle ridiculo imperio* e o projecto russo de engulir o Japão, de passagem para a conquista da India ingleza. Não acreditei nesta segunda parte, mas considerei o Japão devorado, e commigo todos os que desconheciam o estado cahotico do imperio russo.

Agora, que o Japão sacudiu, por mar e por terra, o insolente estafermo, temos o sacudido a abrir os braços sovados aos *amarellos* do *ridiculo imperio.* E já vi impresso—que os dois povos ficaram amigos. Como se o *sentimento* dos povos fosse chamado para a hecatombe. Quem *sente* e determina são os que se não batem : é velho e incuravel — emquanto o Creador não reformar as creaturas.

É cada vez mais desconsolador.

Impresso em gazetas portuguezas de hontem :

«A bordo do «Ambaca,» de cuja chegada hontem ao nosso porto noutro logar damos noticia, embarcou o dr. Urbino de Freitas, a quem foi commutada, na Semana Santa, deste anno, a pena em que havia sido condenado.

«O dr. Urbino de Freitas teve em Loanda uma despedida muito affectuosa por parte de grande numero de pessoas que para tal fim se dirigiram a bordo.

«Em S. Thomé, onde desembarcou, foi muito cumprimentado por amigos e conhecidos, tendo almoçado no dia 17, em companhia de varias pessoas, entre as quaes o director dos correios daquella provincia, sr. Magalhães, official da alfandega snr. Costa, regente agricola administrador da roça Roberto Silva, snr. Carraco, gerente da mesma snr. Antonio Luz, e outros.

«Na vespera desse dia jantara com o snr. Fernando de Oliveira e outras pessoas no hotel Central.

«Consta-nos que o dr. Urbino de Freitas aguar-

dará em S. Thomé um navio que o transporte a Vigo e d'ali para a Allemanha.»

... Curiosa coincidencia : Horas antes de eu ler o que ahi fica, estive relendo *O Crime de Pantin, em 1870.* E' aquillo das creanças assassinadas. Um horror ! Mas o Traupmann foi á guilhotina.

LXXI

26 de julho.—Afeito ao velho principio *Quando o sol nasce é para todos* e prezando esse principio, não quero egoismo, mas pelo sentimento opposto, quero hoje reproduzir, para deleite e ensinamento de muitos, um trecho de discurso parlamentar portuguez, dos bons tempos da nossa eloquencia parlamentar.

E' de Rodrigo da Fonseca Magalhães, em 8 de fevereiro de 1848. *Naquelle tempo*, como o cordeiro da fabula, *ainda eu não era nascido.*

Reproduzo :

— «Na fórma do governo representativo (*o que*

nós gozamos) tem por certo a nação grande parte em seus negocios; e póde dizer-se que se governa a si mesma. O povo elege os seus representantes ao parlamento; a corôa, da maioria d'estes escolhe os seus ministros; as leis são feitas pelos eleitos do povo; a administração municipal a cidadãos é confiada; o chefe do estado véla pela manutenção do equilibrio dos poderes publicos, e como poder moderador é a alma, a vida deste admiravel systema. Eu entendo que, fielmente executada, a Carta Constitucional contem todos os elementos de liberdade. Sim, executemol-a fielmente, porque, se o governo reprezentativo, sincero e leal, é o melhor dos governos, tambem é certo que sofismado é o peior de todos.»

... Assim o dizia na camara dos pares a famosa *raposa* do Constitucionalismo, com applauso do maior numero dos seus ouvintes. A gente, *hoje*, lê — e dá-lhe vontade de rir. Mas, se relé, como eu fiz agora, acha sinistro.

Leio, com tristeza, que já explico :

«Paris.— Consta que nas entrevistas de Witte com o presidente do conselho Rouvier e com alguns dos primeiros vultos da finança, ficou assente que a Russia contrairá em França um novo emprestimo de 375 milhões de francos.»

E assim perdem caracter os Francezes. O ridiculo já não mata em França!

Dizem de Hespanha que em Murcia, uma grande tempestade produziu inundações que mais vieram agravar a miseria local.

Em Arcos, perto de Cadix, os operarios sem trabalho fizeram novas manifestações e os famintos assaltam as propriedades e comem a fructa verde.

E não faltam noticias telegraphicas ácerca do *enthusiasmo delirante*, com que o povo hespanhol saúda o seu reisito...

E' fome.

LXXII

11 de agosto.—Interessante noticia é a que nos dá hoje o telegrapho, vinda de Londres. Diz assim :

«*Londres, 10, m.*—Telegrapham de Berlim ao «New-York-Herald» que o imperador Guilherme decidiu receber com grande aparato a esquadra ingleza no mar Baltico.»

Telhudo, mas prudente — o grande homem inedito ! *Pois então cumié ?*

Recuam na Europa os Allemães e levam para o seu tabaco em Africa. Saboreio este telegramma :

«*Londres, 10, t.*—Os Herreros colheram os Allemães numa embuscada, em Kiva, ferindo-lhes ou matando-lhes 240 homens.»

Não está com sorte o imperial Faz Tudo !
Nós, então, é o que se vê...

Continuam... Inglezes e Francezes :

«*Londres*, *10*, *t.* — A recepção dos officiaes francezes em Guildhall foi muito brilhante e cordealissima.

«Ao almoço, o lord Mayor brindou á marinha franceza, assegurando os seus hospedes dos calorosos sentimentos de affecto dos habitantes de Londres, os quaes guardarão d'esta sua visita uma recordação eterna.»

Quando ha tempo se falou na probabilidade de uma guerra maritima entre as duas nações e os Francezes muito exaltaram os seus submarinos, dizia, com graça, um jornal inglez :

— «Nós lhes faremos toda a esquadra *submarina !*»

Mas, acrescentou o telegrapho :

«*Londres*, *10*, *t.*— O brinde do lord Mayor foi sublinhado por energicos «hurrahs.»

«A resposta do almirante Caillard levantou uma indiscriptivel explosão de enthusiasmo, sem exemplo em Guildhall.

«A' saída do banquete os officiaes francezes foram á embaixada de França, por entre affectuosas acclamações.»

Tinham bebido bem; mas qual ficará comido? Creio que não será o Inglez.

Cá por casa. Diz o Padre Mestre dos *Planos* :

«Mais novidades e fresquinhas.

«Agora a noticia é mais terminante.

«Só se discutirão, como hontem dissemos, as propostas constitucionaes nas proximas camaras. Finda essa discussão, vae-se o governo a terra e será chamado o sr. Hintze. *Vederemo*...»

... E não querem que medre o aneurisma!

LXXIII

16 de agosto. — Venho ainda do tempo em que na politica portugueza luctavam homens como Cazal Ribeiro, Rebello da Silva, Chancelleiros, Barjona, Rodrigues Sampaio, Corvo, Braamcamp, José Estevão, etc. Por isso me dóe ver calumniados de eminentes estadistas os srs.... Mas, vejam este telegramma d'hontem:

«*Regoa, 13* — «Popular» — Partiu para Lisboa o eminente estadista sr. conselhero Antonio de Azevedo Castello Branco, que mais uma vez teve ensejo de apreciar o alto prestigio e poderosa influencia politica de que goza em Traz-os-Montes. As imponentissimas manifestações publicas feitas ao prestigioso chefe do partido regenerador, sr. conselheiro Hintze Ribeiro, na sua passagem por esta região, dirigidas superiormente pelo sr. Antonio d'Azevedo, foram, para este illustre parlamentar, prova segura de quanto é querido e justamente estimado na provincia de Traz-os-Montes.»

... Ora, para dirigir festejos ainda o sr. Antonio d'Azevedo tem de recolher milhares de vezes a cabeça na concha, antes de chegar a ser um Jayme Arthur da Costa Pinto. E todavia, ainda, até hoje, ninguem chamou *eminente* estadista ao benemerito provedor da Casa Pia. Seria o mesmo que chamar *varôes illustres* aos srs. marquez de Franco, Mello do predio, e Faz-milhões.

E além d'isso temos irreverencia partidaria nos dominios da regeneração. Se as manifestações feitas ao *prestigioso chefe sr. Hintze* foram devidas ao illustre Kagado do conselho de estado, da Penitenciaria, mais da camara municipal, que diabo vale o prestigioso chefe na provincia de Traz-os-Montes ? Por mais que me digam, o telegramma é uma escorrencia de opposição apatetada ao sr. Teixeira de Souza. Não me digam que não !

O *Popular* abriu ha tempos uma secção diaria de troça á eloquencia dos mil e um oradores celebres do paiz. Mas a Providencia caiu-lhe em

cima. Hoje estalou-lhe em casa o *eminente estadista* Antonio d'Azevedo, em telegramma da Regoa, mais a seguinte noticia cazeira:

«De regresso da Figueira da Foz, está actualmente no Hotel Italia, no Mont'Estoril, o brilhante parlamentar e illustre estadista, nosso querido amigo, sr. conselheiro José Gonçalves Pereira dos Santos, que vem reassumir as suas elevadas funcções de *leader* da oposição regeneradora na camara dos deputados. Muito affectuosamente o cumprimentamos.»

... O sr. Pereira dos Santos — *brilhante parlamentar* e *illustre estadista!* São capazes de chamar ao sr. Paçô Vieira — *uma das onze mil viagens.*

Mais do *Popular*:

«Do norte, regressou a Cascaes o illustre jornalista sr. dr. Sergio de Castro, que é um dos

apaixonados d'esta estação balnear e que aqui tem casa propria »

Illustre jornalista — o Sergio ! E' mesmo pedir a tal coisa !

LXXIV

25 de agosto. — A' hora a que lhes escrevo — 2 da tarde — vae principiar a função na camara dos pares. Ainda um dia d'estes, disse na dos deputados um orador — que no seio do parlamento palpita a alma da Patria. E disse-o sem se rir ! Fiquemos pois, para não desmentir o homemsinho — em que a camara dos deputados é uma das metades do seio, a outra metade (salvo seja) é a camara dos pares. A alma da Patria para ali está palpitando e refocilando-se n'aquellas coisas flacidas e vélhotas — Que lhe faça bom proveito !

*

* *

Espera-se uma singular *zaragata* na sessão de

hoje — na camara alta. A alma da Patria vacilla entre o *não te rales* e o amor da chinfrineira. Interessante alminha ! Meu feitiço !

Anda no ar a suspeita de que o governo se aguenta — sem dissolução. Os regeneradores declaram abusiva e de bradar aos ceus a *continuação*. De quê ? Dos progressistas maculando o poder ? Não : dos regeneradores precisados de macular. Quanto á maioria dos contribuintes, toda se empenha em conjecturas sobre a paz entre a Russia e o Japão. E' uma afirmação de altruismo, como não ha outra

LXXV

29 de agosto.—Não confundamos. Recordo-me de uma inolvidavel sessão da camara dos pares, em que um orador deu em terra com um governo, proferindo um tempestuoso e *grande* discurso, como se não ouve agora. Foi aquillo da morte e do enterro do politico José Dias Ferreira, pelo visconde de Chancelleiros. Havia na camara dos pares uma sessão de *grandeza* de

outras éras. Não estavam ali, como é hoje regra, interesses, nem ambições, nem vaidades : estavam, como é raro, a dignidade politica e a dignidade patriotica. Por isso, não houve chinfrinada, mas tempestade — como já se não vê.

Eu digo *grandeza*, referindo-me á sessão extraordinaria do Chancelleiros. Desafio quem quer que seja a proferir ou a escrever tal palavra em referencia a algum dos ultimos e mais violentos episodios parlamentares. E é, supponho, neste ponto de vista, que o sr. Marianno de Carvalho está chamando áquillo *parlatorio*, em successivos artigos do *Popular*. E pois que o facto primordial não se illude com *parlatorio*, nem com *chinfrins*, deixem-me reproduzir, como se fossem de agora, as palavras do grande orador Antonio Candido no Atheneu Commercial do Porto, em 1887. Vem transcriptas e vem a proposito, no *Seculo* de hoje :

«A politica economica foi uma das mais bellas aspirações do nosso tempo. Metter todos os interesses da grande multidão numa fórmula constituida, em partes eguaes, de justiça e de senti-

mento, é um ideal soberbo! Mas as grandes ideias precisam de grandes homens; e, em vez disso, é a politica de negocios, sem intenção e sem alcance, a que está de cima neste momento! A finança egoista, exploradora, insaciavel, triunfa em toda a linha. Na tribuna não resoam já as grandes palavras que apaixonaram e comoveram a geração que nos precedeu; as vozes que mais valem são as que retinem, como metaes, no calculo de operações fabulosas.»

*

* *

Descendo: Cae ou não cae o governo? Recompõe-se? Com quem? E dada a sua queda quem lhe sucederá? Hintze? João Franco? Todos sabem o que virá com o primeiro; diverge-se ácerca do que fará o segundo. E' de bom agouro o terror que elle inspira ás *maltas*. Mas está calado quem manda.

LXXVI

30 de agosto. — Perguntavam-me, um dia, o que seria Camillo Castello Branco, como *jornalista*. Entende-se como publicista orientado e sabedor..

A minha resposta vem no meu livro. *Neste valle de lagrimas.* E' entre pag. 100 e 130, e sustento que naquelle terreno o grande impulsivo que foi Camillo Castello Branco seria vencido pela irritação.

Ratifico o meu parecer, lendo as seguintes linhas que no seu bello livro *Entre duas revoluções, 1848-1851*, escreveu o auctorisado jornalista moderno, J. Barbosa Colen, director das *Novidades*:

«As batalhas na imprensa obedecem a uma estrategica movimentada e especial. A's vezes, quando a luta é mais renhida e as forças em combate se encontram empenhadas na peleja decisiva, a atenção publica, sacudida por uma ocorrencia mais palpitante, desinteressa-se da

contenda. Se o jornalista sabe do seu oficio, abandona o campo, sem se preocupar com as vantagens já alcançadas e até com a sorte das munições, e acode, rapidamente, ao outro ponto, sustentando, com egual brio e com o mesmo valoroso entusiasmo, a nova luta, pondo nella e nas peripecias do combate o mais decidido empenho, e sustentando, viva e febril, a curiosidade dos que seguem os seus movimentos, rapidos e animados.»

Está certo.

Dos dois factos historicos (chamemos isto aos dois!) que perturbavam os espiritos em Cerva e Mondim — a questão russo japoneza e a dos tabacos em Portugal — o primeiro parece resolvido. Não mais tareias apanhará a Russia, por esta vez. Ficou se sabendo quanto vale *no estado presente*, e oxalá lhe sirva a lição — para modificar o actual estado!

*

* *

Pelo que toca aos tabacos, tenho cá uma suspeita, compartilhada por Tiberio—de que um governo ficará, com victoria — sobre a acalmação. E' fado.

E lá se vae o *susto* para o esconderijo dos trastes inutilisados. E o molho á hespanhola — para a pia !

LXXVII

22 de setembro.— A fiscalisação com os generos alimenticios tem despertado *indignação* dos fornecedores do publico, entre os quaes se encontram os benemeritos varões que falsificam os generos e o pezo, como se não bastasse a elevação de preços, que torna horrivel a vida domestica em Lisboa. Padeiros, merceeiros, vendedores de vinho, etc., berram como se os esfolassem tanto como é esfolado o consumidor. Lembra-me os patuscos do leite, que vendem

toda a casta de porcaria ao pobre publico e que ainda ha pouco protestaram, junto ao governo, contra as demasias da fiscalisação. Pessoalmente, eu fiz o que me foi possivel, intervindo nas suas reclamações...

Para ajudar o consumidor, até as *sopeiras* tomam o partido dos padeiros e outros amigos seus, furtando os generos ao exame da policia, e ha muita pobre gente que, embora sentindo-se burlada, acode pelos fornecedores—porque compra a credito.

Os senhores fornecedores *indignados* apellam para a imprensa. Até onde eu chegar, contem commigo.

Isto é da ultima sessão da camara municipal de Lisboa :

«O sr. José Bello disse que na vespera fôra procurado por uma commissão de vendedores de hortaliças e fructas, em logares estabelecidos em Lisboa, que lhe entregára um requerimento em que se declarava lesada nos seus interesses pelos vendedores ambulantes, e em que se pede para estes vendedores pagarem alguma contri-

buição e serem prohibidos de declararem em pregão o preço dos generos que vendem.»

Tudo isto para que os sucios dos *logares* possam mais livremente burlar e esfolar o consumidor. Mas o *bello* sr. vereador não vê coisa alguma adeante do nariz.

Andam os desgraçados vendilhões ambulantes debaixo de carga, de chuva ou de soalheiras, e vendem mais barato do que os patuscos dos *logares,* que estão em sua casa, á espera que o consumidor os procure, e o sr. *bello* da vereação não os manda bugiar, com o requerimento. Os consumidores continuam a ter ali defensores e representantes de uma cana.

LXXVIII

5 de outubro.—Um telegramma cruel. E' a proposito do *nosso amigo* Brazza e de outra coisa:

«*Paris, 3, t.* — Constituiu-se n'esta cidade um *comité,* que tomou a iniciativa de promover uma

subscripção para se erigir um monumento ao explorador Brazza.

«O *comité* é presidido pelo senador Saint-Germain, e o seu secretario é o escriptor colonial Brunet, que sempre tem feito justiça á obra colonisadora dos portuguezes.»

... Se o homem tem feito justiça á obra colonisadora dos portuguezes, deve tel as dito lisonjeiras para nós, não haja duvida! Mas muito peior dirá da obra prima de Brazza,—o Estado Livre do Congo,—se fallar, com igual justiça, da sinistra montureira.

Alguns jornaes de Lisboa barafustam e berram, porque se falla em vender o lustre que serviu para a illuminação a gaz da sala de espectaculos do D. Maria, emquanto não veiu a luz electrica.

Teem razão os que barafustam e berram. Desde que no atrio do D. Maria collocaram o busto do *Ennes* — um que serviu menos do que

o lustre, não ha motivo para vender a outra coisa.

O mais decoroso seria metter *os dois* n'uma arrecadação,—por todos os seculos dos seculos.

Trogloditas d'outro mundo, montados em trogloditas de cá, fazem versos (que versos!) contra Sarah Bernhardt.

E assim cortam a carreira á pobre artista!

Crueis estuporinhos!

Ha dias, em Cascaes, um janota côr de chocolate dirigiu-se a uma senhora da alta sociedade, com ares de gracioso, assim fallando:

— Que bello collar de brilhantes *Bera!*

E ella:

— *Bera* é você, que é *negro* e anda por ahi a fazer de branco!...

Tóma!

LXXIX

10 de novembro.— N'um tempo em que muito me incommodavam todas as *poucas vergonhas* d'este mundo, escreveu-me, de Lisboa para o Porto, onde eu vivia, Cesario Verde :

— «O João de Deus, fallando de ti, ha dias, com os rapazes, disse :— «O Silva Pinto, quando em Portugal lhe falta assumpto para incommodar-se, vae até á Turquia...»

Hoje, 30 annos volvidos, já não procuro assumptos para irritar-me, mas vou-me até á Russia, para distrahir-me.

*

* *

E, assim, reproduzo de um jornal estrangeiro o seguinte trecho, para completar uns *pensamentos* do grande Frederico e de Napoleão.

Os quaes pensamentos eram :

— «Os soldados russos — não é bastante vencel-os; é preciso matal-os.» (*Frederico*).

— «E matal-os tres vezes, pelo menos.» (*Napoleão*).

*

* *

Diz assim o tal jornal:

«Morrer sem objectivo. Os Japonezes nunca fariam semelhante coisa; os Japonezes são heroes, mas nunca desbaratam as vidas sem um objectivo; pelo contrario, guardam nas para o momento de necessidade. O Russo tem n'este ponto uma indifferença magnifica e fatal: por causa d'ella, não evita a morte nem a derrota. *Nitchevo!* — Que importa!

«*Nitchevo!* Se é alcançado pela metralha, é porque Deus assim o quer. E' inutil, além de peccado, rebellar-se contra a vontade de Deus. A vida vale mais que o paraiso? Não se está no mundo para uma curta e dolorosa prova, para um exame do soffrimento? Bemaventurado quem Deus chama para si. Está livre do mal; já não

soffrerá o peso da humilhação, da injustiça e da miseria; já não sentirá os horrores da fome e a prostração do cansaço. Porque é que se vive, se trabalha, se vae á guerra, porque é que se mata e se obedece? Quem é que determina tudo isto? Ninguem o sabe. Talvez o saibam os superiores. Tudo na existencia é escuro; feliz de quem d'ella se liberta! E' assim o Russo, foi assim que o *fizeram.*

«Para elle tudo é prohibido : proceder, desejar, pensar. Que é que tem, em compensação? O céo. E é este o homem que é chamado inutilmente para o campo de batalha, para ter idéas, iniciativas, prudencia, resoluções promptas, actividade intelligente. Elle só sabe morrer e mais nada. Quizeram-no assim, ignorante e inerte. Quem ficou derrotado n'elle foi um systema.»

... Parece referencia maligna ao meu *berço d'innocente* e aos *80 a 90 p. c*, mais aos patifes que assim os quizeram!

LXXX

16 de novembro.— Aos que se interessam pela Protecção á Infancia tenho o gosto de participar que na Dinamarca foi agora posta em vigor uma lei que honra os estados scandinavos, tão ferteis em lição civilisadora. Essa lei colloca as creanças, filhas de paes degenerados, sob a protecção de *conselhos de tutella*, que exercem o poder paternal.

Esses conselhos, parodiados entre nós pelas estereis *commissões de patronato*, são compostos de seis membros, escolhidos pelos conselhos communaes e pelo burgo-mestre e presididos por um individuo nomeado pelo governo.

Vigiarão os filhos de familias suspeitas, podendo repreender os paes e os mestres escolas, e tomar a seu cargo as creanças abandonadas, maltratadas, ou tyranisadas.

Para as creanças menores de sete annos a tutella será exercida por uma mulher.

No caso em que o abandono das creanças resulte da miseria dos paes, os conselhos de fami-

lia tratarão de soccorrer estes, por intermedio de certos estabelecimentos de caridade.

As creanças abandonadas serão entregues a familias honestas, ou enviadas para casas de educação.

Os funccionarios do Estado ficam á disposição dos mesmos conselhos, afim de lhes assignalar os casos das creanças abandonadas ou victimas de maus tratos.

Os conselhos podem citar, ou deferir puramente, a parentes e testemunhas, requisitando tambem o auxilio da policia, quando isto se torne necessario.

*

* *

Taes as disposições da lei—tão nobre, tão elevada, tão bella e tão previdente — que honra a culta e sympathica Dinamarca e que me faz estremecer de enthusiasmo... pelo que cá não temos.

Telegrapham de Madrid, em 28 :

«O deputado Mella, ao terminar hoje o seu discurso no Congresso, disse que a Inglaterra é uma moderna Carthago, sem Annibal, uma nação rapace, que tem exercido sempre uma nefasta influencia sobre a Hespanha, como talvez o demonstre agora a conferencia de Algeciras.

«O ministro da justiça protestou contra as affirmações do sr. Mella.»

Ha sempre um *ministro da justiça hespanhol* para as occasiões; mas, verdade inteira: se uma voz se erguesse no parlamento portuguez, a dizer verdades d'aquellas, não haveria apenas um ministro a protestar: seria o parlamento em pezo.

A Inglaterra está farta de o saber...

LXXXI

27 de novembro. — N'um impulso de moralidade, de bravura e de solidariedade com os opprimidos, resolveram as grandes potencias ir assaltar varios cofres das alfandegas turcas. Só

lá não vae a Allemanha, que, de ha muito, conta com o exercito turco para um dia de necessidade; e o retrahimento da Allemanha é bastante para arrefecer a moralidade; a bravura e a solidariedade de certas potencias.

Comico mundo!

Porco mundo!

Córneo mundo!

Vejo impresso que se jactam os do governo— de que não virá ao parlamento, nas proximas futuras eleições, nenhum dos 23 deputados dissidentes.

A proposito:

O *Popular*, que anda a excitar os innocentes com a idéa da proxima queda do governo, diz-nos, no seu numero de hontem — que o actual ministerio *d'aqui a um anno*... coisas e tal.

Já parece admissivel a hypothese de *um anno* de duração. Cebo, Thereza!

Tem-se dito que no comicio não appareceu o

padre Luiz José Dias. Outros affirmam que lá esteve o homem. O que eu sei é que appareceu, no terreno evacuado, um papel que dizia assim:

— «Notas para um discurso no comicio, conforme soprarem os ventos.»

No alto da pagina havia *um susto* desenhado, com a seguinte legenda : — «Mettêl-o, ou não o metter : eis a questão !»

E mais nada. Era *d'elle.*

LXXXII

30 de novembro. — Nos jornaes de Lisboa, de hontem, vinha a seguinte noticia :

«*A miseria em Lisboa.*—Hontem de manhã foi preso na Avenida da Liberdade, pelo guarda 1.221, Manuel Francisco, morador na travessa do Thourel, por andar pedindo esmola, sendo por isso conduzido para o governo civil.

«Quando, porém, seguia para o governo civil, deitou-se debaixo do carro electrico 321, do qual era guarda-freio José Carlos Atelau, n.º 805, que

não foi preso, por não ter culpabilidade alguma n'esta triste occorrencia.

«O mendigo foi conduzido ao banco do hospital de S. José, dando em seguida entrada na enfermaria de Santo Amaro.

*

* *

Aqui está um exemplar do infortunio desesperado, que seria digno de o apresentarem aos chefes de estado que nos visitam, se elles não tivessem *por lá* exemplares semelhantes.

Não me digam que é da Fatalidade — essa velha capa de maroteiras sociaes ! E' outra coisa. Mas tem a palavra Zola :

«Vi senhoras dar biscoitos aos cães ; vi mães desesperadas, que não teem bastante pão para os filhos. Vi moços fortes, na ociosidade, dias e noites inteiros, nos cafés e nos theatros ; vi velhos achacados arrastarem-se a custo para o trabalho. Villas sumptuosas deshabitadas durante mezes e mezes, e familias numerosas albergadas

debaixo dos monumentos das grandes cidades. Existem leis sanccionando todas essas coisas, e forças armadas que as defendem e padres que as benzem. E tudo isto é qualificado de ordem[1]»

*

* *

Certo é que foi sempre assim e é duvidoso que soffra transformação radical. Mas que a pertinacia do monstruoso não sirva de justificação á indifferença e á relaxação dos annotadores. Não vale affrouxar no severo registro das infamias *legalisadas*. As duvidas sobre o Futuro implicam relativa esperança Quem sabe o que surgirá por detraz *d'aquella muralha sombria*, no dia do desabamento? Annotemos, denunciemos o Presente! Levantemos auto da obra do Egoismo, da Ignorancia imposta, da Exploração, da Tyrannia e do Cynismo! Tornemos impossivel a dissimulação do Mal!

A proposito de Camillo :

Agora me informa um homem do Porto, residente em Lisboa, de que em tempos um vereador portuense pretendeu tomar a elevada iniciativa, que honraria a camara municipal do Porto, de arrancar os restos mortaes de Camillo do jazigo de *Urbino de Freitas*, fazendo-os transportar a Lisboa, onde dariam entrada no Pantheon, com muita honra para o governo.

Pois, senhores, teve de desistir a camara do Porto, porque um vereador se oppôz terminantemente a qualquer tributo ao grande homem das Lettras Portuguezas. E esse vereador foi, mais tarde, ministro n'uma situação regeneradora—depois de haver naufragado a Esquerda Dynastica, a que pertencera

Chama-se *Wenceslau de Lima*.

LXXXIII

6 de dezembro.—A proposito do conflicto com a Allemanha, por causa da *nossa amiga* Inglaterra, estou como o povo, que diz : — «Todos

mandam em nossa casa, menos nós.» E' certo, e a culpa é dos administradores.

Dei-me agora a recordar-me do seguinte facto:

Ha annos, passeiava eu, uma noite com Antonio Ennes, pelas ruas da Baixa, quando elle me contou esta eloquente coisa:

— «Quando foi do conflicto entre Portugal e a Inglaterra, por causa de Lourenço Marques (em 1882?) discutiam, certo dia, diplomaticamente, o ministro portuguez Anselmo José Braamcamp e o ministro inglez em Portugal, o famoso Mozier, e aconteceu que Braamcamp, desesperado, perguntou ao *beef*: — «Se v. fosse ministro de uma nação pequena, que fazia?»

E o bruto inglez respondeu: — «Enforcava-me.»

Tal a idéa que *elles* fazem da fraqueza: é pois natural que abusem.

E tambem nós abusámos.

Nem sempre gravidade. Pois não é assim, companheiros no desterro?!

Contaram hontem os jornaes de Lisboa, que fôra preso na platéa do Gymnasio um sujeito, por metter as mãos nas algibeiras dos visinhos.

Ha quem nos metta as mãos e os pés nas algibeiras — e nós em doce tolerancia.

Quem paga é o pobre diabo do Gymnasio. Está direito.

*

* *

Mais. Esta vem nos jornaes de hoje:

«Foi preso o auctor do roubo de coelhos na cerca do hospital, n'uma noite da semana passada. E' gatuno conhecido por taes feitos.»

Se esse monstro era conhecido por *furtar coelhos*, não vejo na lei castigo á altura de tal *gatuno*.

E' que o porcalhão èstá deshonrando a *gatunice!*

* *

Vá lá outra:

«Foi hontem novamente preso Antonio Ca-

breira, o *Petiz das gravatas*, sem domicilio, em consequencia de ter furtado uma carteira ao sr. Francisco Simões, no valor de 240 réis

«O preso é um dos *gatunos* mais conhecidos pela policia.»

Bem sei que a policia conhece *outros* muito mais de perto, mas *esses* eram capazes de a prender...

Se o mundo é assim.

LXXXIV

15 de dezembro.—Um livro que eu releio sempre com aproveitamento é o *Portugal Contemporaneo*, de Oliveira Martins. Aproveitamento moral, para meu gozo particular: entenda-se. Aquella *obra triste*, como, na ultima pagina, lhe chamou o auctor, dá-me a impressão, melancholica e tranquillisadora, de que na successão e na ligação dos acontecimentos a logica é sempre inexoravel. A' luz dos factos expostos, podemos *prever tudo.*

E não nos faltam alli palavras de justiça applicadas, ha meio seculo, aos homens reproduzidos hoje. Eu lembro aos meus tres leitores effectivos as seguintes palavras de A. Herculano, transcriptas por Oliveira Martins, do jornal *O Paiz*, no *Portugal Contemporaneo*:

«A historia politica é uma serie de desconchavos, de torpezas, de inepcias, de incoherencias, ligadas por um pensamento constante — o de enriquecerem os chefes de partido. Idéas não se encontram em toda essa historia, senão as que esses homens beberam nos livros francezes mais vulgares e banaes. Hoje achal-os-heis progressistas, ámanhã reaccionarios, hoje conservadores, ámanhã regeneradores; olhae, porém, com attenção, e encontral-os-heis sempre *nullos*.»

Parece escripto hoje; e estamos vendo os *typos*. Póde-se-lhes tocar com o dedo.

*
* *

Mais, de Herculano, no *Paiz* :

«Agitamo-nos no circulo estreito das revoluções incessantes e estereis ; a legalidade tornou se impossivel, a acção governativa um problema insoluvel.»

Commentario de Oliveira Martins :

«Rodrigo da Fonseca era ministro d'ahi a dias e ia desmentil-o, dando á nação o governo que ella pedia : aquella legalidade apparente sobre um positivo regimen arbitrario — aquelle systema de burlas, indispensavel ao funccionar da machina constitucional.»

Ouviram ? E' hoje.

*
* *

Mas, agora, não é com os politicos ; é com o

povo — para elle ouvir e meditar *por instincto*. Falla Garrett, nas *Viagens*:

«Andae ! Fazei caminhos de ferro, reduzi tudo a cifras, todas as considerações d'este mundo a equações do interesse corporal; comprae, vendei, agitae. No fim de tudo isto, que lucrou a *especie humana?* Que ha mais umas poucas de duzias de homens ricos. E eu pergunto aos economistas politicos, aos moralistas,—se já calcularam o numero de individuos que é forçoso condemnar á miseria, ao trabalho desproporcionado, á desmoralisação, á infamia, á ignorancia crapulosa, á desgraça invencivel, á penuria absoluta,—para produzir um rico.»

Uma das vantagens em lêr os mortos, em vez de escutar os vivos : —.Pensa-se mais e applaude-se menos.

Certos mortos e certos vivos, entende-se.

LXXXV

16 de dezembro. — Não ha meio de deixar de transcrever. Eis o que diz o *Popular* de hoje :

«Se os partidos monarchicos propenderem mais para a liberdade do que para o absolutismo, se governarem com moralidade e com economia, cumprindo ou fazendo cumprir rigorosamente as leis, quebrarão inteiramente as armas de melhor tempera e de mais dilatados effeitos que contra as instituições monarchicas estão actualmente manejando os republicanos.

«Estar, porém, apenas a proclamar que o partido republicano é diminuto, que não dispõe de elementos de lucta, que os seus comicios são pouco frequentados, que os seus jornaes são pouco lidos, que a sua propaganda é esteril, e por outro lado estar a accumular erros sobre erros, a praticar violencias sobre violencias, arbitrios sobre arbitrios, prodigalidades sobre prodigalidades, é manifestamente estar a desenvolver e a fortificar o partido republicano e ao

mesmo tempo estar a dizer ás instituições monarchicas que não soffrem perigo nenhum nem precisam emendar os seus erros, para as poder vêr mergulhar um dia na mais irremediavel das catastrophes, como n'outros paizes tem succedido tantas vezes já.»

*

* *

Isto é exacto. Mas não ha fugir-lhe, pois que é destino. Para desgraça do paiz? Não; para castigo dos culpados. Illogica e desmoralisadora para os povos seria a emenda de quem os tem desgraçado. E' preciso e é justo que os algozes insistam nos delictos — para justificação de represalias. Cumpre encher a taça das iniquidades.

E, pois que a *isto que se vê* nos arrastaram, pobre illusão é a dos que aconselham e esperam arrependimento dos cynicos e dos infames dementados. *Hão de ir até ao fim.*

Não haverá um dia de paz na face da terra!

LXXXVI

19 de dezembro. — Deu entrada no Limoeirc o empregado do Monte-Pio Geral que desde 1901 roubava aquelle estabelecimento.

Prejuizo para os creditos de *segurança*, do Monte-Pio, e prejuizo para o empregado, que poderia ter vivido dos sessenta mil réis mensaes que ali ganhava.

E em resultado, tudo, do velho systema nacional: — de deixar um empregado ostentar despezas superiores aos seus proventos, — sem se apurar o mysterio.

E' diario e não tem emenda.

Nos Estados-Unidos, uma ratona fez uma conferencia sobre o tabaco, aconselhando as raparigas a não casarem senão com fumistas.

Explicação do caso :

A mulher casára duas vezes; da primeira com um fumista, que, depois de jantar, accendia o

charuto e ficava em somnolencia—*que a mulher aproveitava;* do segundo casamento sahiu um marido que não fumava nunca e que estava sempre álerta. Resultados: *fidelidade conjugal...* forçada.

Depois, conselhos ás solteiras.

Croia!

Defendendo os encravados moageiros, termina *O Popular* o seu artigo de defeza:

«Ah! por isso não é demais que nós estejamos reduzidos a este estado de intima descrença!...»

Claro que é *por isso* que nós (coisa atada!) estamos impotentes!

Mas, precisamente na 3.ª pagina do jornal vem um annuncio de pharmacia, que diz assim:

«*Herzil.* — E' o mais inoffensivo e efficaz especifico contra a impotencia, esgotamento nervoso e fraqueza dos orgãos genitaes.

«*Herzil.* — E' a mais importante descoberta para combater a impotencia.

«*Herzil.*—E' o mais poderoso aphrodisiaco que se conhece.»

. . Ora, tóma, descrente Mariquinhas !

LXXXVII

24 de dezembro.—Emquanto se prepara a ceia do Natal, sob as vistas prescrutadoras do Raul, redigi estas linhas, com abbacial pachorra - pensando eu que mais do que nós todos soffreu Christo, ha 1872 annos . .

*

* *

Vejo no *Popular* de 22 um artigo, de que eu já ouvi fallar a muita gente, sem discordancia de uma opinião. Por mim estou de accordo com essa gente.

E' um artigo que diz a proposito da sensacio-

nal noticia de não ser prorogado o contracto de 4 de abril :

«E' nosso dever não acompanhar a berraria ensurdecedora e sem bases dos dissidentes, dos despeitados, ou dos que nos partidos avançados pretendem attingir os seus fins politicos, por todos os modos e á custa do proprio paiz. É nossa obrigação não acompanhar tambem jubilos dos que esperam que *ámanhã* o governo possa estar em terra, produzindo a sua queda desastres que podem ser irreparaveis, se nenhuma segurança houver da conversão das obrigações dos tabacos, operação indispensavel para se realisar qualquer systema, bom ou mau, em materia de tabacos.»

Ora no seu artigo principal, tambem de sexta feira 22, diz o *Popular* :

«O partido regenerador nobremente entendeu sacrificar a sua existencia ministerial nas aras generosas da gloria patriotica dos seus contrarios e dos superiores interesses do paiz. Menos

interesse mostrando em realisar o contracto dos tabacos do que generoso proposito em não privar o paiz das promettidas venturas com que lhe acenavam os seus contrarios, o sr. conselheiro Hintze Ribeiro deu a alta lição de civismo, de que aliás nós sempre discordamos, de ceder o logar ao esperançoso governo que lhe succedeu.»

Todos sabem que não foi a vontade dos regeneradores que os levou a ceder aos progressistas o poder: foi a vontade do rei. E o proprio *Popular* confessa que *discordou sempre da nobreza de proceder do partido e da alta lição de civismo do sr. Hintze.* E não foi só o *Popular* quem discordou. Mas deu-se ao diabo por amor de Deus, aquillo que se não poude conservar.

Teem muitas pregas as vestes prelaticias: dizia-me ha tempos um prior (não era o do *susto).* Não menos pregas tem o criterio e a consciencia de um politico. Isto creio, mas sem experiencia propria, pois que nunca tive, nem ambicionei responsabilidades politicas. Não me surprehende, pois, que o orgão regenerador chame berreiro ensurdecedor e sem base assim aos protestos

patrioticos como aos *outros*. Elle não quer a queda do governo — sem segurança. Quem embrulhou que desembrulhe! Eu cá não fui. Mas, sério, sério, isso é que não é de patriota!

Mas voltemos ao artigo sensacional do orgão regenerador:

«Que se póde, portanto, esperar de util para o paiz, da actual situação da politica portugueza, entre elementos monarchicos que se enchem de alegria ante as revelações gravissimas do *Correio da Noite*, entre elementos republicanos, cuja força se vae tornando mais intensa, energica e ameaçadora, entre elementos que *talvez* disponham da força dos quarteis para proclamar a situação a que aspiram? Nada, absolutamente nada.»

Ahi temos nós o que nunca teria *escripto* o grande jornalista que foi Marianno de Carvalho. Mas devem dar proveito os *erros dos escrivães*.

Vão ouvindo:

«E El-Rei, apenas chegado, defronta-se com

tudo isto, com toda esta embrulhada politica, que póde degenerar em tragedia e em calvario do pobre paiz, que é quem tudo paga, com esta critica e estupenda orientação de que nenhum bem póde resultar, e que só males tem produzido. Não é facil o papel de Sua Magestade, nem sabemos se é já possivel remediar o que lenta e arteiramente se tem vindo preparando. Só talvez um governo forte, disposto a secundar lealmente e energicamente os bons desejos e aspirações do soberano, um governo forte que ao mesmo tempo que *fosse contribuindo para o engrandecimento do poder real*, para o bem do paiz e das instituições, coartasse todos os abusos e restabelecesse as garantias constitucionaes... tão esquecidas e tão confusas, só um governo forte poderia salvar a situação, e a darem-se ainda circumstancias favoraveis »

*

* *

Fallei de Marianno de Carvalho e agora me parece divisar o sorriso do grande sceptico. E' quando o *Popular* quer *o engrandecimento do*

poder real. Ainda o quer maior,— para resolver o caso de metter o Rocio na Bitesga! Esse *poder* já peza mais do que o *susto* do padre do Alto Minho! Vae trepando a encosta do seu Calvario, com esse *poder* ás costas, o miserando paiz — politicos inclusivè, — e não ha Cyreneu que ajude o triste, e o *Popular*, lá das suas prégas, diz que não ha base para protestos e acha espinhoso o papel de *quem manda* e de quem o outro dizia: — «que não tem ouvidos para escutar as nossas lastimas,» — esquecendo que a mulher honrada não tem ouvidos!

Quer governo forte, ou seja remendo novo em panno que se desfaz. Lembra-me um pobre diabo orador, que no parlamento pedia attenção, e a quem um collega na camara disse: — «A attenção não se pede: conquista-se, pela sinceridade e pela eloquencia.» A cordura e a adhesão do povo não se impõem por alardes de força, mas pela exacta observancia das leis, pelo alargamento das liberdades publicas e, *quando menos*, pelo respeito á Constituição. Veja Guizot, praxista superior no assumpto: — «O governo livre é o fim e a urgencia das sociedades modernas.

A responsabilidade de poder é o principio essencial do governo livre. O governo livre póde e deve ter, *consoante as circumstancias*, fórmas differentes. Exemplos: a Inglaterra—e os Estados Unidos e a Suissa.» (Releia as *Memorias* do desattendido ministro de Luiz Filippe).

*

* *

Ha n'uma obra de Camillo Castello Branco um velho miguelista que, a cada momento, profere este chavão: — Ponto está que a Russia se mova.» Lembrou-me ha pouco um espirito constitucional: — «Está-se desenhando o perigo russo. Imagine uma catastrophe financeira da Russia, fazendo retrahir os capitaes francezes e fracassar o nosso emprestimo»... Sim, Deus, ás vezes, escreve claro por linhas russas.

Estaes brincando com o fogo!

LXXXVIII

26 de dezembro.—N'um bello estudo de Emilio Montégut, ácerca do seu mestre e antecessor

— Gustavo Planche — na *Revista dos Dois Mundos*, lê-se que as amarguras de uma mocidade deixam vestigios indeleveis para toda a vida do que as soffreu. E' assim que eu explico ao meu correspondente do Porto, *Amigo de ha trinta annos*, o facto de — pouco dado á sociabilidade, e um tanto inclinado á *mania da perseguição*, ter ido, pela vida fóra, n'um *crescendo* que só espera a Morte, para ter fim, *aquelle amigo commum*, de quem me falla. Na ha muitos dias que, encontrando-me com Theophilo Braga, lhe fiz observar o tal *estado d'alma do nosso amigo*, respondendo-me o illustre pensador :

— «E' natural, quando se teve uma mocidade infeliz.»

*

* *

Se o meu correspondente me pondera que infelizes teem sido quasi todos os rapazes estudiosos, crentes e pobres, eu digo-lhe que está em erro. Por mim, lidei annos a fio com muitos companheiros sem recursos monetarios, mas rarissimos encontrei desgraçados. Amavam uns, e

os que no amor soffreram desenganos d'estes fizeram assumpto para as suas expansões em prosa ou em verso, encontrando n'ellas consolação e compensação. Outros no estudo se concentraram, e mal sabem os que não estudaram a valer—que singulares prazeres nos proporciona essa occupação. Outros, ainda, comeram e dormiram, sem tomarem a sério a existencia; tiveram a felicidade do irracional bem tratado pelo dono. Conheci tambem alguns bohemios com *pouca sorte*, mas com uma philosophia *patusca*, que Victor Hugo condensa no estudante Bossuet dos *Miseraveis*: aquelle jovial careca, que dizia: — «Do meu telhado cahem constantemente telhas.»

*

* *

Eram esses os que vinham da infancia com a lembrança do desamparo moral que á força os lançára na precoce *meditação*. Esses não tinham na alma receptividade que não fosse para a amargura. Sentiam-se condemnados á hostilidade da especie. Trabalhavam para não recebe-

rem o desdem da Sociedade. Preferiam o odio. Chegavam a ser distinctos pelas prendas de caracter e cultivo intellectual—por espirito de contradicção. Quando riam para os outros, não era por demonstração alegre, nem por cortezia: era em homenagem *a um pensamento secreto*. Um forte sentimento de desprezo pela *collectividade* só n'elles era compensado pela compaixão dispensada ao *individuo*. Eram considerados um tanto doidos, mercê de apparentes contradicções de caracter, — na verdade, apenas complicações. Como o Henrique III de Valois, pediam amizade á indifferença, amor á amizade e dedicação ao amor, — com a certeza do mau exito, que fundamentava o seu resentimento. Achei sempre natural que, sendo *impios* desde a infancia espesinhada, um dia se reconciliassem com Deus. Uma tentativa de accordo vingador...

LXXXIX

25 de dezembro.—Dá que scismar á *Epoca* um esboço de evolução dos dissidentes, e parafusa aquelle collega nos seguintes termos:

«Vemos nos jornaes que privam com os dissidentes, ou representam a sua opinião, umas declarações que nos surprehendem e até certo ponto desnorteiam. Affirmam que, pela caducidade do contracto de 4 de abril, dão por terminada a sua dissidencia e estão dispostos a voltar á collaboração com o governo, d'onde se separaram apenas pela questão dos tabacos. Certamente isto póde ser muito leal, revestir-se de todas as apparencias da logica; mas é, a nosso vêr, uma de duas coisas, que não podemos deixar de trazer a publico, como as pensamos. Ou existia já feito e combinado um accordo, em que insistentemente se tem fallado, indigitando-se até como medianeiro o sr. Pereira de Miranda, e o que se está passando não passa d'uma comedia, representada com pouca habilidade; ou os dissidentes cahiram com estranhavel ingenuidade na armadilha que o sr. José Luciano lhes preparou.»

*

* *

Não me farto de inutilmente dizer a mim proprio, ha um horror de annos:—«O que te perde é a ingenuidade!» Pelo visto, soffre de tal molestia incuravel o meu collega da *Epoca*, já, como eu, um pratico da existencia. — «Ainda os ha!» podem affirmar, chalaceando, os nossos irmãos em Christo, muito mais novos do que nós—uns que já pediram beijos na hora do nascimento. Pequenos, mas bréjeiros!

Descobre a *Epoca*, por palpite, que deve andar comedia no ar. Deve. Ou, como diz, ensaiada pelo sr. Pereira de Miranda, que a sabe toda, tomando parte no desempenho os *dissidentes*, ou peça do sr. José Luciano, em que os supra mencionados protestantes fazem de *comidos*. Em todo o caso, ha mais victimas da ingenuidade: — ou os *dissidentes*, para variar, ou os *80 a 90* % para não mentir o Destino.

A' hora em que isto fôr publicado já terá sahido a *taluda*. A proposito, já ninguem falla em

José Dias Ferreira. Tudo, menos isso, meu senhor!

Bem sei eu quem, ha oito dias, reza, de olhos em alvo, com o *susto* abeberado em verdasco,— pedindo a Deus a morte politica do sr. José Luciano... É de casta o prior!

XC

29 de dezembro. — O grande caso da semana, recomposição ministerial, provocou o bom e o bonito. Agora diz o *Popular* regenerador, que o sr. José Luciano absorve todas as attribuições dos outros ministros, que assim continuará, o que aliás (segundo o *Popular)* está na convicção de toda a gente. Está.

Mais diz o orgão regenerador que, pelo visto, — «a corôa continúa tambem a dispensar ao chefe do governo a mesma confiança integra e absoluta que n'elle depositou ha quatorze mezes, quando primitivamente o encarregou de constituir governo, e que a seu aprazimento se tem praticado todos os actos do governo que

findou e que renasce agora, infundindo novas esperanças, sob a presidencia illustre do sr. José Luciano, outra vez.»

Quer isto dizer que já os regeneradores, leaes e dedicados defensores da monarchia, jogam tezas biscatas a *quem tudo manda*. Está bonito.

Mais, na corrente dos assombros, exclama o *Popular* :

«Se o sr. Sebastião Telles confiava na dictadura, é porque o sr. José Luciano lh'a tinha assegurado. Mas, sendo istc assim, como póde conservar-se o chefe do gabinete depois de deixar aquelle seu collega sacrificado ? Nada se percebe, ou melhor será, não nos propomos a perceber nada.»

Estou d'aqui a vêr o sorriso apagado, mas *unico*, de Marianno de Carvalho Com que então, não se percebe como o sr. José Luciano enganou Sebastião e como é que se deixa ficar, quando Sebastião, enganado e amuado, o favorece com a sua ausencia ! Estamos candidos, bucolicos e vamos dar em seraphicos, não haja duvida !

*

* *

Referindo-se aos novos ministros, diz o regenerador :

«São considerados parlamentares e cavalheiros de merito :

«O sr. Mathias Nunes é um militar muito sabedor e muito prudente, dotado de muita intelligencia e de bom senso notavel, não podendo a sua ascensão aos conselhos da corôa deixar de ser muito bem recebida pela classe militar.

«O sr. conde de Penha Garcia é um cavalheiro muito novo, cheio de erudição e de seriedade dotes que, alliados a uma intelligencia distincta, o hão de preparar para o exercicio da sua difficil pasta.

«O sr. Antonio Cabral é um parlamentar vigoroso e figura muito sympathica no meio politico, muito intelligente e ha muito ministeriavel.»

Mas o *Popular* accrescenta :

«E assim cumprimos o dever de cortezia, com que é praxe receber os novos.»

Vê-se bem que *só por cortezia,* pois que, n'um impeto de indignação justiceira, assim fecha o seu principal artigo :

«Que profunda impressão de dôr faz todo este quadro sombrio da politica e da administração nacionaes, e que enorme falta de homens, de caracteres, de energias se nota, com desanimo, n'esta especie de reino de sombras e em que só espectros parece que se movem, deixando tudo correr ao desamparo e sacrificando interesses, liberdades, tradições, presente e futuro do paiz! Não; isto não póde, isto é inteiramente impossivel, que possa continuar assim.»

Está certo. *Mas continúa.*

XCI

30 de dezembro.—Diz o *Popular*, regenerador, e não lhe falta razão :

«É tão sombrio o quadro, que a fria razão an-

tevê para o nosso futuro proximo como consequencia da resolução recente da crise, que até começa a ser discutida a corôa. Não nos surprehende. Esta, em vez de protegida dos crescentes ataques da opinião popular, está sendo desprestigiada por quem tinha por especial missão defendel-a.»

E' d'arripiar os cabellos; mas note-se que é o insuspeito regenerador, o fiel amigo da monarchia, quem vê *crescer os ataques da opinião do povo — á corôa.* O mais é rhetorica.

Mas o orgão regenerador accrescenta :

«Diz-se que os povos teem os governos que merecem. Injustiça! Melhor sorte bem merecia, n'este momento, o povo portuguez.»

Ricos *80 a 90* %! Até vos mettem os pés nas algibeiras, — como ao rei..

Estaes com sorte, marmelos!

Muito bem apparecido!
Telegrapham de Paris, em 28:

«Segundo o *Temps*, o imperador da Allemanha disse n'uma reunião particular:—Não quero a guerra, porque a considero contraria ao meu dever perante Deus e perante o meu povo; fui irritado por certos processos offensivos de mr. Delcassé, mas protesto plena homenagem á firmeza de mr. Rouvier.»

Pelo visto, a *entente* da França com a Inglaterra espanta o Cesar em cuécas. E' capaz de sahir d'este mundo o *grande homem* — sem ter feito coisa alguma.
Grande typo!

XCII

5 de janeiro.—Diz, nos *Miseraveis*, Victor Hugo: — «A ignominia tem sede de consideração.» E a insignificancia tambem. E' por isso que n'um jornal de hoje se vê a seguinte prosa:

«Londres e Lisboa:

«A camara municipal de Lisboa recebeu no dia 1 de janeiro, facto que ainda se não tinha dado e que representa manifesta e captivante gentileza da Inglaterra para com Portugal, o seguinte telegramma:

«Lord Mayor and city of London send cordial wishes for year.»

A vereação respondeu nos seguintes termos:

«A camara municipal de Lisboa, em seu nome e no da cidade, envia cordeaes agradecimentos e felicitações pelo novo anno a Lord Mayor e á cidade de Londres»

... De modo que não cabe em si a *Municipal de Lisboa* — porque, no expediente do Natal, a camara de Londres a metteu, com a camara de Oeiras!

E' o cumulo do ridiculo.

Havia, ha 30 annos, no Porto, um emprezario theatral, especie de idiota que sabia *comer* os intelligentes, até deitar fogo ao theatro para *comer* o Seguro. Quando a esse emprezario communicava o gerente da empreza—que um artista delinquira, exclamava o idiota :

— «Murte-o !»

Queria dizer :

— Applique-lhe multa !

Lembrei-me d'isto, vendo a seguinte noticia, de Setubal :

«*Setubal*, *3.* — Realisou-se hoje a eleição de presidente da camara. Ficou eleito, por 5 votos contra 4, o sr. Antonio José Baptista.

«O vereador sr. Lopes Pereira tomou a palavra e disse que não podia felicitar o novo presidente, por não o julgar capaz de arcar com o peso d'esse honroso cargo, em substituição do conselheiro Marianno de Carvalho, um colosso da politica portugueza, que tinha honrado e levantado o municipio de Setubal, e que só podia felicitar o sr. Antonio José Baptista pela coragem que demonstrou trabalhando para occupar tal cargo.»

O que não soffre duvida é que a camara de Setubal, em indisciplina, deita a barra adiante da *de Lisboa*... Que teria a objectar o audacioso Lopes Pereira, se Baptista, indicando-o a um zelador da terra de Bocage, berrasse:—«Murte-o!»

Sopra um vento de insania! — como dizia o outro idiota.

XCIII

7 de janeiro.—Não ha typos mais *bellicosos* do que os poltrões. E' dos livros e do que se vê. Agora andam todos—quero dizer, todos os que teem medo de tudo — de cabeça no ar, enthusiasmados, com a hypothese da guerra entre a França e a Allemanha, — tendo em vista os recentes telegrammas. Nem a perspectiva de carnificina, de miseria dos paizes, de desgraça das familias, etc., etc., — nada d'isso acalma a exaltação da *gente séria*. Ha mesmo quem já, pelas ruas, trauteie a *marcha do Fausto* (os partidarios da Allemanha) e a *Marselheza* (os da França). São da pelle do diabo!

*

* *

São mesmo uns diabos. Recordo-me *d'elles*, quando foi a guerra Franco-Prussiana, ha 36 annos. Andavam n'um sarilho, de gazeta em punho, pedindo e até exigindo noticias mentirosas, mas sensacionaes. Quando era desmentida uma batalha encarniçada, bradavam *elles*, os pacatos: —«Parece que teem medo uns dos outros! Que grande sucia!»

Pois ahi estão elles nas suas sete quintas. A guerra do Transwaal, depois a do Japão, embotaram estes paladares. Teem de correr ondas de sangue — para satisfazer estes filhos de Deus — á imagem e similhança do padre Luiz José Dias. E são paes de familia e homens de trabalho e eleitores e jurados e contribuintes em dia; e aspiram o cheiro do sangue e dariam ao diabo o *negocio*, se falhasse a guerra

Lindo bicho é o *rei da creação!*

Entre amigos :

Ha na dedicatoria de um livro meu *(Combates e criticas,* 1880) as seguintes palavras a meu pae: — «Bom velho, que me armaste cavalleiro para as luctas da vida.»

Pedem-me *dois rapazes* a explicação d'esses dizeres. Eu explico.

Meu pae, o mais *nobre* dos plebeus, era um partidario do absolutismo politico e do catholicismo intolerante. Disse-me elle, um dia :

—«Tens dezoito annos : és um homem ; não crês na Monarchia, nem nas Religiões. Essa descrença póde ser justa e póde ser digna ; mas não seria justo que um *homem independente* tivesse garantido o pão de cada dia, pela fortuna paterna. Transige, ou vae tratar de vida.»

Eu fui me a tratar da vida, comprehendendo que não se póde ser um *homem independente*, com o bem-estar garantido.

E foi assim que o honrado velho *me armou cavalleiro para as luctas da vida.*

*

* *

Dirijo-me a *dois rapazes* e digo-lhes: — Vale a pena sacrificar a um certo phantasma a orientação da vida tranquilla e os proprios affectos de familia, — vale a pena viver e morrer só, calumniado e perseguido, — se se póde, no ultimo momento da derradeira lucta, apertar nos braços o pallido phantasma que nos acompanha ao desfecho — á Materia — e que se chama a Justiça.

XCIV

12 de janeiro. — Ha tres dias que tenho aqui presente a seguinte carta — remettida do Porto, o que não quer dizer que d'ali seja.

«Sr. — Não é ao director da Casa de Correcção de Lisboa que eu me dirijo; é ao jornalista Silva Pinto — queixando-me do director Silva Pinto. Se eu me dirigisse ao funccionario, elle me responderia, talvez, que só tem de dar con-

tas ao director geral da justiça. O jornalista póde responder-me sem ir de encontro a praxes profissionaes. Rogo-lhe que me diga o que se lhe offerecer ácerca d'estas duas accusações capitaes, que eu conheço por *uma victima* vinda de Lisboa, e das quaes tem o sr. Silva Pinto, director, responsabilidades que não póde declinar.

«São ellas: — 1.ª que os reclusos da Correcção de Lisboa (Caxias) são alli demorados durante annos, contra todas as leis moraes e humanitarias, embora se encontre tangente para auctorisar a exaggerada demora, na lei official ou nos regulamentos; — 2.ª que não se lhes paga o trabalho das officinas e apenas se lhes dá, á sahida, uma insignificante lembrança pecuniaria.

«Que quer V. dizer-me?

«*Um parente de uma victima*»

*

* *

Digo-lhe o seguinte, pois que ao *jornalista* se dirige. O *director* pedir-lhe-hia, ás primeiras palavras que ouvisse, licença para lhe voltar costas.

Não lhe fallarei da legislação portugueza regulamentar. Quero conservar-me no especial terreno da palestra de jornalista com o triste parente da pobre victima; e, portanto, limitar-me-hei a citar-lhe auctores, e dos de auctoridade europeia.

Temos duas accusações: A primeira é — *demora exaggerada e forçada dos reclusos na Correcção.*

Diz o visconde de Haussonville *(Établissements penitentiaires em France)*:

«E' indispensavel que as condemnações dos menores sejam de longa duração.

«Os maus instinctos que d'elles se teem apoderado carecem de ser muito combatidos, e para isso é preciso conserval-os no estabelecimento, onde pela disciplina e habito de trabalho elles se acostumem a ganhar os meios de subsistencia.»

Esta detenção não é uma pena, é um preservativo em interesse do menor e da sociedade, como diz o mesmo auctor.

«Não é do temor do castigo que devemos es-

perar a emenda dos menores, cuja intelligencia incompleta não póde ainda avaliar o rigor da pena; é mister que o castigo tome a fórma de uma educação, severa, sem duvida, porém moralisadora.

«Se o menor se conserva na Casa de Correcção por pouco tempo, quando d'ahi sae volta necessariamente á sua vida anterior.»

N'uma circular annexa ao Codigo Penal Francez, expedida em 26 de novembro de 1847, diz-se, ampliando os artigos 66.º e 67.º do alludido Codigo, relativo aos menores em questão:

«O fim do legislador foi graduar a duração das penas, mais em relação ao tempo preciso para a educação dos reclusos, do que em attenção á gravidade dos crimes, por isso que a detenção por pouco tempo é impropria para melhorar a sorte das creanças que não teem quem as dirija, e não lhes permitte acostumarem-se ao trabalho, ao officio, que se principia a ensinar-lhes.»

*

* *

Vá ouvindo o desolado parente da miseranda victima :

Outra circular annexa ao Codigo Penal Francez, em 4 de julho de 1853, auctorisa os directores das Correcções a recusar a entrega dos menores aos paes cuja immoralidade seja notoria.

Não lhe fallo da auctorisação official, concedida em tal sentido, aos directores das Correcções em Portugal. Nem o lamentavel parente da torturada victima discute a legislação portugueza. O que elle aponta com dedo tragico—e oxalá que bem lavado !—são as responsabilidades moraes e humanitarias em que os directores incorrem. Cá vamos arranjando Cirenéos para a nossa cruz.

Mais diz o já citado visconde de Haussonville (ob. cit.) — que seria para desejar que se marcasse o limite aos vinte e um annos em casos excepcionaes, quando as familias tenham sido a causa directa e voluntaria da culpa, porque tem

grandes inconvenientes entregar-se-lhes outra vez o menor.

*
* *

E' a segunda accusação—que não se paga aos menores trabalho nas officinas da Correcção, dando-se-lhes apenas uma *lembrança* por occasião de elles sahirem da reclusão.

Limito-me a citar-lhe o livro de Vasselot — *Étnographie des prisons,* extrahindo d'essa obra o seguinte :

«O menor não trabalha para cumprir a pena, nem para alcançar um ganho proporcional; trabalha para aprender a trabalhar, como meio de educação e de futuro modo de vida.

«A retribuição pecuniaria que se dá ao menor que trabalha, não é uma remuneração sobre o producto da mão de obra, é uma gratificação pela sua applicação ao trabalho, seus sentimentos e sua obediencia.

«Com esta retribuição recompensa-se a boa vontade e o bom comportamento.»

*

* *

Não quero pôr um ponto final nas minhas singelas annotações, sem dizer ao lamentavel parente da martyrisada victima que não se fie no rapaz. Olhe que não ha regeneração possivel para os degenerados; para os filhos de alcoolicos, de devassos e de criminosos; esgaravatando, n'elles, não apparecem Cossacos por baixo dos Russos — como dizia Napoleão: — apparecem malucos que, por o serem, deixam de ser completamente infames. Calumniam os seus bemfeitores, mentem descaradamente, seriam capazes de crimes de morte, se não fossem immensamente covardes. Que seria de quem dirige aquellas casas, com dedicação, se taes monstros constituissem regra geral! Não constituem: ha muitos aproveitaveis — mas o grande perigo, ainda mesmo para os melhores, são os lacrimosos parentes das causticadas victimas: os que as saccudiram a coices para a Correcção e que vão fazendo contas ao que lhes deixará o rapaz, quando regressar ás *doçuras da familia.*

XCV

16 de janeiro. — Um caso que excitou os animos, cá na minha rua, foi aquelle de o cruzador *D. Carlos* se vêr grego para arranjar carvão que lhe permittisse seguir viagem para a Madeira. E' aquillo que o *Seculo* assim nos conta:

«O sr. ministro da marinha ordenou hontem, logo depois de terminada a referida conferencia, a sahida para o Funchal do cruzador *D. Carlos*, que esteve durante o dia a receber mantimentos e carvão, havendo, comtudo, grande difficuldade em obter o combustivel necessario, pois, sendo precisas 150 toneladas, nos depositos de marinha havia 25, ou, o maximo, 30 toneladas, tornando-se indispensavel recorrer a varias emprezas particulares e conseguindo-se por fim, com bastante custo, arranjar um resto de mau carvão que estava armazenado para as bandas de Alcantara.»

... De modo que nem para *um navio* d

guerra existe carvão nos *depositos de marinha!* De modo que, para seguir viagem em serviço urgente, foi preciso pedir aos particulares *uns restos de mau carvão!*

E para isto lá se vão uns milhares de contos annuaes (ninguem póde dizer quantos) para forças de mar e terra, que são umas fraquezas e uma assombrosa vergonha : nem gente, nem administração — nem que administrar!

E para isto está *um medico* á cabeceira da armada e das colonias, em serviço effectivo Cebo!

Esta manhã ia eu n'um carro electrico, palestrando, quando entrou um homem gordo, cebento, de chapéu alto — que lhe fazia envesgar os olhos, — risonho, patusco, fallando alto e constantemente

Deram-lhe os *parabens.*

— Obrigado! Obrigado!

— Que você está presidente, por ter morrido o Marianno : ponderou-se-lhe

E o homunculo, excitado e berrando muito :

— O Marianno ? ! O Marianno era presidente da camara de Setubal, porque eu dava licença. Foi porque me pediram que o poupasse no fim da vida. O Marianno não dispunha de 4 votos em Setubal. Foi por compaixão minha que elle presidiu e foi porque me pediram. Quem manda em Setubal sou eu. Que tal está o da rabeca !

*

* *

Em torno do homem todos riam,—menos eu. Deu-me para *chorar um grande choro.* E' que me lembrava de Marianno de Carvalho e via-o rebaixado, no fim da vida, a presidente d'um municipio de terceira ordem, por compaixão de ridiculissimas gentes... E pensei n'aquelles dizeres que lhe consagrava, dois dias depois da sua morte, um jornal intelligente :

— ... «Então (nos seus ultimos tempos) o grande homem envolveu-se n'um cynismo doloroso e esperou a morte. .»

Não foi outra coisa.

XCVI

22 de janeiro. — Do *Mundo*:

«Merece a attenção de todos os que pensam e teem consciencia a manifestação que os alumnos do Curso Superior de Lettras promovem no proximo mez ao grande pensador dr. Theophilo Braga. E' dos alumnos d'aquelle Curso a iniciativa: ninguem deve querer, e ninguem quererá, chamal-a a si. Mas, com os iniciadores, deve estar toda a população pensante e consciente de Portugal – pela especial situação em que o nosso paiz tem a mentalidade de Theophilo Braga».

... Deve ser assim.

N'uma reunião de caridade celebrada antehontem em Lisboa, madame Larcher, directora da Casa de Correcção das Monicas, communicou

ter á sua disposição, para distribuir em esmolas, a quem ella entendesse, a quantia de 5$000 diarios, dados para tal fim por pessoa cujo nome não estava auctorisada a declarar.

Adoravel benemerito, que esconde o seu nome, quando faculta 1:825$000 réis por anno aos desgraçados da sua terra! Mas declaro eu, desde já, que não é o sr. *Faz Milhões*, nem o sr. *marquez de Franco*.

Nunca!

Hoje impõe-se a transcripção. Diz o *Popular* e diz muito bem:

«Hontem houve divertimento gratuito para o publico lisboeta, da 1 ás 3 horas da tarde, em frente da Boa Hora. Foi o desfile das carroçadas de mobilia apprehendida nas casas de batota, desfortunadas, a que o governo mandou fazer recente busca. E não era simples e singelo o desfile. Isso sim! E' mister alardear força e respeito pelas leis... Numerosas praças da guarda municipal escoltavam as mezas de per-

nas partidas, —epigramma triste!—, cadeiras esburacadas, vasos rachados, destinados a conteúdos amoniacaes, e outras miseras bugigangas. Mas o comico da questão é que, exactamente a essas horas, pontos, ou antes *patos*, de ambos os sexos, em palacio conhecido e em *clubs* do high-life, do *0* ao *36* faziam tentativas de sorte, como sempre, frustradas. E que viva o imperio da lei, apanagio supremo dos grandes governos!»

... Tiberio, que está aqui de visita, pondera-me que bem préga o regenerador—na opposição. E eu faço recordar Tiberio de que o sr. Hintze no poder prohibe *todo o jogo*, segundo consta.

E, n'esta orientação, direi que ha outro espectaculo *mais divertido*: é aquillo de as mobilias escangalhadas, dos miseraveis, apparecerem na Boa Hora (tribunal) agarradas pelo fisco, em pagamento das decimas. Isso sim: é *divertimento* que chega a fazer chorar.

Mas se o mundo foi sempre assim e creio que já não tem emenda!

Naturalmente viram todos isto da conferencia:

«*Algeciras, 13.* — Mahomed Torres declarou que o imperio de Marrocos se levantaria em armas, se porventura intentassem atacar a sua integridade Disse que empregará todos os esforços para conseguir eguaes privilegios para todas as potencias interessadas e que será intransigente no que diz respeito a concederem-se vantagens a determinados paizes.

«Marrocos — affirma o velho diplomata — estará aberto a todas as iniciativas internacionaes, sempre com a condição de se garantir a sua independencia. A'cerca dos meios de combater o contrabando de armas, parece-lhe aceitavel o *contrôle* existente na Allemanha, relativamente ás fabricas de armas.»

*

* *

Declaro que a attitude do velho marroquino me orgulhou pela especie humana em *geral*,

humilhando-me como portuguez, em *particular*. E' que eu supponho que já não haveria Portuguezes para fallar assim, dado que n'uma conferencia a Europa discutisse o que seria de nós. Já lá vae o tempo dos Gamas, dos Albuquerques e dos Castros. Ficou uma *Kagadeira* escandalosa, com muita estupidez, muita covardia e muitas palmas de mão — com unha. Bem me percebem uns que me estão lendo... Bem vos conheço, lindezas!

Certo é tambem que, diariamente, ao passar por Belem, no trajecto de Lisboa a Caxias e vice-versa, ólho para a estatua de Affonso de Albuquerque e sinto-me encolher de veneração. Que typo de christão, Deus de nossos avós? E hoje só fallam *á antiga* os crentes de Mafoma!

E' triste como o vinho adulterado.

XCVII

23 de janeiro. — Vejo e revejo isto:

«*Paris*, *21*. — Um telegramma de Vilemstad,

diz que, em consequencia do rompimento das relações diplomaticas entre a França e a Venezuela, o presidente Castro ameaça que mandará fazer fogo sobre todos os navios francezes que se apresentarem em La Guyara. A situação é extremamente grave. O alarme reina em Caracas, onde a imprensa officiosa excita os populares contra os Francezes.»

... E' aquillo que eu lhes disse de Marrocos. Quando seriamos nós, com mais recursos e Historia do que a Venezuela, capazes de repellir, com tal denodo, os aggravos de uma nação poderosa? Bem o sabe a propria França — desde a *gloriosa* entrada no Tejo, em 1830, de *monsieur* Roussin, até á honrada proeza da *Charles et George*.

Não damos nada, em bravura nacional,—ao manifesto. E' que muito abusámos d'ella, em arredados tempos. Está a nação portugueza como eu: sacámos sobre os nervos, e hoje impéra o esgotamento. Tão fraco me sinto das pernas, por taes abusos, que ainda ha dias escrevi a um cavalheiro cá de Lisboa:

«—Espero-o no Chiado, á tardinha, para lhe dar duas bofetadas, devendo V. aproximar de mim a cara, porque eu não posso desencostar-me da parede.»

(O homem não appareceu.)

Pois é verdade: Portugal está de costas á parede. Potente Marrocos! Venezuela catita!

*

* *

Não devemos esquecer que o presidente Castro bate o pé á França, com a certeza de que os Estados Unidos não deixariam de cobrir-lhe as affirmações de bravura. Não é, porém, menos certo que, nem protegidos por um alliado poderoso, nós respingariamos contra um terceiro—mais forte do que nós. E' dos nervos—victimas do marisco. Mas a proposito da hypothese indicada — a intervenção dos Estados Unidos, — é curioso ouvir os Allemães. Diz assim a *Gazeta de Voss,* de Berlim:

«A França tem dado provas de uma paciencia illimitada e de uma *excessiva prudencia.* O pro-

cedimento aggressivo do presidente Castro não tem precedentes na historia da diplomacia.

«Qualquer paiz que, em circumstancias semelhantes, se não julgasse com direito ás maiores represalias, avaliaria em bem pouco a sua dignidade, e tomaria em nenhuma conta o respeito que se deve aos seus representantes.

«Trata-se comtudo de um assumpto delicado, que a França deve ponderar e resolver, de fórma a não ferir a opinião americana, no que diz respeito á doutrina de Monroe, a qual constitue a verdadeira força moral do presidente Castro.»

... Certo é que vinha *a calhar* para a Allemanha um conflicto da França com os Estados Unidos.

Bella verdade citada por minha avó: — *Grandes náus—grandes tormentas!*

Assalta-me a lembrança de um facto de ha 8 dias:

Jogava eu o *dominó* com o Raul e pareceu-me

que o pequeno não jogava correctamente. E então eu disse-lhe:

— Quando fôres nm homem e eu tiver morrido, tu dirás:—«Tive um padrinho muito patusco, que me deixava sempre ganhar.»

E o Raul, com olhar triste e voz pausada:

—«Quando eu fôr homem, hei de dizer:—«O meu padrinho, a boa alma que está no céo...»

Horas depois, eu contava isto a um amigo meu, que é par do reino e lente da Universidade. E ambos de lagrimas nos olhos.

XCVIII

6 de fevereiro.

A' hora a que eu escrevo (3 da tarde) *deve ir o diabo* no parlamento—diz ali o merceeiro da esquina, um emerito galopim regenerador. Talvez, e o telegrapho não deixará de o dizer aos povos, dentro de algumas horas. No entanto, releio a noticia de uma reunião politica de hontem, em casa do sr. José Luciano, e vou anotando estes dizeres:

«O sr. presidente do conselho diz que só

cumpre singelamente o seu dever, e seria um cobarde se se deixasse succumbir perante uma campanha calumniosa.

«Vem de uma outra geração, que nunca esquecia o respeito devido a cada qual, mesmo no meio das mais ardentes campanhas; mas isso não o impede de repellir os modernos processos de combate.»

Escusava aquella reliquia do Romantismo de falsear a Historia. Sem duvida a geração passada, que eu cheguei a conhecer, pois que venho dos fins d'ella, possuia homens, *em todos os ramos,* consideravelmente superiores aos modernos. Falo *em regra.* Mas pelo que toca a se guardar, então, o respeito pelos individuos, no meio das contendas politicas... agora mesmo, vi eu certo livro. Aqui está elle.

E' o livro *Entre duas revoluções*, do meu velho camarada e illustre jornalista José Barbosa Colen, o actual director das *Novidades*. Abrange os annos de 1848 a 1851, plena época da geração passada. Abro-o a paginas 336 e seguintes e vejo, mais uma vez, a extraordinaria *scena de tragedia*, que tem por actores, no parlamento,

Saldanha e Costa Cabral (José). E' hoje irrealisavel violencia *directa* como aquella. E os *conflictos* entre Saldanha e Sotto Mayor? Nunca se viu assim tal observancia do *respeito mutuo!*

*

* *

Chegam noticias da camara dos pares. Já sabem que o governo fugiu d'ella, a pretexto de ter de ir á outra — aonde não foi. Tambem é *logico* tudo isto e a passos agigantados caminhamos para uma *logica solução* final: — *Ou avançar, ou afundar para sempre.*

XCIX

9 de fevereiro.

Horas antes de o chefe do Estado regular a crise, ninguem prevê ao certo coisa alguma. Quando isto fôr publicado já todos estão fartos de saber tudo. Eu desejo registrar diversos pareceres de penultima e de ultima hora de espe-

ctativa. Vamos a fornecer elementos para os historiadores.

I

O *Dia*, dissidente e orgão d'esse grupo:

«A Corôa resolverá. Mas que a sua resolução no pleito politico, onde vae escrever a sua sentença, seja pelo governo e contra os representantes da nação, só acreditaremos quando virmos. Digam o que disserem, façam o que fizerem, o respeito que até aqui temos mantido pela Corôa (!) impede-nos de reconhecer como facto o que não póde deixar de ser phantasia calumniosa dos seus adversarios mais implacaveis, mascarados de seus amigos e defensores. Esperemos o dia de ámanhã com serenidade e com firmeza.

«Na historia politica da nação portugueza o dia de ámanhã marcará uma data celebre. Na questão entre os *Tabacos* e o *paiz* vae pronunciar-se o soberano *veredictum* !»

... Perdão! o que se pronuncia é o *veredictum* do soberano.

II

As *Novidades*, opposição de escacha:

«1.º — O conselho de Estado será effectivamente convocado;

2.º — A reunião está marcada para ámanhã á 1 hora da tarde;

3.º — A consulta não versa, como propalam os agentes do governo, *sobre a dissolução da camara:*

4.º — A consulta de el-rei é, expressamente, a respeito do pedido de *demissão ou dissolução*, que o governo lhe apresentou;

5.º — El-Rei fez absoluta reserva do seu parecer; isto quer dizer que sua magestade se conformará com a maioria dos votos do conselho de Estado.

6.º — Que esta reunião do conselho do Estado não poderia deixar de ficar como um grande e grave acontecimento historico, de consequencias larguissimas, se El-rei, tão sabiamente, não resolvesse proceder em harmonia com o conse-

lho convocado, por isso que a situação do sr. José Luciano, que ali faltou á verdade, nas duas reuniões anteriores, lhe tira toda a auctoridade para o pedido que ali vae ámanhã fazer.

Em conclusão:

O governo deve ser considerado como tendo passado d'esta para melhor. Que o diabo o leve!»

...Amen, Jesus!

III

O *Seculo*, opposição bota abaixo:

«A *dissolução*, apparece-nos como uma aventura, sem um alcance concreto e com todos os perigos das medidas violentas nas sociedades, como a nossa, anarchisadas pela acção dissolvente de governos nefastos.»

... Diz-me Tiberio, aqui do lado:

—Não ha perigo. Já não pegam os causticos.

IV

Diario de Noticias, governamental, e não quer que se saiba:

«Os amigos do governo crêem que hoje mesmo será assignado o conhecido decreto, e calculam que a nova camara será convocada para além da primeira quizena de maio.»

No mez de maio
O burro zurra...

Sem offensa aos futuros oradores.

*
* *

Quem ha tres dias se conserva em semicupio, na sacristia da sua egreja parochial, é o padre Luiz José Dias — com o *susto* que parece um figo passado.

Hontem á noite abriu elle a Biblia, no *Livro*

de Job, e os seus olhos vermelhos, que parecem dois tomatesinhos andaluzes, cairam sobre o vers. 11, do cap. XL. E' onde o Senhor diz:

«A sua fortaleza está nos seus lombos e o seu vigor no umbigo do seu ventre.»

E o dissidente de Monsão, assarapantado:

—«E' comigo! Todos me chegam. Como vêem que já não metto susto!...»

E era d'uma vez o Gungunhana de Monsão. Faz dó.

... 3 horas da tarde:

Já sabem, hein?

Só lhes digo — *que todos os caminhos vão dar a Roma.*

C

12 de fevereiro.

Está impresso e corre mundo, no *Liberal* de hoje:

«Hontem á tardinha o sr. conde de Burnay,

no seu excellente automovel de 40 cavallos, per correu as principaes ruas da capital, tocando com força a corneta para que toda a gente o visse bem e soubesse o seu grande triumpho.»

«Chiado acima, rua do Ouro abaixo, Avenida para cá e para lá, e depois á noite esteve com o sr. José Luciano, trocando-se ao que parece desde já impressões sobre um novo contracto que será presente ás camaras, que estão convocadas para junho proximo.»

Está certo. O que eu julgo irrealisavel é isto que consta ao *Mundo*:

«Parece que, como já disseram alguns jornaes, se trata de estabelecer uma concentração monarchica constituida pelas forças de Hintze, João Franco e Alpoim. Pelo menos, ha esforços e negociações n'esse sentido, chegando a dizer-se que Hintze está disposto a entrar n'ella, *de boa fé*, apesar de a concentração ter por fim limitar o arbitrio do poder moderador.»

O *Mundo* não acreditou no caso. O poder mo-

derador deve rir-se do projecto (?). Eu limito-me a contar-lhes o seguinte:

Ha em Lisboa um velho bohemio, alegre e engraçado patusco, cheio de vida, e que já era velho ha vinte annos. Deve ter mais de setenta, que envergonham pela vivacidade os meus tropegos e casmurros cincoenta e sete.

Perguntaram-lhe, ha dias, se elle tomava algum elixir, ou tónico milagroso; e o *Silva C...* respondeu:

— Tómo.

— ?

— *Tómo o mundo como elle é.*

Nas gazetas:

«*Londres*, *10*. — O *Standard*, no seu artigo editorial, chama a attenção das potencias para as barbaridades perpetradas no Estado Livre do Congo, accentuando que esse Estado rende ao rei dos belgas tres milhões de libras, annualmente.»

Que de brilhantes para a Cléo de Merode, patusco Leopoldo!

Um dia d'estes, o sr. visconde da Ribeira Brava, deputado dissidente, referiu-se no parlamento aos *ladrões do Pinhal da Azambuja*. Vem de lá um homensinho Jayme da Motta e chama ao visconde *aquelle illustre Plutarcho.*

Jayme viu, no *Popular*, que o finado Marianno de Carvalho chamava *homens illustres de Plutarcho* aos dissidentes. Não percebeu que o grande jornalista comparava ironicamente aquelles deputados aos biographados illustres de Plutarcho (Alexandre, Cesar, Pompeu, etc.) e entendeu que o Marianno chamava *Plutarchos* aos dissidentes.

Valha-te o diabo, *azambujeiro!*

CI

14 de fevereiro.

Leio n'um jornal regenerador este alvitre:

«A abstenção pura e simples aos actos eleitoraes, por todos os partidos da opposição, era de effeito seguro.

«Nomearia assim o governo só deputados progressistas, passando a viver na ridicula situação que a todos os respeitos e por todos os motivos merece.»

Aqui está o que os progressistas não conseguiriam em tal caso:—serem originaes. Apenas imitariam os regeneradores, quando elles formaram o indecentissimo *Solar dos barrigas*. Sem opposição!

A proposito me lembro de ali haver conquistado posição diplomatica o ridiculo sr. visconde de Santo Thyrso — a dizer asneiras.

Foi então nosso ministro, para os Estados-Unidos.

Mas se gordas as dissera, melhores as fez.

Inventou a morte do presidente,—vivo e para durar. Foi demittido o *Metternich* de meia tigella.

Vae agora para Bruxellas, com as suas quatro

camadas de grutesco:—critico dos *cabides*, orador do *Solar dos Barrigas*, diplomata nos *Estados Unidos* e jornalista no *Diario de Noticias*.

Foi elle quem ali escreveu:

«Da conferencia de Algeciras tem de sair a paz ou a guerra.»

Unico!

No *Popular*:

«Continuam a ser muito satisfatorias as noticias ácerca do estado da distincta artista, victima do desastre que ha dias se deu no Colyseu.

«Os srs. drs. Branco Gentil, Silvio Rebello e João Paes applicaram hontem á formosa artista os apparelhos definitivos.

«Hontem já esteve levantada algum tempo, esperando-se que dentro de breves dias possa dar um passeio

«Prompto restabelecimento é que lhe deseamos.»

E dois! Mas ha aqui uma coisa que me dá cuidado.

Pelo fecho da noticia, vê-se que é auctor d'ella o erudito Bernardes de Carvalho. Ora, ha um ponto em que elle chama *formosa* á pobre senhora. A classificação denota pensamentos inconfessaveis por parte de Bernardes. Teremos nós um libertino dentro do erudito?

E' crivel, e em tal caso o erudito Bernardes seria o legitimo continuador do *Conselheiro das unhas encravadas*. Aquelle homem funesto passava as noites dentro do *Temps*, a refocilar-se nas poucas vergonhas do serralho.

Com as creadas diz-se que o alludido careca era um cão rabioso. Deus guarde a pudicicia de Bernardes! Para *croquettes*.

CII

13 de fevereiro.

Nunca o indigena, entre nós, tanto se ageitou como agora, ao papel de profeta. Profecias e, quando menos, sisudas conjecturas, — é o que se ouve em toda a linha: na rua, nos estabelecimentos publicos, nas repartições do estado,

nos carros electricos, nos comboios, etc. Por exemplo:

I

— D'esta vez não foi um dissidente que *se estendeu*: foi um chefe rotativo!

II

— Foi o Hintze, *impaciente* como um Alpoim: foi o Hintze, herdeiro e sucessor do dogmatico Fontes, um papelão correctissimo!

III

— Qual accordo, nem qual diabo, entre o José Luciano e o Hintze! Foram os regeneradores insoffridos que communicaram ao chefe as suas furias. D'ahi—os chinfrins. D'ahi—os *francaceos* passando adiante, nas boas graças da corôa e do José Luciano. Já é preciso desorientação!

IV

— Se o José Luciano vive, temos dictadura, eleições progressistas a abarrotar (um *solar dos barrigas*.. progressista), mais tres annos de progresso, e no fim os regeneradores liberaes possiveis.

V

A' ultima hora:

— O Hintze proclama a guerra santa, para salvar o paiz *e o rei*.

— Dedicados como cães amarellos!

A proposito, quem se considera radicalmente perdido é o reverendo Gungunhana de Monsão. Consoante um sacrista de Santa Catharina e algumas devotas effectivas, o reverendo acha-se em estado lethargico, sempre em semicupio, vae para tres dias, e só um momento volta a si, para resmungar:

—«Já não metto nada!»

Miserias da porca vida!

Andam muito gaiteiros os pacificos burguezes do meu bairro. Antevêm guerra entre a Allemanha, a Inglaterra e a França.

Já lá o disse Victor Hugo:

— Lubrico como os sonhos de um homem casto!

CIII

14 de fevereiro.

No ultima reunião celebrada em casa do sr. Hintze disseram-se coisas como estas:

I

O sr. *José d'Azevedo Castello Branco:*

«Dos comicios ao pamfleto, do pamfleto á imprensa, d'esta á praça publica, sempre dentro da ordem e da lei, é preciso despertar a indifferença popular e incitar á lucta.»

Na praça publica, dentro da ordem e da lei. E' para fazer rir o sr. José Luciano ? Vantagens de um homem estar enfermo.

Enfermo e de cima, já se deixa vêr!

II

O sr. *visconde da Torre:*

«Que confiança póde merecer o governo, sem orientação nem ideias, que nada faz ao seu paiz ?»

A mesma que um *director geral* feito como todos nós sabemos — e incapaz de dar um amanuense.

III

O sr. *Hintze Ribeiro:*

«Não foi acto de força o que o governo acaba de praticar. Foi simples acto de covardia. Monarchico convicto, acata reverente mas pesaroso a deliberação da corôa. Monarchico leal respeita e acata a solução suprema, respeitoso. Pesaroso, porém, porque certo está de que em plebiscito geral por maioria assombrosa, exuberantemente

já manifestada, o paiz repudiaria o governo, que põe em perigo a patria e o rei.»

Se é monarchico leal e convicto e acata reverente a resolução da corôa, como se atreve a falar na *salvação do rei* — contra a vontade expressa do monarcha?

E a respeito de *covardia* em logar de *força*, deixem-me contar-lhes esta:

Foi ahi no Porto, ha bons 30 annos. Um certo alferes namorava, montado no seu cavallo, uma senhora, que se debruçava de uma varanda. Era noite. Subito, um ratão ciumento abeira-se do alferes, puxa-lhe por uma perna, deita-o do cavallo á rua e dá-lhe uma roda de pontapés. E o alferes nem uma nem duas!

A senhora sae da varanda e atira, furiosa, com a vidraça, bradando:

— Covarde!

E o alferes contava, no dia seguinte:

— O patife bateu-me por tal modo que até a D. Felismina, indignada, lhe chamou — *Covarde!*

*
* *

De tudo isto e *do resto* se apura a verdade d'aquelles dizeres do jornalista maximo — Marianno de Carvalho :

«Em Portugal, os governos e as opposições passam a vida a tremer — uns dos outros.»

D'esta vez, as opposições insistem... na tremura.

CIV

16 de fevereiro.

Consoante umas *contas* feitas por Tiberio e que hoje vejo no *Mundo* confirmadas, se o sr. José Luciano desdobra as listas em todos os circulos,—o que é de esperar,—os regeneradores levarão á camara 3 deputados. Nem mais, nem menos.

Tu mataste com a espada ; com a espada morrerás. Vem do *Solar dos Barrigas*, repetição da antiguidade biblica.

Dissidentes — todos á margem: é o plano. Dizem-me, todavia, que na Regoa e em Lamego ha dente de coelho.

Em Monsão, cheira a defunto, que tem diabo. Era uma vez o reverendo Gungunhana, afogado no alguidar do semicupio!

(O alguidar serve para semicupios e para lavar as canecas do verdasco).

Referem as *Novidades*:

«O projecto que o digno par do reino sr. conselheiro Teixeira de Souza apresentou na ultima sessão da camara alta, para resolver a crise vinicola no Douro, tem encontrado, especialmente n'essa região, um acolhimento bastante lisongeiro para o seu auctor.»

E insere telegrammas do Douro, felicitando e agradecendo.

Aquelle trabalha a valer e sabe o que faz. *Outros* apenas intrigam, ou bebem e dormem. E ha muito quem prefira *outros*.

Verdades a valer:

Como o consul do Uruguay em Lisboa interpretasse um artigo do *Seculo* desfavoravelmente para aquella republica da America do Sul, escreveu aos jornaes uma circular de protesto, na qual se lê:

«Este proceder é uma retribuição ingrata á hospitalidade generosa que offerecemos aos desgraçados emigrantes que vão buscar na nossa Patria o bem estar que não encontram na sua terra natal.»

Agora, as verdades — como punhos. Dil-as o *Seculo*:

«Este argumento é muito sul-americano, mas responde-se, sem azedume, em duas palavras. Todos os paizes novos acceitam e agasalham o emigrante, porque precisam d'elle, porque não podem passar sem elle, porque elle é um elemento indispensavel de trabalho e civilisação. E o portuguez, pela sua honestidade e pelo seu amor ao trabalho, é um colono modelar.»

Justo! Justo!

CV

28 de fevereiro.

O illustre socialista Nobre França escreve ao *Mundo*, queixando-se de que foi alvo de baboseiras aggressivas, no Coliseu dos Recreios, na noite de domingo gordo, por parte d'uns idiotas foliões. E diz:

«Um dos muitos meninos que por ali flaneam pôz-me na cabeça um carapuço de papel, e immediatamente me vi exposto ás vaias de uma multidão ignara e cobarde: ignara por ser quasi toda analphabeta, ou pouco menos, e cobarde por a ter visto bastantes vezes fugir de alguns soldados da municipal, ou policias.»

Não fosse lá o amigo Nobre França. Ficasse, como eu, em casa, a conversar com os seus auctores. Mas, em todo o caso, alguma coisa se ganhou; foi o sr. Nobre França escrever verdades como punhos ácerca d'aquella *multidão.*

Apesar de *soberana*, ella, ella tem de ouvir e calar, pois que não dispõe de censura. Chucha, seresma!

Olhem para isto:

«*Berlim*, 25, *n.* — Na festa realisada para commemorar as bodas de prata do imperador, o chanceller Bulow fez um discurso allusivo ao acto.

«Guilherme II respondeu dizendo: «Prasa a Deus que não haja guerra, mas se tal se der estou convencido de que tanto o exercito como a armada procederiam da forma por que o fizeram ha 35 annos.»

... Ora, a armada nada fez em 1870, e hoje, em face da Inglaterra, só lhe compete *ir para o fundo*. Quanto ao exercito, hoje, não serão 6 contra 1.

Como eram os valentes, ha 35 annos.

CVI

27 de fevereiro.

Na aldeia de D. Maria, onde lhes estou escrevendo, tive noticia da manifestação em honra de Theophilo Braga. Mais do que isso merece o illustre pensador. Associo-me, reproduzindo a seguinte carta, ás saudações de hontem:

«Meu caro Silva Pinto.

«Honra-me a coragem e a espontaneidade com que me defende e com que se associa a mim. Pelos seus escriptos vejo que tem vinte annos: é á sinceridade d'elles, não maculada e cheia de esperanças, que falo. Em Portugal tem-se apenas reflectido grande parte dos progressos materiaes que resultaram das grandes descobertas d'este seculo, mas na parte espiritual, na consciencia, ficámos atraz: ainda não acceitámos no nosso mundo moral os principios da Revolução. Ha aqui um desequilibrio:

está o vivo amarrado ao cadaver; temos as fórmas exteriores, mas não as organicas. E' preciso que os rapazes novos trabalhem e se animem. Somos poucos e a massa da estupidez é enorme, mas a estupidez é inerte e a intelligencia é fecunda. Não vemos a cellula organica que, por fatalidade, cahiu sobre um rochedo, logo que alcança condições que a façam germinar, fender a pedra e triumphar a materia viva da materia inerte? Somos assim. Trabalhar e esperar!

«Não lhe tenho escripto á mais tempo, por não saber para onde dirigir a minha carta;— vae agora, ao acaso, porque eu tenho a obrigação moral de abraçar o rapaz que se filia na phalange da lucta e da verdade.

«Amigo leal,

«*Theophilo Braga.*

«Porto, 8 de julho 1871.»

*

* *

Coincide a reprodução d'essas affirmações, ácerca do atrazo da nossa gente em *acceitar no mundo moral os principios da Revolução*, com a leitura, que ha pouco terminei, de umas eloquentes paginas do padre jesuita H. Martin, ácerca do centenario de 1789, em França. E' na magnifica revista *E'tudes réligiuses, philosophiques, historiques et litteraires*, publicada mensalmente em Paris por alguns padres da Companhia de Jesus. Agora se revolta um livre pensador barrigudo, tapado e um tanto piteireiro, contra a hypothese (diga: facto) de as palavras de um padre jesuita reforçarem as de Theophilo Braga. Acontece, por vezes, o saber e a sinceridade estabelecerem o contacto de dois extremos. O mesmo caso póde produzir-se quando a estupidez e a perversidade mourejam em terrenos apparentemente afastados. Tócam-se.

*
* *

O padre H. Martin via na França de hontem, — foi em 1889, — o atrazo moral, a negação dos principios da Revolução, um seculo volvido sobre a genese maravilhosa de taes principios. Diz elle: — «A nossa herança não vinga occultar com as conquistas materiaes, evidentes, os mil e um ensaios desgraçados, a violação da liberdade individual, e exilio e a proscripção, e a corrupção ao fundo. Longe de nós perder tempo, como alguns eruditos, em narrar a felicidade dé nossos paes! Melhor será adaptar os processos de hontem ás condições novas introduzidas pelas revoluções no nosso corpo social». Não póde ser desdenhado quem isto escreve.

E para não ficarmos no jesuita, abro o livro de Jules Simon—*Dieu, Patrie, Liberté* (8.ª edição, 1883) e leio a pag. 372: — «Que temos nós feito n'estes tres ultimos annos? Apenas ruinas». Dil-o o philosopho, o homem de governo, filho da Revolução; e de longe vem a transmissão de

responsabilidades do Individuo ao Estado: parece a concepção do estado grego pelo divino Platão: é lêr *As Origens da Civilisação Moderna*, de Kurth, e *As Origens da França Contemporanea*, de Taine.

*

* *

Quer isto dizer, resumindo, que se impõe esta verdade:—No mundo moral, assim em França, como em mais atrazadas civilisações, deixámos de avançar; não acompanhámos as conquistas materiaes. Diga-o, embora, o jesuita, ou o philosopho revolucionario. E para além da immortal revolução vemos isto, que a Theophilo Braga eu ouvi, um dia, em lição publica:

«Na idade média, o negociante fallido suicidava-se».

Estou a lembrar-me de uns, modernos, que se mataram — porque não souberam fallir.

CVII

28 de fevereiro. — Dizia-me hontem á noite, no Chiado, um provinciano:

— Pois sim, o Camillo viveu pobre; mas foi n'outra época. Hoje deve ter mudado isso, porque o paiz está mais illustrado. O amigo, por exemplo, deve ter um bom pé de meia.

— Pé e perna. Por signal, a perna nunca foi boa, mas o pé foi sempre avantajado.

— ?!

— Olhe: quem tem boa perna e pé breve e catita é ali a Pilar, aquella hespanhola que vae passando...

Percebeu o homem, pelos modos, que eu não estou rico, e foi-se portanto, safando.

*

* *

No Banco de Portugal pediram melhoria de

vencimento para o pessoal os srs. Burnay e Driesel.

E então o sr. Augusto José da Cunha, um director, disse que o citado pessoal ganhava menos mal: 400 réis, a 1$000 réis por dia.

O sr. Cunha não faz menos, que se saiba, de 600 mil réis por mez *(20 mil réis por dia, ó gentes!)* e lá se vae aguentando.

Mas já o dizia um dos padres do *Crime do Padre Amaro*: — «Cada um cóme como quem é.»

Córneo mundo!

Do *Correio da Extremadura*:

«O momento é decisivo e a voz do povo vae fazer-se ouvir n'esse grande plebiscito eleitoral.

«Nunca, como n'este momento historico, se patenteiou o dever indeclinavel de todo o cidadão protestar contra os abusos do Poder!

«Nunca surgiu momento tão propicio para os partidos — monarchicos ou republicanos — erguerem o seu vibrante protesto em nome da liberdade ultrajada!

«Ao governo — nem treguas nem quartel!»

... Pois sim, homem da *omelette* (monarchicos e republicanos)! Nem treguas, nem quartel... a qualquer de vós: aos que estão á bica e aos que disputam a vez!

Pois então, *cumiê ?!*

Ainda agora n'um carro electrico, encontrei-me com o Rebello dos assucares, que me disse:

— Veja isto!

E fez-me vêr estes telegrammas:

I

Algeciras, *26*, *n.* — Chegou a nota franceza, em que se replica á resposta da Allemanha, ácerca da organisação da policia em Marrocos. A França deixa aberto caminho para novas negociações e diz que, se a Allemanha não encontrar sufficientes as garantias que apresentou na conferencia para a eleição de instructores da policia marroquina entre francezes e hespanhoes,

não quebrante a egualdade economica de todas as potencias em Marrocos.

«A Allemanha póde pedir novas garantias, pois que a França não se negará a dar-lh'as, visto que não pretende que o principio de egualdade economica seja infringido em proveito de qualquer. A França insiste em que demonstrou sempre a sua excellente vontade em chegar a um accordo e affirma que, se se malograssem as negociações, não seria por culpa sua.»

II

Berlim, 26, t. — Consta que o presidente Fallières dirigiu uma carta autographa a Guilherme II, em que felicitava o imperador pelas suas bodas de prata e pelo proximo consorcio do principe Eitel Frederico.»

*
* *

E disse-me o Rebellò dos assucares :

—Você bem os excita ; mas *elles* não têem vergonha nenhuma !

Para fechar :

«*Nice*, *26*, *t.* — Acha-se n'esta cidade, onde veio assistir ás grandes festas do Carnaval, o rei da Suecia, que esteve hoje presenciando a batalhas das flôres.»

Já se consolou da perda da Noruega. Tristezas não pagam dividas.

CVIII

5 de março. — De quando em quando, um meu concidadão envia-me, pelo correio, um jornal — de Lisboa, ou da provincia — com um traço a vermelho, ou a azul, para me chamar a attenção. Para quê? Para uma injuria, ou uma biscata, dirigida ao pobre de mim peccador. E quer o meu concidadão que eu castigue o perverso. Foi tempo.

Quando lanço os olhos para trinta e cinco annos de trabalhos publicos e vejo o que eu perdi em tempo e nervos — com idiotas, ou com trocatintas, ou tudo junto, benzo-me com as duas mãos, se m'o não impede um desfallecimento. Em trinta e cinco annos, ou seja doze mil e tan-

tos dias, como eu poderia ter aproveitado metade. Em seis mil dias teria escripto sessenta mil paginas, — uma bibliotheca da Alexandria, para um Omar em cuécas destruir a coices!

*
* *

Foi á conta d'isto que Cesario Verde me escreveu, um dia:

— «Gastas polvora e chumbo a atirar aos piscos. Naturalmente dizes-me que não ha aguias; bem sei, mas ha vistosos passarocos, que seria justo chumbar. Não te parece que corres o perigo de *dar confiança* a insignificantes que aggrides?»

Talvez sim. A proposito me lembro eu do Sampaio da *Revolução* — o grande Rodrigues Sampaio — a quem semanalmente, n'um semanario de Traz-os-Montes, um bolas descompunha com impunidade triumphal. O Sampaio lia tudo e nada esquecia. Descendo de Sampaio á minha pessoa, — leio muito pouco, cada vez menos, mas *tambem não esqueço coisa alguma*: fica *tudo* para a occasião. Adiante e para cima!

Um dia faltou assumpto ao Sampaio, ou chegou-lhe a *occasião*. De passagem, sovando um politico da capital, escreveu : — «Para achar outra besta assim, é preciso ir a Traz-os-Montes.» E citou o semanario do bólas.

E então no immediato numero do semanario escrevia o typo :

—«Na rude polemica em que ando empenhado com o primeiro publicista portuguez...»

Filhos da mãe !

CIX

10 de março. — O fim justifica os meios : isto é muito nacional e é umas vezes immoral, outras não. E' moralissimo, se um homem, para valer a innocentes, pede soccorro a bandidos, ou a derivados d'estes ; e é ignobil, se *um mancebo* trata, dê por onde dér, de *casar rico* — para se acommodar na Vida.

*
* *

Está justamente, sendo um dos processos

actuaes, mais em voga, ha uns 20 annos a esta parte, essa mixordia do *casamento rico*. Eu já disse, e ainda espero dizer algo sobre o assumpto e sobre os typos, mas quero hoje ceder a palavra, *sobre a ordem*, ao mais poderoso e mais illustre prosador de toda a nossa Litteratura. Fale, pois, Camillo Castello Branco. E' nas *Scenas da Foz*:

*

* *

—«Tu não tentaste ainda a fortuna pelo lado do casamento ?

— Ainda não. Tem-me lembrado algumas vezes essa asneira salvadora ; mas sou tão infeliz, que desconfio de tornar-me ridiculo, se o tentar.

— Ridiculo é esse susto. A experiencia ainda te não amadureceu quanto é necessario para viver n'este mundo. Ridiculo só conheço um homem n'este planeta: é o que não tem dinheiro. As tentativas que se fazem para alcançal-o são sempre sérias, heroicas e até épicas...

— Que diabo de embrulhada é essa ? Homem, fala-me direito. Que me dizes tu á tentativa de um casamento rico ?

— Digo-te que conheço grandes alarves que tentaram e prosperaram. Quando um homem se diz : — «Hei de casar rico, apesar de todos os contratempos», casa rico. O primeiro passo a dar é convencer-se de que a vergonha é uma excrescencia que nos magôa, e deve ser amputada da consciencia como quem corta um callo. O segundo é procurar a mulher, atravez de todas as torpezas, como o mineiro procura o ouro atravez do saibro e dos charcos lodacentos que lhe regorgitam debaixo dos pés. O terceiro é levar com a porta na cara, e ficar com a cara voltada para outra porta. O quarto é teimar. O quinto é teimar. O sexto....

— E' teimar. Tenho entendido. Mãos á empreza. Cobrei espirito novo. Dentro de um anno, hei de estar casado com mulher rica, bonita, intelligente, virtuosa...

— Alto lá! isso é muita cousa. Assim tambem o Bocage a queria, mas disseram-lhe que não... Rica? de accordo; isso é possivel. Intelligente? Deixa-te d'isso : mulher intelligente não se deixa engodar por especuladores matrimoniaes; é-lhe mais facil ceder ao coração toda a liberdade

dos seus desejos os menos puros do que algemar-se com grilhões que ella partirá facilmente no momento em que a razão illustrada lhe diga: «Entre ti e o homem são eguaes os direitos...» Formosa? Pieguice e contrasenso. Mulher formosa é sempre a mesma cousa, e aos olhos do marido perde a pouco e pouco o prestigio da belleza. Mulher feia, pela continuação da convivencia, perde a pouco e pouco a fealdade, e chega a parecer bonita. E deves saber que mulheres feias teem inspirado paixões ardentissimas. Dizem que ha uma compensação de graças occultas, as quaes fazem crear raizes no coração do homem. Eu não sei se é no coração! será no figado: o que posso asseverar-te é que tenho visto mulheres formosas apagarem muitos incendios, e as feias atearem-n'os. Dido, Helena, Cleopatra, dizem que fòram lindas mulheres, por terem apaixonado Eneas, Páris e Antonio. O que decerto se não sabe é se eram feias. Verdadeiramente feio, meu amigo, é o diabo, como diz a ama de leite dos teus sobrinhos. Emquanto a virtuosa, meu caro Bento, a esse respeito tinhamos muito que dizer se eu não tivesse somno.

A virtude é o escolho de muitas posições sociaes. Felizmente que ella vae em decadencia e por isso veremos, de hoje a trinta annos, muitas posições brilhantes com um pé no pescoço da virtude. Virtude é uma sociedade mercantil, em que a maior parte dos emprezarios se sustentam á custa da pequena parte que se conserva fiel aos estatutos. Fóra com a palavra! e se promettes aspál-a do teu programma de casamento, indico-te uma mulher...»

*

* *

Por estas e por outras, tem sido execrada a memoria de Camillo, a ponto de o seu funeral constituir uma nodoa n'uma classe e n'uma geração, e de *um tributo*, reclamado por alguns admiradores do grande homem, ser por outros considerado uma hypocrisia — estendida ao absurdo. Mas é grande e indiscutido tributo *transcrevêl-o* — como lição para os que o admiram, como satisfação dos que o amam e como castigo dos estupidos, ou dos talentosos miseraveis, que lhe odeiam a formidavel memoria.

CX

15 de março. — Escrevem de Moçambique ao *Diario de Noticias* de Lisboa:

«A Africa para os africanos

Tal é o lema de uma nova seita que vae ganhando numerosos proselitos entre os indigenas da Africa do Sul. Oxalá lhe cortem as azas a tempo, para não terem que chorar mais tarde a imprevidencia.

«E' especialmente no Cabo que esta seita tem tomado maior incremento para o que concorreu ter a egreja anglicana reconhecido a «ethiopian church» como parte da sua organisação».

Pois sim, cortem-lhes as azas! Já tinhamos a America para os Americanos — appoiada a *these* pelos Estados-Unidos, com a subscripção da Velha Europa—a qual velha admitte os Americanos á discussão dos interesses europeus no Mediterraneo.—*Et d'un!*

O Japão e a China, de mãos dadas, hão de

acabar por tornar um facto *A Asia para os Asiaticos. — Et de deux!*

Não vejo porque não seria *A Africa para os Africanos*. Ha-de sêl o; caso está que appareça um Japão negro. E a velha Europa ha-de lhe cortar as azas, — mas precisa de amolar as tesouras.

E talvez já não amole. Se me demoro n'este mundo, ainda receio vêr *amarellos* e *pretos* montados em brancos, ahi pela Avenida da Liberdade. O mundo dá muita volta — diz o Rebello dos assucares, que o tem visto e roubado.

Está em fóco, para a troça, o assaz ridiculo ministro do reino *Eduardo José Coelho*. Dizem as *Noticias de Lisboa:*

«O *Seculo* noticia que hontem conferenciaram com o sr. ministro do reino o sr. barão Remeitz, encarregado dos negocios da Allemanha, e conselheiro Espregueira, etc.

«Este sr. barão de Remeitz é o sr. barão de Kemnitz. Quem assim lhe estropiou o nome foi, pela certa, o sr. Eduardo José Coelho.»

E o *Popular*:

«Contam-nos coisas interessantissimas d'esta ultima conferencia. O sr. ministro do reino falou em lingua de tal modo extranha, que o illustre diplomata, tendo conhecimento de que o sr. Eduardo José Coelho era um *barra* no francez e hespanhol, delicadamente lhe ponderou, em pura lingua de Victor Hugo:

—«Se v. ex.ª está falando em francez, peço-lhe que o faça antes em hespanhol. Mas se é em hespanhol solicito-lhe que o faça em francez.

—«Não, respondeu o sr. Coelho. E' em allemão que me estou exprimindo. Pois não me entende?

«Póde calcular-se o espanto do interlocutor.»

Está bem. Lembra o Porthos dos *Tres Mosqueteiros*, — o estupido e bondoso gigante. Fôra elle a Inglaterra, com os amigos, e ouvindo-os conversar em Londres, suppôz que só inglez se poderia falar n'aquella terra, e exclamou:

—«Bravo! Já conheço o inglez, como os meus dedos!»

Os outros falavam francez. Mas todos nós podiamos ser assim.

CXI

19 de março. — Por mais que eu procure variantes, tenho aqui a impôr-se-me, implacavelmente, para commentario á *situação*, a tal conclusão do Santa Monica: — «Já não ha d'outros portuguezes.»

Creio bem, e cada vez mais creio — que os não ha. Vêr como se gagueja e se caminha a tropeções; olho atraz, olho adiante; mãos estendidas, á cautella; por um triz, mãos postas; olhar para esta *resistencia*, na qual raro se destaca um grito ou um movimento de energia, é para um homem de *hontem* desesperar de *ámanhã*.

Dizia-me, não ha muitas horas, um jornalista dos mais notaveis:

—«O melhor de tudo seria declarar ao paiz, n'um manifesto, que não ha meio conhecido de resistir.»

Ociosa declaração, se se trata de resistir orthodoxamente, como preceitua com o mais inno-

cente criterio o sr. José de Azevedo Castello Branco. Mas o paiz não deve ter em vista os recursos da resistencia dos *outros*.

Nem de *uns*, nem de *outros!*

Que trabalhe *por si* e *para si!*

*

* *

Tenho aqui aberto um trabalho sobre o *Problema de Lombroso,* um estudo critico de biosociologia, sobre a theoria atavica do crime. E' uma dissertação inaugural, que em 1904 apresentou á escola medica-cirurgica do Porto o sr. M. J. d'Oliveira. Vejo entre as Proposições do joven medico a seguinte sobre Pathologia interna: «A velhice é uma doença infecciosa chronica.»

Defendo-me, como velho e como profano, da definição, arbitraria, e não careço, para tal defeza, de consultar especialistas, nem livros—fóra da dissertação alludida. Abro-a a pag. 12 e 13, e vejo o grande Taine a indicar um facto de dissolução da memoria, o qual, pelos modos, tem numerosissimos exemplos. D'ahi a *promptidão* com que Ribot formulou a seguinte lei:

«A memoria desce progressivamente do instavel ao estavel. Como pelas recordações recentes que, mal fixadas pelos elementos nervosos, raras vezes repetidas e, portanto, fracamente associadas ás outras, representam a organisação no seu grau mais fraco. Ella acaba por esta memoria sensorial, instinctiva, que, quando fixada no organismo, tornada n'uma parte de si proprio ou melhor n'elle proprio, representa a organisação no seu grau mais elevado...»

Outro legislador, Metchnikoff, quer a velhice considerada *uma doença*. E' honra que a Neurasthenia não obtém na Inglaterra, onde a sciencia lhe chama apenas *that thing*.

Mas, o auctor da dissertação conclúe:

«A ultima infancia do individuo fecha, pois, o seu ciclo de ser vivo na especie.

«Por isso é que sãos e lucidos espiritos, que levaram a vida a combater os grandes prejuizos religiosos, batem muitas vezes ás portas da morte, abraçados á memoria das suas emoções religiosas infantis.»

Nada d'isto se me afigura mais resolutivo do que a dissolução do parlamento e a perseguição aos jornaes. Citei o que ahi fica porque justamente eu pensava n'este *facto* que em mim e n'outros homens do meu tempo tenho observado — de, á maneira que se afastam da mocidade, *claras verem as aguas que lhes pareciam turvas*, — quando lancei os olhos para aquellas condemnações da velhice.

*

* *

Vermos claro o que nos parecia turvo. Não é uma illusão d'optica; é antes aquillo: — *Se a mocidade soubesse e a velhice pudesse!*... Sinto-me com mais memoria, mais comprehensão e, portanto, mais serenidade. Não confundo a sinceridade com a intrujice, nem com a paspalhice; nem a valentia com as bravatas do poltrão. *Já sei!* como dizia o brazileiro. Só conheci, em toda a minha vida, um homem de genio — Camillo Castello Branco. Pois notei que mais *via* quando a luz dos olhos ia perdendo.

Creio que só percebemos tudo — quando vamos morrer.

*

* *

Para terminar hoje. Aqui está um *caso* que eu não teria notado n'outros tempos:

Todas as tardes, eu passeio no Chiado, onde está a redacção das *Novidades*. E' um meu vicio antigo — passear n'aquelle sitio. Acontece que a certa hora passa por alli o rei, como toda a gente. Ora, ha tempos, até á dissolução, certo politico, que commigo conversava, ao approximar-se o rei, voltava-lhe costas, chamando-lhe nomes feios. Vem a dissolução e o homem, que era opposicionista, desata a cortejar o soberano. *E' que desatou a esperar.*

E eu, velho, *desatei a vêr.*

CXII

20 de março. — Sustentava eu ha dias, sem o soccorro usual de expositores, que é licito, por um methodo de *deducção logica*, prevêr os acontecimentos. Aqui tenho eu a contra-prova n'um

livro notavel de Rosselly de Lorgues — *Le Christ devant le siècle*. E' na 16.ª edição que eu leio, a pag. 397:

«A unidade catholica atrae todos os espiritos elevados e sinceros. Em homenagem á justiça expiatoria, a França, que espalhou pela Europa as *trevas da incredulidade*, está destinada a esclarecel-a com o *facho da Fé*.»

Em logar da *deducção logica*, a obstinação do proselito. Foi a obra do distincto publicista catholico escripta no reinado de Luiz Filippe (a 1.ª edição publicada em 1835); — setenta annos volvidos, as *trevas da incredulidade* (A *Encyclopedia*, Voltaire, Rousseau e a Revolução Franceza) reproduzem-se em França pela separação da Egreja e do Estado. Tal é o *facho da Fé* com que a França vae esclarecer a Europa, em homenagem á expiatoria justiça.

Em que confiava Rosselly de Lorgues, ao sustentar o desacerto? Nas phantasiosas narrativas de viajantes vindos do Oriente, os quaes lhe communicavam a crescente adhesão dos Musulmanos aos principios do catholicismo evangelisados por Francezes. Já o publicista catholico

via os crentes da Turquia a voltarem-se de Méca para Jerusalém! Ainda ahi, na evolução religiosa dos sectarios de Mafoma, predominou sobre a logica a phantasia.

*
* *

E, pois que das mixordias politicas nacionaes subi a um livro de controversia religiosa, vou deitar-me resvalar até junto do sr. Luiz José Dias, prior dissidente. E' para distrahir o padre das matutações politicas. Pergunto ao doutor da Egreja — de Monsão:

— Dizendo-se no livro de Jeremias: — «A ti virão as gentes das proximidades da terra», e pretendendo-se explorar as palavras do propheta em favor do christianismo, garante-me o luminar de Monsão a autenticidade do livro de Jeremias? Não esqueça que a negam terminantemente Spinosa, no *Trat. theol. pratico*, e Thomaz Payne, na *Idade da Razão*.

Se lhe parece, consulte o padre Conceição Vieira, outro doutor da Egreja — e mande-me resposta para Caxias,

Prometto-lhe *um susto* novo.

CXIII

21 de março. — Foram-se embora uns ministros que na opinião geral, só faziam o que desejava ou consentia o sr. José Luciano de Castro. Posso assegurar que a um d'elles ouvi a seguinte affirmação de *doutrina,* que me pareceu, por diversos motivos, assás independente.

Acabava s. ex.ª de visitar um estabelecimento do Estado, e, mostrando-se contente pelo que presenceára, disse á direcção da casa, tristemente remunerada:

—«Muito estimarei que continuem a servir desinteressadamente!»

Vão decorridos alguns mezes e cuido ainda ouvir *aquelle ministro* a aconselhar *desinteresse.* Parece um conjuncto de maldade e de pobreza de espirito rotineiro de um ministro feito á pressa —para completar o quadro. Toda a gente pensante sabe hoje, em Portugal, que, em regra, é miseravel a remuneração dos funccionarios e que, sendo assombrosa a honestidade dos *martyres,* no exercicio das suas funcções, a assidui-

dade em toda a linha deixa muito a desejar—porque o empregado publico tem de trabalhar particularmente, para poder viver. Toda a gente sabe, menos um ministro d'aquelles!

*
* *

Não sabe, nem quer saber. Ministros assim constituem o ideal do estadista dos *carapaus*: referindo-se a Oliveira Martins—hão de estar lembrados—dizia o tal chefe do governo:—«Tenho de pôr fôra o meu ministro da fazenda. Não quero, no ministerio, quem pense senão eu.» O papel de *verbo de encher* não deixa de ser commodo—para *subalternos*. Nem proceder, nem pensar: *paspalhar* e desejar o desinteresse... dos outros.

Tenho idêa de eu haver dito a um pobre empregado publico atacado de enfermidade e de falta de recursos e subordinado do *tal ministro*:

—«Morra: é o conselho que lhe dou. Mas antes d'isso escreva ao ministro:—«V. ex.ª quer desinteressados servidores. Morro de fome.

Creio que mais é impossivel.» Faça isto, e conte com a promoção... da valla para um coval.»

CXIV

26 de março. — Quer saber alguem do Porto se vae por deante o projecto de nova cadeia civil n'essa cidade.

Segundo informações seguras; o projecto, que em tal ficaria, a julgar pelos precedentes, se no poder ficasse *quem lá estava,* será convertido em facto pelo actual ministro. Interessa-se pelo assumpto o sr. Campos Henriques, como filho do Porto e como dedicado, pelo estudo e pelo coração, ás reformas correccionaes. Mas, por isso mesmo, similhante obra, qual a da cadeia do Porto, tem de ser começada após accumulação de recursos de todas as especies: pareceres de diversos competentes chamados á collaboração com o ministro e os indispensaveis fundos para a construcção não interrompida do complexo estabelecimento.

A complexidade é tal que parece interminavel a discussão. Dia a dia se descobrem lacunas,

erros, excrecencias e desvios de orientação no terreno da Penalidade. A Sciencia descobriu de ha muito que não ha legislar para a *collectividade*, mas para *cada especie de individuos*. E, depois, conciliar o castigo com a humanidade não é hoje trabalho para carcereiros subalternos, fiscalisados por carcereiros graduados: é obra para quem estuda, pensa e sente. Doce, mas grave responsabilidade!

Creio firmemente que o Porto terá um estabelecimento penal digno de uma cidade moderna, e não *uma promessa em vespera de eleições*. E, porque o creio, o digo, com satisfação, aos meus leitores effectivos.

CXV

10 de abril. — A contas com os deliciosss negocios da marinha, pondera judiciosamente *O Mundo*:

«Se houvesse parlamento, desejariamos ouvir as respostas que o ministro daria ás seguintes perguntas:

— Não se tendo adquirido navios novos nem

reparado os navios velhos, em que se esgotou a verba do orçamento da marinha?

— Não havendo intenção de adquirir navios, e não havendo verba para as grandes reparações, para que servem as novas officinas que se estão construindo no Arsenal?

— Se não havia verba para as reparações no cruzador *D. Amelia*, por que motivo se meteu o navio no dique, e se lhe tiraram as chapas do fundo, conservando a bordo a artilharia, que pesa mais de 50 toneladas?

— Porque motivo, não havendo navios, ha o dobro dos admirantes que tem a marinha hollandeza, que possue 15 cruzadores?

— Havendo tantos oficiaes fóra do quadro, porque motivo se abre todos os annos a matricula na Escola Naval?

— Tem o ministro conhecimento das irregularidades que se deram nas officinas da Catembe e do resultado da syndicancia pelo actual director?»

Na hipothese, porém, de ser um cardiaco o sr. Antonio d'Azevedo, vae-lhe dizendo *O Mundo:*

«Póde s. ex.ª estar descançado que ninguem lhe fará taes perguntas. No parlamento não se trata de taes assumptos. Se algumas vezes se discutem assumptos de marinha, é para desvirtuar a verdade. Disse-se, por exemplo, que a chapa d'aço do *D. Amelia* é de 14^{mm}, quando a verdade é que ha só duas chapas com aquella espessura, o resto tem 7^{mm} e 4^{mm}, isto é, a mesma *lata* com que se fez a *Tejo*, que se arromba ao atracar a falua do arsenal».

De modo que não haverá rotura de aneurisma, nem embargo á digestão — no bojo do tal ministro. Está direito.

Mas o diabo tece-as!

Ali temos agora a marinhagem a amotinar-se, porque um official a caustica incessantemente. Por um triz, não o mandou para onde os Hespanhoes mandaram as esquadras dos Estados-Unidos — *caramba!* Para a genese das caldeiradas!

Dizia-me ainda agora na Arcada um deputado progressista — dos puros:

— Que quer v.? O Antonio d'Azevedo tem dado cabo da armada!

— O quê, homem de Deus! Em duas semanas?! A meu vêr, se houve estragos recentes devem-se ao sobrinho do M*oreira d'Alhos Vedros*, que terá abusado dos purgantes. O dr. Timpeira, ao menos, tem affinidades com a maruja, na qualidade de Kágado.

...Safou-se o progressista, entupido. Que taj está o despejado! A calumniar a innocencia barriguda!

...Como já sabem, tudo acabou em bem, como deve ser entre Portuguezes. Mas a muitos acudiu agora o nome do padre Luiz José Dias. Se elle não fosse *independente*, que bello ministro da marinha — como *especialista em semicupio!*

CXVI

15 de abril. — Razão tinha o conselheiro Encravadissimo, quando do seu pantano de sandi-

ces arrotava: — «Sópra um vento da insania.» Para elle não era apenas o da insania: eram inumeraveis ventos. Mas a verdade inilludivel resaltava das truanices do conselheiro. Effectivamente já o tal vento se distinguia — ha quinze annos.

E não ha fugir-lhe. Vejam-me este espectaculo, que ha oito dias perturba ou agita os espiritos em Lisboa, e concordarão em que *parece tudo doido*. E' a marinhagem a revoltar-se—e a amansar quando se espera uma explosão. E' todo um mixto de irritações, de enternecimentos, de novas furias, de transigencias novissimas, de fasdistice e de desorientações, — sem quebra de consideração para algumas provas de orientada bravura.

Mas ha uma nota interessante que subitamente resalta de *tudo isto*. Hontem seguia eu, pelas 11 horas da manhã, no comboio de Cascaes, o caminho de Lisboa a Caxias e pelo Tejo acima ia subindo o cruzador *D. Carlos*. Cheias as carruagens do comboio, de passageiros burguezes, — gentes pacificas, que sériamente embirram com

disturbios,—que sè afastavam de Lisboa, com as familias, *não vá por ahi haver chinfrinada.*

N'um dado momento, em que o cruzador ficou a descoberto, toda a gente o viu navegando, e todos se mostraram *ao facto*, explicando os porqués e o estado da questão. Opinava-se que o *D. Carlos*, carregado de revoltosos demandava a barra, para escapulir-se, mas que as torres, de S. Julião e do Bugio, já o esperavam para o metterem no fundo. Imagine-se: 400 homens mortos e as familias em revolução!

E as mulheres burguezas, nas carruagens: — «Que desgraça! Credo! Que afflicção!»

Mas, em frente do Dáfundo suspendeu a marcha o cruzador e largou ferros. Foi o diabo n'aquelle comboio. — Que os marujos iam desembarcar na Outra Banda, que se preparavam para bombardear *(os saloios?)* e que era possivel ainda aquelle comboio apanhar a sua conta...

*

* *

Mas, alguem aventou a ideia de que o cruza-

dor *D. Carlos*, que se suppunha bandeado com o *Vasco da Gama*, estava ali fundeado em serviço do governo e que o *Vasco da Gama*, isolado no quadro, teria de entregar-se. Pois senhores, foi uma consternação! Queriam a prolongação do mal estar, a desordem, os perigos, as novidades, as sensações—os pobres burguezes aborrecidos!

A monotonia pode gerar a ferocidade.

O quê? E a telha? Pois que é a ferocidade senão telha?

*

* *

Suffocada a sublevação, voltam os *pacatos* é semsaboria da vida. Dá para um capitulo de Psicologia.

CXVII

22 de abril. — Não é o espirito de vingança que me inspira. Conheço os meus deveres, mas a gente, — como dizia a *D. Josepha Dias* — sempre tem um bocadinho de vergonha; e deixar

impunes, ou em claro, certos factos é não ter *vergonha nenhuma*.

Quero eu falar *d'aquelle ministro* que se foi, e muito a proposito lhes indicarei um dos favores que lhe ficaram devendo os serviços das Correcções em Portugal.

*

* *

Foi aquelle caso de uns saloios ratoneiros e bebedos de Laveiras haverem desabafado as suas coleras de malandros em apuros—enviando á policia participações contra o pessoal superior da Casa de Correcção de Lisboa, em Caxias. Um ministro a valer, pela intelligencia e pela comprehensão dos seus deveres, teria afastado a acção dos homens da policia e chamado a averiguação minuciosa do *caso*, se desse importancia ás queixas dos malandros, ao ministerio da justiça. *Aquelle ministro* ás ordens do sr. José Luciano procedeu em contrario: chamou a policia, licenciou (sic) os funccionarios accusados e metteu na Correcção,—a investigar,—a inves-

tigar, — os solertes investigadores de malandrices. Vejamos os resultados.

*
* *

Destruiu por largo tempo, a acção policial, o espirito de disciplina entre os menores reclusos, tornando-se necessario esperar a renovação das camadas existentes, até ao esquecimento do desaforo. Amargurou funccionarios dedicadissimos —especialmente um benemerito que ali se tem consumido em fanatica dedicação, o sub-director, padre Antonio de Oliveira Desmoralisou bom numero de espiritos que ainda criam no respeito pelos bons serviços, nas altas espheras officiaes. Escandalisou e indignou todas as pessoas intelligentes e dignas. Deu alento aos ratoneiros calumniadores e a covardes adherentes que haviam sido no serviço da Correcção uma infamia permanente, até que d'ali sahiram, quando esgotada a misericordia tolerante. Desanimou, relaxou, quebrou todos os laços entre *os que trabalhavam* e *os que os ofendiam,* em recompensa do trabalho.

*

* *

Recompensa? Foi então, depois sahir a policia e de queimado alecrim, que *aquelle ministro* foi visitar a Correcção—para a desaggravar. E foi então que elle disse, ali mesmo, que esperava a *continuação do desinteresse*.

Importa desprezar *tudo isto*, para não succumbir.

CXVIII

25 de abril. — Um dos *factos* que eu tenho amado (não direi amado *muito*, porque não sei amar *pouco*) é a *Casa de Correcção de Lisboa*, que de Lisboa passou para Caxias, deixando no primitivo logar da sua existencia as tradições de malvadez e outras... E' em homenagem d'aquelle sentimento a todos os meus similhantes afeiçoados á idéa da regeneração *intelligente* dos menores, que eu reproduzo do *Seculo* de hoje a seguinte noticia.

Refere-se a uma visita das secções de Neuro-

logia, Psichiatria e Anthropologia Criminal do XV Congresso de Medicina.

Bom é que visitantes d'aquella ordem aninem quem trabalha com dedicação, já que os dissabores não teem faltado, forjados pelo egoismo e pela ignorancia.

O actual ministro da justiça, o sr. Campos Henriques, tem sido uma excepção bemfazeja para as Correcções em Portugal, as quaes lhe devem a vida e alento. Quando se fizer a Historia de taes estabelecimentos penaes e educativos, mandará a justiça absoluta que o nome d'esse ministro seja singularmente celebrado, com reconhecimento de todas as almas bem formadas e de todas as intelligencias cultas, — excluindo-se do assumpto as divergencias politicas.

Segue a noticia do *Seculo*:

A' CASA DE CORRECÇÃO

«No comboio da 1 hora e 45 minutos da tarde, seguiram hontem para Caxias grande numero de congressistas da secção VII (Neurologia, Psichiatria, e Anthropologia Criminal), que alli foram

especialmente para visitar a Casa de Detenção e Correcção de Lisboa, installada no antigo convento da Cartuxa.

«Na estação de Caxias, onde os congressistas chegaram cerca das 2 horas e meia da tarde, viam-se bastantes senhoras, muito povo e a banda, composta de rapazes da Casa de Correcção, que executou o hymno nacional.

«Os congressistas fizeram primeiro uma rapida visita ao palacio real de Caxias, seguindo depois para a Cartuxa, onde se demoraram bastante tempo, em minuciosa visita. A guarda de honra era feita pelos internados, e os congressistas foram recebidos á porta do edificio pelo sr. Silva Pinto, illustre director d'aquella instituição, rev. Oliveira, sub-director, professores e empregados.

«A visita começou pelas officinas, onde foram muito admirados os trabalhos executados pelos rapazes, passando-se depois aos dormitorios, casas de banho e demais dependencias, manifestando todos os visitantes a sua admiração pela boa ordem que em tudo ali encontraram, pelo que calorosamente felicitaram a direcção. Na cêrca, fizeram alguns dos internados varios exer-

cicios gymnasticos, sob a direcção do sr. tenente Passo, da guarda fiscal, exercicios que foram executados com particular correcção, e n'um pequeno palco, armado em uma das aulas, um recluso recitou em correcto francez, uma poesia intitulada *Le Laboureur et ses enfants*, sendo muito applaudido.

«Na egreja, que tambem foi visitada, os internados collocavam flôres na lapella dos casacos dos congressistas, a quem entregavam uns cartões de saudação, tambem em francez, agradecendo-lhes a honra da sua visita.

«Os congressistas mostraram-se deveras encantados e o sr. dr. barão de Krudener, director medico em chefe do hospital de alienados de Riazam, na Russia, e o dr. Louis Martin Pousépe, outro illustre medico official em S. Petersburgo, affirmaram ao director, sr. Silva Pinto, e ao sub-director, rev. Oliveira, que, ainda até áquella data, em nenhum paiz, tinham visto um estabelecimento d'aquelle genero, com tão superiores condições de perfeição material e de orientação moral.

«N'uma das dependencias do edificio, que esta-

va todo vistosamente ornamentado, foi offerecido um delicado copo d'agua, trocando-se por essa occasião enthusiasticos brindes, do sr. Silva Pinto aos congressistas, e de muitos d'estes ao director e sub-director do estabelecimento, effectuando por essa occasião a banda da Casa, dirigida pelo sr. Caldeira, algumas peças de musica do seu reportorio.

«Os congressistas vieram para Lisboa ás 4 horas e 45 minutos da tarde, e antes de se retirarem novamente felicitaram o sr. Silva Pinto, e rev. Oliveira, pelo estado a que chegou a instituição...»

CXIX

26 de abril. — Pergunta-me do alto Minho *um velho conhecido* se eu entendo sinceramente, que se deve votar no ex-progressista, logo dissidente, depois independente *Luiz José Dias* — especialista amador de *via larga*, para gloria e proveito do alambazado *susto*. Sinceramente lhe digo que votar em semilhante monstro de virtude é fazer pouco do *susto*, da *via larga*, mais do ver-

dasco de Monsão. O mais acertado seria conserval-o em semicupio, á espera de que em Roma sejam removidas certas difficuldades para beatifical-o, (não leiam *bestifical-o)*. A canonisação virá depois.

*

* *

A proposito :

Contava-me hontem o conego J. que em Barcelona, n'um convento, acabára de morrer em cheiro de santidade, a catitissima *Soledade*, que em Lisboa se baldeara da devassidão á devoção e á penitencia. Em cheiro de Santidade — a catitinha ! Que ella exalava um cheiro a peccado — capaz de enfileirar um asceta com os precítos da Luxuria ! Pecado assim é fusão da Natureza e Arte ; mas vede vós como se tocam os extremos...

Pensava eu agora no cheiro do santarrão da *via larga:* um mixto de simonte, de verdasco, e de agua benta — choca. Pois não soffre duvida que os dois purificados — o levita e a catita —

vão entrar na beatificação (não leiam *bestificação!*), depois no Paraizo, mais tarde na canonisação. Ainda heis de vel-os em andores de procissão, d'olhos em alvo, queixo caído e empunhando *sustos*, á laia de palmas do martyrio!

E assim se tocarão os extremos — a fealdade e a gentileza, — vinculadas pelo peccado e pela contricção.

*

* *

Sinceramento e muito a sério, digo ao meu *velho conhecido* do alto Minho — que se não deve votar em similhante vulto. Não só porque elle seja um transfuga das hostes de José Luciano — seu inventor e bemfeitor, — e não só porque um *independente* está na dependencia de todos (subi do padre a José Dias Ferreira), mas porque os eleitores ruraes, que não vivem das intrujices politicas, mas do seu trabalho honrado e exaustivo, precisam de eleger homens que por elles trabalhem, que se interessem pelos seus soffrimentos e pelas necessidades da região que os elegeu: que sejam dedicados representantes do

povo — para em côrtes o representarem, repellindo véxames e aggravos e estudando as origens da prosperidade publica, — e não intrigantes politiqueiros de escada abaixo, sem fé, sem principios. sem auctoridade, sem influencia, — com visões de *via larga*, e com o *susto* ora em escabeche, ora em semicupio.

Eleitores filhos do Trabalho ! Já é tempo de tomar juizo, se não quereis que vos esmague uma tutela de arrocho — provocada pela vossa estupidez !

CXX

27 de abril. — Curioso espectaculo é sempre esta coisa que eu conheço desde que observo : toda a gente vinculada por interesses, por dever, a acontecimentos imminentes — esfregar as mãos, em impaciencia patusca, para gosar o que *os outros* farão, ou deixarão de fazer.

Quaes *outros ?*

Para cada um dos circunstantes, *os outros* são — *todos os outros.*

.....

Ninguem se reconhece actor na comedia-drama : cada um se julga espectador.

E assim se desinteressa cada um — dos seus direitos, dos seus deveres, dos seus intentos, da sua dignidade.

E não lhe vejo volta. São incorrigiveis, ou eu não sei nada da grande Correcção Humana.

*

* *

A esta hora, tenho notado, toda a gente fala, mais ou menos, das *eleições de domingo.* E com frenesi e n'um grande regalorio, brada o indigena :

— «Vae haver lambada !»

Ninguem diz esta variante que seria pelo menos, honesta :

— «Não teremos remedio senão arriscar a liberdade e a pelle. Não soffreremos toda a vida o pé no pescoço».

Ainda não ouvi assim reclamar quinhão de responsabilidade. — «Que acontecerá ? Que fará *esta gente ?*» pergunta-se. E já ouvi accrescen-

tar : — «Eu não saio de casa ; não vou a apertos. — Eu vou logo de manhã para fóra de Lisboa : para onde não haja eleições».

Oh ! as conquistas do cidadão: o *jury*, o *sufragio*... e uma albarda e a competente serrilha para as cavalgaduras !

*
* *

Lá está no circulo de Vianna do Castello, a propor se como *fusionista*, o padre Luiz José Dias.

Traiu Alpoim, logo que o suppoz condemnado no paço das Necessidades.

Traírá de novo os progressistas, mais os seus alliados eleitoraes, no dia em que o desdem, a que está afeito, lhe tirar as ultimas esperanças de sair do fetidisssimo semicupio em que mergulba o *susto*.

O que falta é que da massa eleitoral escorra gafaria que o arraste do semicupio á urna ! Vamos lá a vêr — como é da praxe nacional — se ao menos um instincto de boa Esthetica não le-

vará essa gente a repellir uma *representação* de simonte e de verdasco!

NOTA, em 29 de abril, dia das eleições:

Elle não foi eleito. Acabou-se a lenda truanesca do *seu* predominio.

A' saude dos eleitores do *seu* antigo burgo! A virar!

CXXI

13 de maio. — Acabo de lêr, n'uma correspondencia de Cintra á imprensa de Lisboa, a noticia de um sobrinho haver assassinado um tio. Olhem para estes trechos da noticia, em referencia ao sobrinho:

«Para isso, adquiriu uma pistola de dois canos, e desde então não abandonou mais essa arma, dizendo a toda a gente que com ella havia de matar o tio, por elle lhe ter tambem assassinado a mãe. E essa idéa de vingança aferrou-se-

lhe de tal modo no cerebro que não tardou em transformar-se n'uma monomania obcecante e perigosa».

Refere o homicidio e diz :

«O criminoso é mal encarado e não gosava em Cintra de grandes sympathias. A tragedia, apezar de se ter desenrolado a uma hora adeantada da noite, produziu a maior sensação n'aquela villa.

«A policia de Lisboa, destacada em Cintra, é digna de todo o elogio, por ter conseguido prender tão rapidamente o feroz assassino».

De modo que ao accusar o *tio* de lhe haver assassinado a *mãe*, o *sobrinho* é um louco; e dando cabo do *tio* é um antipathico sujeito e um assassino feroz.

Logo á primeira vista, um correspondente d'esta ordem affigura-se-nos apenas um idiota perverso, mas inoffensivo. E' perigoso. Os seus dizeres suprá são já escorrencia de mexerico saloio, que hade influir no processo. Em regra, o poder judicial sabe pouco do officio.

Portanto é medonho o aranzel do estuporinho, enviado dos saloios á cidade.

*

* *

O poder judicial sabe, em regra, pouco do officio. Não sabe? Eu lhes conto um caso de ha dois annos e pico....

Veiu de uma comarca do Alto Minho, ahi por 1904, principios d'anno, *um menor* condemnado a dois annos de prisão maior cellular. Felizmente para elle, não deu entrada na Penitenciaria, mas na Casa de Correcção de Lisboa.

Ali se descobriu que a creançola condemnada a dois annos de prisão maior cellular *esperara, durante dois annos*, em diversas cadeias, desde o Minho a Lisboa, — *que se desse principio ao cumprimento da pena.* Isto se apurou na Correcção; isto foi communicado, e por um triz se livrou o menor de *dois annos de prisão a que fôra condemnado,* sobre *dois annos de espera* — por esquecimento das justiças.

*

* *

Mas até aqui só vemos relaxação. A ignorancia é o que já vos denuncio.

Em materia de Direito Penal é agora inutil a citação facil de numerosos tratadistas, e não é de superior utilidade manusear os modernissimos — com auctoridade firmada em paradoxos. Vou-me ali a um chavão que *todos* devem rigorosamente conhecer. É o celebre P.e Rossi, professor de Direito Romano na Universidade de Genebra. Pégo no seu *Tratado de Direito Penal*, edição de 1852, de Bruxellas; abro-o nas alturas de paginas 245 e leio o Capitulo XV, que se intitula *Da idade.*

*

* *

E' aquillo que abre assim :

«As faculdades intellectuaes e moraes do homem só se desenvolvem n'uma certa idade e pro-

gressivamente. Na infancia acha-se o homem sob o imperio da vida animal. Um estado de torpor domina o seu senso moral e a sua razão vacilla em absoluta fraqueza. E'-lhe desconhecida a natureza moral das acções humanas ; quando muito entrevê-as, mas através um nevoeiro ; as consequencias materiaes são-lhe indecifraveis.

«Irresponsavel perante a lei moral, desde que entrou na vida, não tem direito a justiça humana de lhe pedir contas das acções. *Infantem innocentia consilii tuetur.*

«Quando principia a responsabilidade moral do homem ? Quaes são os signaes demonstrativos d'ella ?

«O unico meio de reconhecer o desenvolvimento da razão no espirito da creança é a *indução*...»

*

* *

Mas, não me domina a mentirosa ideia de que sejam efficazes estas considerações ; pelo contrario, considero-as inuteis a uma tentativa de

desvio salutar. São aspirações. E são protestos. Condemna-se a inercia mental do juiz, a rotineira fereza do accusador e a irresponsabilidade lastimosa da maioria do jury. Tudo isto em regra, repito. Não vale a pena de continuar na apelação para o tratadista; mas é repellentemente cruel que diariamente, em 1906 da era de Christo, os tribunaes portuguezes *vejam* sistematicamente, no *crime*, a mão de *um malvado que é preciso castigar, a todo o custo*, e é horrivel e desalentador — que *uma creança* ali seja considerada *um homem* para o cruel e estupido apuro das *responsabilidades!*

CXXII

14 de maio. — Tem dado que fallar uma Provisão do Patriarcha de Lisboa, destinada a reprimir (?) abusos do clero. Em regra, o que diz respeito a cazamentos e enterros, no sentido de reprimir a furia gananciosa na cobrança de emolumentos, etc., parece-me acceitavel. Mas ha

n'outros pontos da Provisão caturrices que não abonam o criterio do prelado ou dos seus inspiradores.

Por exemplo.

— «Embora considere que o theatro «póde e deve ser uma verdadeira escola de moralidade», o sr. Patriarcha declara que «incorrerá em suspensão de suas ordens o clerigo que, uma vez advertido, continuar a ser encontrado em um theatro, circo ou tourada, ou ainda em qualquer outra reunião impropria da dignidade clerical».

Concebe-se que não frequente as touradas, nem os espectaculos immoraes, um ecclesiastico que respeite o seu estado; mas prival-o de ouvir musica em S. Carlos, ou n'um concerto, ou no Coliseu, onde actualmente se canta o alto reportorio, é absurdo que só um prior ajesuitado póde louvar, entre as amigas bruxas. Impedir que o padre assista á representação de uma peça de real valor litterario e moral é proprio de um criterio de sacrista, ou de frade borra.

—«Recommenda a todo o clero o maior escrupulo na materia na missa. Ha hostias de pó de

arroz e vinho de maçãs, materia que não é valida, devendo apenas servir na missa hostias de trigo e vinho de puro sumo da uva».

Tem esta disposição, méramente disciplinar, feito rir sujeitos foliões. Não vejo ahi materia para riso. Noto que o sabio Patriarcha de Lisboa, — que já em tempo de epidemia *receitava* a desinfecção das ventas, — é mésinheiro e seringador, como velha dona de casa. Não quer Deus no pó d'arroz, mas no trigo ; pois eu sei de muitas divindades que abusam do pó d'arroz — desde os altos aos baixos, tornando-se mais adoraveis quanto mais abusam. E, a respeito de *summo da uva*, é talvez de obnoxia suggestão o que aos seus padres o Patriarcha recommenda.

A não ser aos que lhe carregam no verdasco. Esses não carecem de conselhos.

—«Fica prohibido levar o Viatico de carruagem».

Não tem defeza um tal disparate. O Viatico póde ser pedido com urgencia, ou póde chover torrencialmente quando o reclamem. Em qualquer dos casos, o uso de carruagem impõe-se.

Note o prelado de Lisboa — que a demora do

Viatico póde tolher a salvação de uma alma. Veja em que se mette o Patriarcha!

*

* *

E' deploravel, sobre tudo, que Sua Eminencia, com vontade de fallar, não dissesse alguma coisa urgente. Prohibisse aos clerigos eleiçoeiros, os *padres sopas*, os desatoros de galopinagem; — aos devassos, que toda Lisboa conhece, embargasse as proezas de sacristia; — castigasse a intemperança dos bebedos: impellisse-os, a todos, á Caridade, ao Trabalho, á Abnegação, aos bons exemplos e ao bom conselho — e cumpriria o Patriarcha um correcto dever, aliás magnificamente pago por 4:500$000 réis por anno. Assim, é caro, é inutil e é ridiculo.

*

* *

Diz-me um dos meus tres leitores effectivos— que a Provisão do Patriarcha deve offerecer mar-

gem a outros commentarios — além dos que eu formulei. Offerece. Por exemplo, os seguintes:

Reformar os maus costumes, mediante a *intimação* aos relaxados, não é *reformar*: é dizer tolices. Isto justifica o desdem dos *intimados*. A relaxação do clero é conhecida, mas não são desconhecidas as origens d'ella. Estão na pessima educação ministrada nos seminarios e, depois, nos maus exemplos dos prelados. Isto, em regra, entende-se; e pobres das sympathicas excepções! Ninguem accusará de libertinagem, ou de intemperança, o sr. Patriarcha de Lisboa; mas como explicaria Sua Eminencia, em Roma, a sua indifferença no caso de um parocho de Lisboa lhe haver communicado actos indecorosos de outro parocho? Provaria uma syndicancia immediata—que um prelado austero e cumpridor dos seus deveres descobrira, para o immediato castigo, um levita devasso ou um infame calumniador: em todo o caso, um clerigo infamissimo. E do castigo resultariam—purificação da Egreja lusitana, lição ao clero e auctoridade moral para o prelado.

O senhor Patriarcha nada fez. Quem lhe em-

bargou o procedimento salutar ? Foi a Tibieza? Então, que significam as actuaes energicas de reformador? Foi a Politica ? Em tal caso, recolhe-me ao silencio — para que alli aquelle idiota me não chame *descortez*...

*

* *

E' geralmente conhecido isto de Littré:—«Não se modifica com uma lei o cerebro de um povo.» Nem com Provisões ineptas, retrogadas e ridiculas uma classe desorientada pelo mais relaxado abandono. Supponho que os padres visados pelo documento da mentalidade em S Vicente vão oppôr a resistencia da inercia aos intuitos reformadores. Se fossem marujos, fariam zaragatas. Variedade nos effeitos da mesma causa:— a *indisciplina* de alto a baixo.

Tudo isto está a pedir Diluvio !

CXIII

15 de maio. — Em meio de *tudo isto* brindou-me hoje o caprichoso Destino com uma noticia consoladora, d'estas que reconciliam interinamente um homem com a Sociedade. Refiro-me ao caso de haver o governo francez nomeado a viuva do illustre sabio Currie, para a regencia da cadeira vaga na Sorbonne por morte d'elle.

Toda a gente applaudiu, com mais ou menos sinceridade, é natural, o pagamento do duplo tributo — á memoria do grande morto e á sua illustre mulher.

O meu visinho, o ricaço do predio dos azulejos, disse-me — que era uma bonita acção do governo francez. Eu tive uma hora de bem-estar, durante a qual me esqueci de *tudo isto.*

Prolongou a minha feliz disposição de espirito uma narrativa do sr. dr. Antonio José de Almeida ao partido republicano (*A Lucta* de 14 do

corrente), na qual o austero revolucionario reproduz os seus dizeres ao juiz de instrucção criminal, e, entre elles, os seguintes :

— «Dir-lhe-hei, sr. conselheiro, que eu, sendo revolucionario, detesto chinfrins e desordens. E' preciso distinguir as coisas. Levar um povo á redempção, por meio de um acto violento, com a condição de esse acto ser honrado e leal, é nobre. Conduzir uma multidão á chacina, sem justificação e sem necessidade, é criminoso Mas aconselhar o povo a que suffoque cobardemente no seu peito a nobre aspiração do seu ideal, é uma indignidade civica, que deshonra, para todo o sempre, quem a praticar...»

E mais :

— «V. ex.ª não tem deante de si um conspirador vulgar, retorqui eu. Sou revolucionario na ampla, larga e humanitaria acepção da palavra. Antipathiso com a violencia Detesto o sangue. A vida humana é para mim uma coisa sagrada, que só póde ser tirada por quem, em combate leal e por motivo justo, arrisque a sua tambem. Represalias, vinganças, levando victimas ao candieiro, ou empilhando-as nas prisões, são uma

coisa abominavel, que me repugna, e a palavra Revolução, para mim, não vale, nem domina pela violencia da sua technica, que é inevitavel, mas sim pela famosa agitação de ideias, que promove.»

Ainda:

«Não sou um conjurado da Republica, nem comparsa romantico de associações secretas. Sou simplesmente um agitador republicano, um tribuno do povo, que deseja que se crie, desenvolva e propague, na Patria portugueza, um espirito novo de rehabilitação e progresso. A Revolução que eu quero é aquella que, trasbordando das almas, fecunde toda a raça portugueza com o seu praia-mar redemptor. Ha de essa Revolução, para materialmente triumphar, trazer violencias? Que traga, e serão legitimas todas as que forem leaes, condemnando eu, agora como sempre, as que forem traiçoeiras ou dispensaveis.»

... Não se pensa, nem se diz melhor.

Vamos ali abaixo, para esquecermos a *pórca vida.*

Explorando em Coimbra a alma generosa e enthusiasta da mocidade academica, bradou o famoso estadista dos «carapaus», – José Dias Ferreira no pateo do Pimenta,—«que a lei (do sr. João Franco) contra os anarchistas se fez, porque era necessario *encontrar um meio de poder metter na cadeia, sem crime, sem prova e sem sentença, todos os republicanos de Lisboa.*

Ha mais de doze annos que a tal lei existe e até agora o sr. *Dias dos carapaus* não disse uma, nem duas, contra ella. Só depois de perder a esperança de o rei o chamar á renovação da pouca vergonha da sua presidencia, é que lhe dá para protestar, appelando para a boa-fé e generosidade dos rapazes.

Que fétida escorrencia de gafaria corrosiva!

Vem na «Lucta» um *suelto,* que eu tenho indicado a toda a gente que me diz não ter lido. E' o que ha de mais completo no genero — troça, concisão e ferro quente. Vejam isto :

Defende-se aquelle jornal de uma affirmação progressista : a de haver augmentado a sua tiragem, como todos os jornaes republicanos, e diz :

«N'estes ultimos dias até temos perdido algumas assignaturas... de progressistas, por nos mostrarmos pouco republicanos.»

Bella coisa !

CXXIV

16 de maio. — Não devem ter esquecido que ha dias o *Temps*, de Paris, deu Theophilo Braga por fallecido no seculo passado e deu por inutil a errata, quando alguem lhe indicou a tolice Decerto não é obrigada a especie de *jornalista* que tolejou no *Temps* a conhecer a litteratura portugueza, mas ninguem o obrigou a tolejar fóra da sua.

Agora me escreve, de Alexandria (Italia), o sr. professor (?) Luigi Zuccaro : — que traduziu o *Livro de Consolação* de Camillo Castello Branco e que destinou aquelle e outros trabalhos ao *comité* que se formou em Lisboa para festejar o

centenario de Camillo. Eu não quero emparelhar o Italiano com o filho das Gallias; mas deploro que, em regra, só produzam dislates ou erros, quando de nós escrevem, os *Formonts*—uns de paizes varios, a quem Anthero de Quental chamou *Os incriveis internacionaes.* Como as tempestades lá de fóra nos devem fazer amar o nosso cantinho!

Cá por mim, prefiro o *Retiro do Bitocas*, na estrada de Sacavem, á Academia Franceza; e não peço o *habito de Christo* — receiando que o julguem a *Legião de Honra.*

Adiante!

Tem a palavra uma mulher:

«As faculdades do conspirador excluem as faculdades do fundador. E' raro que saiba construir quem sabe destruir. Os que fizerem a revolução forçosamente serão incapazes de organisal-a. Não se faz a colheita com a charrua.

«Não só o fundador e o conspirador teem oppostos o espirito e caracter, mas naturalmente divergem os seus corações.

«Conspira-se com o *odio.*

«Organisa-se com o *amor*

«O espirito da conspiração é o estudo das faltas, é a procura das chagas, é a escolha das manchas e das sombras; o espirito de organisação é, pelo contrario, o exercicio da esperança, o estudo dos recursos, a sciencia dos meios, a procura das forças e das ideias generosas e fecundas.»

... Isto é de Madame E'mile de Girardin, — escriptora illustre e mulher encantadora e honesta, — nas suas deliciosas chronicas de 1836 a 1848, no jornal *La Presse.* Vem na chronica de 30 de junho de 1848.

Parece de um homem — a valer. Pois não parece? Só lhe falta, para completar a ideia:

— E' indispensavel que tal *odio* preceda tal *amor.*

CXXV

17 de maio. — Acaba de cahir o governo regenerador, e toda a gente em Portugal se acostumou, de ha muito, a julgar o partido que elle

representa o mais affeiçoado ás instituições monarchicas do paiz. Parece desenhar-se a situação expressa n'esta phrase nacional: — Ninguem sabe o que será o dia de ámanhã.

Como quer que seja, o que dia a dia forneceu assumpto para este livro ahi fica inalteravel — separando-o, é claro, dos acontecimentos de hoje.

CXXVI

21 de junho. — Pondera-me um rapaz que ha quatro dias foi meu correspondente, do Minho:

— «Creio que *n'isto* se pensa quando entramos na velhice, mas eu muito *n'isto* me preoccupo aos 25 annos. Que lhe parece: *tudo terminado* — soffrimentos medonhos e gozos celestiaes, quando a Morte chega? Ou parece-lhe que *continua?*

Creio que não continua — felizmente. Certo é que muito amamos, mas é certissimo que muito nos enganamos—amando. Cada velhaco! Cada egoista! E' como quando respeitamos. Cada patife!

De resto, eu sei tanto do que *ha de vir* ou *deixar de vir* como sabe a minha estupidissima creada Maria Augusta, de Oliveira do Hospital, e como o sapientissimo doutor Pachidermus, de Munich. Nada sabemos e nada existe em que apoiemos esta conjectura : — que nada existe.

Sempre — nada. Melhor ! E muito melhor é este assumpto do que a politica do Luiz José Dias em Monção, — com sustos e verdasco. E, porque é muito melhor, vou-me a recortar de um meu livro, *Alma Humana*, publicado ha um anno, o seguinte trecho sobre o *caso* :

*

* *

« — Mas a Morte ?

— Para lá vamos Você já viu um cadaver ?

— Já.

— E' claro, e ahi chega a nossa razão, que estão ali os restos *materiaes* : não é assim ?

— De certo.

— E que o espirito se foi : se separou, hein ?

— Mas para onde ? !

— Que lhe importa a você ? ! O que lhe dava cuidado era a carcassa — e ali a tem a desfazer-se. Não está lá o cerebro, a alma, o espirito, o que sente, pensa e soffre : ou extinguiu-se de todo, ou foi metter-se n'outro corpo — de recem-nascido, como vem no *Feu Bressier*, do Affonso Karr. Que tem você com isso ?

— O que eu tenho ? ! E' que vou soffrer *outra existencia*, e não sei para que estou n'ella guarado.

*

«— Bravo rapaz ! Ahi temos a quintessencia da candura ! Chegamos pois á mais terrivel conclusão : — a alma vem vivendo successivamente em diversos corpos, mas sem se lembrar dos *involucros terrestres*. Pelos modos, eu que sou, de 1848 até hoje, um pobre lisboeta contemplativo, fui talvez Julio Cesar — o Grande Romano, que gostava muito de mulheres bonitas e de vinho bom, e poderei ser no seculo XXIII um facinora hypothecado á forca e condemnado a esse final. Mas, se eu me não lembro de ter passado o Rubicon, nem de ter gozado o que o outro *eu*

gozou como rival e vencedor de Pompeu, nem de haver sido apunhalado por um bando de patifes, entre os quaes figurava o meu filho Bruto — que me inspirou o *Tu quoque!* — como devo eu temer a sorte do outro *eu* do seculo XXIII — réles mariolão condemnado á forca? Hein?

Sorriu, enxugando as lagrimas, o poeta, e disse-me esta coisa profunda:

— Bem. Vamos nós tomar alguma coisa?

— Mancebo! Eu folgo em havel-o chamado ao imperio do são juizo; mas não passaram impunemente sobre mim todos os annos que me encaneceram: não tómo nada fóra das minhas horas. Vá você tomar, e beba á saude da Morte. Que Deus a conserve: que, se ella falta, então é que temos espiga!»

Em 1895, após uma prolongada abstenção, resolvi sahir com o meu trabalho, das columnas do jornal para a publicação em livros. E no praso de dez annos para ahi teem desfilado uns vinte volumes — ou umas oito mil paginas approxi-

madamente. Vou fechar o meu livro de hoje com as ultimas paginas do meu primeiro livro de ha dez annos — *Philosophia de João Braz*. E' a contra prova da unidade do pensamento e do sentimento, fundamentaes, n'um demorado periodo de agitada producção.

Á ESPERA...

Amargo — o *azedo* — o *mysanthropico*: devo estas antonomasias a diversos escriptores da minha geração. E verbalmente dignam-se elles justificar por uns certos infortunios conhecidos da minha accidentada travessia o «estado d'alma» que lhes conquistou os epithetos. Está ahi um erro, que eu não deixarei medrar para confusão da Posteridade — a minha recompensa de quatro horas bem puxadas, sobre o momento em que eu me libertar da Vida. Auto-biographia não a faço, por que não se aggrave a modestia — que eu talvez possua; mas aproveito o caso, para uma simples palestra com os tres leitores

fieis — cá está a modestia ! — que me acompanham n'esta via dolorosa e comica.

*

Não é pelos meus infortunios que se explica, em boa verdade, a *amargura*, ou o *azedume*, ou a *mysanthropia* que os meus irmãos em Lettras denunciam e archivam em gazetas ou em livros e ha pouco fixavam n'aquelle retrato — vae sem adjectivo — com que me honrou o Columbano. Triste ideia fórmam da minha *philosophia* os que me julgam sossobravel a empuxões das tropelias directas do meu destino ! Intimos dissabores «que me embalaram o berço» e que me serviram de cortejo pela infancia e pela mocidade em fóra, irremediaveis desastres da boa-fé ao termo d'essa mocidade, perto de meio seculo de vida entre o quadrilatero do Egoismo, da Traição, da Ingratidão e do implacavel Odio dos Estupidos : tudo isto é pouco mais que um nada para quem um dia afivellou com segurança a couraça do Desprezo. «Ninguem é grande homem para o seu creado de quarto» —disse o Napoleão. Eu tenho

sido «creado de quarto» de quantos são Grandes na Humanidade toda.

Encarregado das Grandezas, possuidor dos segredos de *toilette*, — da *toilette* das almas, bem entendido,—como heide eu sentir *os meus infortunios*, se eu comparo, se eu confronto, se eu senti alternadamente o nojo, o dó, quando menos o desdem, pelas miserias de brilho intenso e pelo clamor das ovações ? !

*

Mas, —ó vaidade do impio ! como diria o prégador,—a couraça tinha uma falha, que eu conservei, sobre o coração. E, por ella, o pobre musculo sentiu, sangrando, as monstruosidades do vae-vem sinistro, — as que não se prendiam ao meu destino. E o sangrar perpetuo pôz-me nos olhos *aquillo que os outros accusam.* Vi o talento culminante de um meu collega infeliz, a debater-se na sua agonia dos sapatos arrombados que lhe não permittiam ir a casa dos Mecenas, a solicitar soccorro para si e para os filhos. Vi-o definhar-se e morrer sobre os filhos mortos e ouvi

sobre a noticia da sua morte as anecdotas immundas dos infames d'alma e pórcos de entendimento! Encontrei, ha dias, dois condiscipulos da minha infancia: um d'elles, intelligente e dignissimo, com os cabellos embranquecidos, a barba de duas semanas, o chapéu incrivel de revelações de miseria, o fato e as botas em competencia com o chapéu, o homem empregado publico com dezoito mil réis por mez, sem esperanças de promoção e chefe de familia; o outro — estupido sem mancha de lucidez, estava no supremo logar da nossa vida politica, considerado e feliz, *celebre* por suas inepeias de dirigente, quando não pelos seus escandalos abafados,—estupido e indigno! Vi sossobrar na miseria a mulher digna, abandonada, e vi cortejados na Avenida o marido ignobil e a croia resplandecente preferida. Vi os antros em que se despejam, das officinas, ou dos trabalhos do campo, cardumes de miseraveis, enfraquecidos pelos rigores do trabalho e das privações, e vi na alta sociedade, postos em moda, os rapazes de Lesbos, e o adulterio como escala para os pinaculos: e tudo isto cuspido, entre ameaças de *repres-*

são, á cara dos desgraçados! Vi considerados ineptos, idiotas, rotineiros, entre sorrisos de mofa dos pandilhas sem miolos e sem nervos, os homens que não concorreram ao Lupanar maximo, ou á Grande Vermelhinha e se conformaram com a sua pobreza! Vi a antiga consolação do povo — a fé religiosa—escamoteada pelos ciganos politicos, para final recurso em hora de perdição; e, de ouvido á terra, senti as convulsões dos miseraveis na escuridão dos antros,—e, ouvindo gritos de creanças, chôro de mães, imprecações dos desherdados, acreditei na Justiça por vir, — e esperei por ella...

E' o que eu faço, meus irmãos em Lettras: estou esperando e escutando,—e d'ahi a *distracção* que me não deixaria olhar pelos infortunios proprios — se me valessem a pena de que eu pensasse n'elles!

FIM

CRITICAS

CRITICAS

I

Do *Seculo:*

«*A Velha Historia.* — E' de Silva Pinto, o velho critico sempre acerbo, mas por vezes justo, em que pése aos optimistas do *Suisso*, cujas perfumadas luvas não folheiam «taes desmandos de linguagem». E a verdade é que na nossa sociedade não faltam d'esses Pangloss de cartonagem que não pódem ouvir verdades amargas, sem se horrorisarem e sentirem calefrios através do grande sympathico. Para elles tudo vae bem no melhor dos mundos.

«Mas nós, que conhecemos a obra do grande critico desde bons 30 annos, obra que mais e

mais no nosso espirito se accentua, á proporção que contemplamos a vastidão da provincia litteraria e politica que o escriptor vae explorando, diremos ao contrario d'esses optimistas, que, se o cauterio é duro, nem por isso deixa de ser quasi sempre, merecido.»

II

Do *Diario de Noticias* (C. de F.) :

«*A Velha Historia.*—Um espectador da comedia humana, critico, pensador e lettrado, que já tem visto muito — e ainda mais verá — deu-se desde ha muito, á desenfastiada tarefa de ir annotando no seu canhenho e transmittindo ao publico todos os cambiantes d'essa comedia, ora melodramatica, ora burlesca ; e raro é o anno em que elle não nos dê em volumes suas impressões e commentarios. E' Silva Pinto. Extranho aos protogonistas e á comparsaria, vê de palanque, desafogadamente, as peripecias da comedia. *De palanque* é até o titulo de um dos seus vo-

lumes. O publicado agora intitula-se *A Velha Historia*, e é o proseguimento das observações que ao auctor suggere o nosso meio social.

«Observações criticas, mas distanciadas da orientação e processos dos famosos *Combates e Criticas*, tres grandes volumes de Silva Pinto, prefaciados por Camillo. N'esse tempo as observações do escriptor desatavam-se em largas criticas inclementes ; Silva Pinto brandia o latego de Juvenal e avergoava sem piedade os ádipes dos comediantes sociaes. Decorreram os annos, e o advento de uma pacata e serena philosophia tornou humoristicas, e levemente causticas, as annotações escriptas do espectador da comedia. A leitura, assim, tornou-se, além de suave, essencialmente recreativa ; e a *Velha Historia*, por exemplo, é um enorme, mas desenfastiado *autem genuit* de anedoctas politicas, sociaes e litterarias, condimentadas d'aquelle sal ático que é apanagio de espiritos claros, possuidores dos *segredos* de uma linguagem tersa e castiça.

«*A Velha Historia* não remonta a afastados tempos : são, por assim dizer, ephemerides portuguezas do 1904-1905 : pertencem ao passado

mas são de ha dois dias. *Velhas*, porém, as podemos dizer, porque a nossa comedia politica e social não é de hoje nem de hontem, e porque reflectem a enscenação caprichosa e pinturesca de uma sociedade que, desde os campos de Alcacer-Kibir, tem vindo até nós, aos solavancos, aos encontrões, entre momices truanescas e esgares de epilepticos, sem uma orientação definida e segura, ao grado da ventura e da inepcia... Historia portugueza, pelo menos o lado comico da Historia portugueza, ás vezes tristemente comico, — porque ha comedias que fazem tristeza, — a *Velha Historia* abre-se agora, para quem a saiba ler nas linhas e entrelinhas.»

III

Do *Combate*:

A *Velha Historia*. — Por Silva Pinto.

«Sento-me para escrever e abro o coração, em vez do cerebro. E' d'aquelle musculo que eu pre-

tendo tirar o que vae cahindo da penna sobre o papel, quando fallo de coisas espirituaes.

«Um livro bello e bom é uma coisa espiritual. Então, quando o firma um nome que nos é querido, seja por que razão fôr, a espiritualidade sobe de ponto e o livro torna-se alguma coisa de sagrado.

«Ha tempos que desejo fallar de Sllva Pinto, duas palavras só, de affecto, de homenagem. Porque, nem elle o sabe. Não me conhece, não nos conhecemos pessoalmente, o que não obsta a que eu sinta por esse bello Espirito o que quer que seja de veneração, de sentimento fraternal.

«Isto mal se pode confessar, dizer assim em publico, especialmente em nosso paiz, onde ordinariamente, a solidariedade é quasi desconhecida e escribas usam da penna com um intuito reles de que cada palavra lhes renda um elogio ao que tenham feito, ou pretendam fazer. Quem me diz a mim que não haja quem me attribua o mesmo intuito!

«Haja. Não me importa. Disse o que fica. Não direi, no entanto, o que desejo; impede-me o meu estado de saude...

*

* *

«Fallar d'este livro é simplesmente aproveitar o ensejo para fallar do autor, como digo acima : duas palavras só, de affecto, de homenagem. Silva Pinto é um dos nomes inscriptos nas paginas do livro inedito que cada um de nós tem muito intimo, guardado no escrinio do Sentimento.

«Foi ha annos. De visita á minha aldeia, fiquei doente. Tinha que demorar-me. Para distracção, procurei ler. Pedi um catalogo de livraria, folheei-o, chamou a minha attenção esta obra — *Combates e Criticas.* — Pedi a obra, e li, li; quando acabava, ficava-me uma impressão forte e duradoura, tanto que jámais se extinguiu. Desde então, nunc adeixei de ler o que me apparecia do auctor dos *Combates e Criticas*, e no brilhante jornal portuense — *A Voz Publica* — era a *Carta de Lisboa*, como ainda o é hoje, o que lia em primeiro logar.

«E, note-se, o que me prendeu mais ao escri-

ptor não foi o talento, que o tinha e tem, foi aquelle altissimo caracter, aquelle espirito independente, rebelde a todas as convenções, a todas as transigencias menos decorosas, a todos os preconceitos e privilegios, a todos os respeitos onde transparecesse o que quer que fosse de lisonja, de vaidade, de egoismo, de hypocrisia. O que me prendeu foi aquelle desprezo por todas as formulas despreziveis, aquella voz poderosa e vigorosa que elle erguia, irreverente e demolidora, a favor de todos os opprimidos, contra todos os oppressores, aquelle clamor justiceiro e vingador contra tudo que representasse Iniquidade.

«Depois, o que elle soffreu ! Que energia formidavel lhe não foi preciso dispender, e com que heroismo quebrava estorvos e obstaculos, avançando altivamente e denodadamente para o seu fim ! Triumphou. Não ha duvida; mas a sua alma escorreu sangue, muitas vezes, ao vêr como a mediocridade e a baixeza de caracter triumphavam antes d'elle, sem esforço, nem sacrificio. E não era a inveja nem o despeito, que não cabiam certamente na sua grande alma; era o ver-se

rodeado dos bandos famelicos e indignos que escandalisavam e feriam o seu fundo sentimento de civismo, era vêr-se no meio d'um povo de opprimidos e explorados, ignorante e incapaz de uma reacção nobre, caminhando ou, antes, cahindo n'um abysmo em cujas voragens desappareceria sem gloria e sem honra...

«Ahi estão todos os seus livros. Quantos, depois dos *Combates e Criticas* : *Noites de Virgilia, Pela Vida fóra*, *Alta noite*, *O Mundo Furta-Côres*, *Moral de João Braz*, *De Palanque*, *No mar morto*, *Por este mundo*, *Alma humana*, *No Coliseu*, *Riso Amarello*, e outros ainda: toda uma obra vasta e intensa, onde vibra uma constante indignação, uma voz infinita de revolta e piedade, de justiça, de amor e de paz.

«Depois de todos esses, veio agora a «Velha Historia», e virão mais ainda, porque, como disse o brilhante poeta e prosador Mayer Garção, «se tem diminuido a intensidade da sua lucta, nem por isso a sublevação da sua consciencia contra tudo que se lhe affigure iniquo e mesquinho deixa de transparecer, a cada momento.» E porque, tambem, a sua lucta é cada vez mais

necessaria, como é necessario o seu exemplo, embora seguido por tão poucos; mas poderá, d'uma hora para a outra, despertar a attenção e o estimulo da mocidade portugueza para o *Trabalho como Dever*, para a consciencia e o sentimento civicos, indispensaveis ao erguer d'esta pobre nacionalidade da inconsciencia, do marasmo, do abatimento d'uns, da maldade, do egoismo, das garras esphaceladoras d'outros.

*

* *

«Chego aqui, ainda nada disse e nada posso dizer. O meu desejo tem de ceder o logar ao congestionamento, que principia. O espirito de Silva Pinto ha de entrever que o meu espirito fica vibrando no anceio de dar expressão graphica ao pensamento, — que o meu estado pathologico interrompe...»

José Augusto de Castro.

Com o titulo *Theorias de João Braz*, remetti, vae em dez annos, a uma casa editora, do Porto, o *original* para um livro. O editor embolsou-me da importancia combinada e perdeu o original.

Dois annos depois, reclamou-o. Fiz-lhe lembrar certas circumstancias demonstrativas do seu engano: de que era eu quem, havia dois annos, esperava a publicação do meu livro, tendo-o feito annunciar nas capas de outros llvros meus—taes como *N'este valle de lagrimas, A queimar cartuchos, O Riso amarello* e *Noites de Vigilia*. Terminava eu, insistindo pela publicação das *Theorias de João Braz*, por mim entregues, dois annos antes.

Até hoje não saiu o livro, nem recebi réplica. Se agora tóco no assumpto, é admittindo a hypothese de o *original* apparecer —depois de eu haver desapparecido. Se assim fôr, declarado fica—que da casa editora —Lopes & C.ª, do Porto,—recebi a combinada importancia.

Lisboa, 1906.

SILVA PINTO.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

PQ
9261
S55C64

Silva Pinto, Antonio da
Ao correr do pello

LISBOA

FARCERIA A. M. PEREIRA

EDITORA

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 04 02 10 004 7